

Botando corpo (re)fazendo gêneros

Uma pesquisa etnográfica sobre travestis e drag queens



Anne Christine Damásio
Tese de Doutorado

UFRN
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN

ANNE CHRISTINE DAMÁSIO

**Botando corpo (re)fazendo gêneros: uma pesquisa etnográfica sobre travestis
e drag queens**

**NATAL/RN
2009**

ANNE CHRISTINE DAMÁSIO

Botando corpo (re)fazendo gêneros: uma pesquisa etnográfica sobre travestis e drag queens

Tese de doutorado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

ORIENTADOR: Prof^a Dr^a Elisete Schawde.

NATAL/RN
2009

Catálogo da Publicação na Fonte
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

D155b Damásio, Anne Christine.
Botando corpo (re)fazendo gêneros: uma pesquisa etnográfica
sobre travestis e drag queens / Anne Christine Damásio. – Natal,
2009.
157f.

Orientador: Elisete Schawde.
Tese (Doutorado em Ciências Sociais). – Universidade Federal
do Rio Grande do Norte.

1. Sexualidade – Gênero. 2. Corporeidade. 3. Travestis. 4.
Drag queens. I. Título.

UFRN

CDU: 316.346.2

ANNE CHRISTINE DAMÁSIO

Botando corpo (re)fazendo gêneros: uma pesquisa etnográfica sobre travestis e drag queens

Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

ORIENTADOR: Prof^a Dr^a Elisete Schawde.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a. Elisete Schawde - Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN,

Prof^o Dr. Edmilson Lopes Júnior
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN,

Prof^o Dr. Carlos Guilherme Octaviano do Valle
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN,

Prof^a Dr^a. Gláucia Helena A. Russo
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN,

DEDICATÓRIA

A Bia, minha filha, por ela ser assim, toda compósita de doçuras, agrados, e frases carinhosas. Pelo respeito a todas as diferenças. Por ela saber efetivamente quem eu sou e me amar apesar de mim.

A Dani por tornar minha vida mais leve e por me mostrar a necessidade de continuar sempre.

AGRADECIMENTOS

"Para mim, atualmente, companheirismo e lealdade são meio sinônimos de felicidade. Meus amigos são muito fortes e muito profundos, são amigos de fé, para quem eu posso telefonar às cinco da manhã e dizer: olha, estou querendo me matar, o que eu faço? Eles me dão liberdade para isso, não tenho relações rápidas, quer dizer, tenho porque todo mundo tem, mas procuro sempre aprofundar. E isso é felicidade, você poder contar com os outros, se sentir cuidado, protegido. Dei esse exemplo meio barra pesada de me matar....esquece, posso ligar para ver o nascer do sol no Ibirapuera às cinco da manhã. Já fiz isso, inclusive." (Caio Fernando Abreu)

Este trabalho é o resultado final de meu curso de doutorado o qual seguramente foi mais extenso e diverso do que o texto aqui apresentado. Texto que se constitui a partir de um entrecruzamento de pessoas (que passaram pela minha vida no tempo de duração da pesquisa, e sobretudo daquelas que permanecem ao meu lado) acontecimentos, percepções, insights, reflexões, construções de novas idéias, formas de ser e estar no mundo pautada numa lógica de construção gradativa do bem viver. Escrever este "agradecimento" é resgatar um pouco desta história, nomear aqueles que ajudaram a construí-la. Gostaria de agradecer nominalmente a todos, mas sei da impossibilidade de tal tarefa, espero que aqueles que eu não citar se sintam parte e parcela dessa construção. Quanto as pessoas que estiveram presentes mais intensamente é a elas que passo a agradecer em especial. Como se os agradecimentos fossem fragmentos de uma etnografia eterna.

A minha mãe muito mais do que sempre e a meu pai a quem admiro imensamente e com quem aprendi a amar os livros, pela eterna torcida para que eu realizasse meus sonhos para além de mim.

A Fabíola, Rosenilson, Ávila, meus eternos alunos e queridos amigos, pelas releituras dos textos, para que eu soubesse como soaria aos ouvidos alheios.

A Anicleide pelo afeto eterno, e por tantas vezes deixar sua dor de lado para cuidar da minha.

A Denise pela capacidade de objetivar meus delírios, pela parte prática de organização do texto e por permanecer sempre.

A minha orientadora Elisete Schwade pela apresentação a teoria feminista e de gênero, referencial teórico que utilizo no trabalho empreendido, e pela orientação nos momentos finais de feitura do trabalho, mesmo à distância.

Às minhas entrevistadas, que me trouxeram testemunhos e compartilharam de seus sonhos e desejos, em especial a Bia pelas lições cotidianas desse vir a ser, a Rebeca pela acolhida sincera e desmedida, a Shakira por me abrir as portas desse mundo que pretendia desvelar. Meus agradecimentos saudosos a Michelle, com quem conversei por duas vezes antes do seu assassinato na frente da boate Vogue. Porque no limite era sempre esses que me interessavam, como em Caio F. Abreu, “os que dançavam vadios no ar, sem fazer parte das nuvens, das árvores nem das casas”.

A meus novos colegas de trabalho, pela compreensão acerca do momento vivido, Dimitri, Sueli, Lauriana, Débora, Adriana, Wanessa e tantas outras pessoas que desejaram junto comigo que o trabalho se efetivasse.

Guardo uma imensa gratidão e admiração a uma pessoa em especial: Alípio de Sousa Filho, meu eterno orientador, “meu primeiro mestre que procurarei invencivelmente ouvir(...) a ele eu havia inicialmente falado, do meu projeto inicial de trabalho; com toda certeza seria imprescindível para mim que ele assistisse a esse esboço e que me ajudasse uma vez mais em minhas incertezas”.

Agradeço ainda ao CNPq pelo apoio financeiro, indispensável para a efetivação deste trabalho.

RESUMO

Apresento uma discussão sobre a fabricação do feminino nos corpos das travestis e *drag queens*, com vistas a compreender como as mudanças corporais empreendidas se relacionam com a construção das expressões de gênero. Tentando articular as reflexões acerca das relações de gênero e toda uma série de apropriações/atualizações do referido conceito, informada por um olhar etnográfico centrado nos grupos mencionados. Aponto os corpos construídos, como o lugar para onde converge as minhas inquietações, por serem portados como a principal marca identitária dos sujeitos assim construí o texto em questão a partir dessas pequenas histórias etnográficas que me foram reveladas, sobre esses sujeitos e seus corpos, esses sujeitos em seus corpos.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Corporeidade, Travestis, *Drag queens*.

ABSTRACT

I present a discussion on the making of the female body in the transvestites and drag queens, to understand how the body and the changes made are related to the construction of expressions of gender. Trying to articulate their thoughts on the relationship of gender and a range of appropriations / updates of the concept, informed by a focused ethnographic eye in the groups mentioned. Point bodies constructed as the place into which all my concerns, being ported as the main brand of the identity of the subject thus construct the text in question from these ethnographic short stories that have been developed on these subjects and their bodies, these subjects in their bodies.

Keywords: Gender, Sexuality, corporality, Travestis, *Drag queens*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CAPÍTULO 1 - DE COMO UM TREJEITO REVELA UM MUNDO.....	24
1.1 APREENSÕES ETNOGRÁFICAS: SOBRE VIDAS EM CORPOS	26
1.2 “PEITOS E POSES E APELOS”	28
1.3 ECLIPSANDO AS LINHAS DE FRONTEIRA: DA INCONGRUÊNCIA CORPORIFICADA	40
1.4 SEXUALIDADES, HOMOSSEXUALIDADES, HETEROSSEXUALIDADES... ..	43
2 CAPÍTULO 2: (SOBRE)SALTOS DA PESQUISA	51
2.1 UM OUTRO JEITO DE CORPO	55
2.2 DA NECESSIDADE DE CLASSIFICAR O QUE ME ESCAPA	57
2.3 IMPRESSÕES ETNOGRÁFICAS.....	60
2.4 QUANDO SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE SE (DES)ENCONTRAM	68
3 CAPÍTULO 3: BOTANDO CORPO E FAZENDO GÊNERO	75
3.1 USOS E DESUSOS DO CONCEITO DE GÊNERO	79
3.2 (IN)CORPORANDO: “OU DE COMO SER UMA “MONA TRUCADA”	88
3.3 CONVERSAS ETNOGRÁFICAS.....	91
3.4 SCRIPTS DE GÊNERO: “OU DE UM BOFE PARA CHAMAR DE MEU”	105
3.5 VOLIÇÕES DO FEMININO-DRAG	109
3.6 “DRAG NÃO NASCE, DRAG ESTRÉIA”	112
4 CAPÍTULO 4: ESPAÇOS DE EROTIZAÇÃO	126
4.1 “SE ESSA RUA FOSSE MINHA”: DAS ESQUINAS E PONTOS DE BATALHA.....	132
4.2 DE OUTROS CORPOS, DE VOZES DISSONANTES:	134
4.3 DAS BOATES: A FUGACIDADE DOS INSTANTES VIVIDOS	141
CONCLUSÃO:	145
REFERÊNCIAS:	148
ANEXOS	156



[...] sei muito bem que há certa violência em aproximar textos de horizontes tão distantes, cujo registro e tratamento teóricos são tão radicalmente diferentes. No entanto não posso me impedir de encontrar como que entonações(...)ou antes como que a ressonância abafada de um eco longínquo.

Comte-Sponville

INTRODUÇÃO

O que proponho a mim mesma, neste espaço de certezas instáveis, imagens metamorfoseadas em corpos e conceitos precários, é a eterna disposição do viajante/etnógrafo, sempre a caminho, sem desejos pragmáticos de chegadas que predeterminam as partidas, mas sem desprezar, contudo, as reflexões provisórias ofertadas pelas teorizações que, construídas em conjunto, pensam esses sujeitos e as representações fundadas e fundantes de sua existência no mundo social. Assim, seguirei deslizando entre fragmentos de teorias e perspectivas que tornem possível encontrar operadores de leituras para esses sujeitos que me proponho observar/analisar.

Situo a pesquisa em questão no campo dos estudos de gênero e sexualidade, destacando sobremaneira o lugar que a corporeidade ocupa, na medida em que seria centro de confluência e materialização, “lugar” onde sexo, gênero e sexualidade se encontram, observando que essas categorias não esgotam o repertório de composições corporais possíveis (entre)vistas em campo, sobretudo ao se considerar que a realidade tende a ser representada a partir de “categorias nitidamente contrapostas”. Sendo, como afirma Swain, “a binariedade talvez a principal categoria ordenadora do pensamento ocidental, que concebe o real em termos de opostos, de polos, cujo agenciamento se traduz em lutas e antagonismos”. (2005, p.18)

Dessa feita, os sujeitos pesquisados surgiam como capazes de revelar a ineficácia das nossas taxionomias, na medida em que a feminilidade inscrita nesses corpos anatomicamente masculinos não se reduz aos caracteres sexuais, mas a um conjunto de atributos de comportamento (re)avaliados, (re)negociados e (re)arranjados. O que afirma o aspecto subversivo dessas experiências, mas não as exime de compartilharem das representações acerca dos sujeitos sociais fundadas na lógica da binariedade.

Para fins de análise, privilegiarei debates empreendidos que poderiam ser inseridos dentro da perspectiva dos estudos *queer*, – termo que será apropriado e positivado apartando-se da conotação inicial, homofóbica, surgindo como um conceito, quando vem se contrapor à normalização, à heteronormatividade. Sendo a

ênfase da teoria *queer* voltada para uma “revolução conceitual”, como irá afirmar Joshua Gamson:

La teoría queer, con raíces en la historia y sociología construccionistas, la teoría feminista y la filosofía postestructuralista, se configuró en muchos de los congresos académicos de finales de los ochenta (...) Recientemente Stein y Plumer han delineado las desviaciones teóricas más importantes de la teoría queer: la conceptualización del poder sexual, representado “em diversos niveles de la vida social, expresado de forma discursivas e implantado mediante separaciones y divisiones binarias; la crítica de las categorías genéricas, sexuales y de las identidades em general. (2002, p.148)

Nesse sentido, para analisar, compreender e interpretar as narrativas dos sujeitos entrevistados, seguirei pensando a partir da perspectiva da Teoria *Queer*, dos estudos de gênero, dos Estudos Feministas e dos estudos gays e lésbicos (não percebidos aqui como homogêneos no que tange aos sujeitos pesquisados e às proposições teóricas defendidas), mas entendendo que “o conjunto de trabalhos publicados e das pesquisas feitas nesse campo são, primeiramente e antes de tudo, no que tem de melhor, avanços do conhecimento, das incitações ao pensamento, das provocações à reflexão”. (ERIBON, 2008, p. 21)

Perspectivas que ao contestarem a construção de uma identidade específica, criticando a produção de categorizações duais (assentadas na própria assunção da homossexualidade enquanto categoria de conhecimento, e por conseguinte da heterossexualidade enquanto o simétrico oposto legitimado), desviam a direção analítica (da liberação do sujeito homossexual) para uma análise das práticas institucionais e dos discursos que produzem práticas, fundadas em representações que organizam a vida social.

Importante salientar que questões concernentes a corpo/sexo, sexualidade, gênero/orientação sexual têm oscilado e, por vezes, confluído entre dois polos. Aquele que se poderia denominar essencialista fundamentando-se em formas trans-históricas de experiências, práticas e representações, assentadas em estudos biologicistas – onde o comportamento humano apareceria atrelado a explicações “naturais”, determinadas por mecanismos genéticos, biológicos e fisiológicos, e enquanto tal, não sujeitos a mudanças. E o seu oposto, que se poderia apontar a partir dos estudos construccionistas que privilegiam a descontinuidade, heterogeneidade e construções históricas. Assim, enquanto na primeira posição as

identidades aparecem como natural, fixa e inata, as segundas entendem-na como efeito de condicionantes sociais e de modelos culturais disponíveis. Nos estudos sobre sexualidades, como afirma Vale:

A polarização entre essencialismo (a homossexualidade como parte universal da nossa natureza biológica ou psicológica) e construcionismo (a homossexualidade como constructo de sistemas sociais, culturais, políticos e econômicos específicos) já mostrou suas limitações tanto na pesquisa da identidade essencial como na afirmação da diferença radical, somos empurrados para extremos superficiais que basicamente não conseguem apreender a realidade quase sempre confusa da vida. (2007, p.126)

Segundo Richard Miskolci (2007), a alusão à noção de teoria *queer* foi feita por Teresa de Lauretis com vistas a questionar as análises fundadas nos estudos sobre minorias sexuais e de gênero. O que levou a delimitação de um novo objeto de investigação: a dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais. Dessa forma, a perspectiva em questão surge como não alinhada com quaisquer categorias identitárias, sugerindo “uma leitura de mundo que leve em conta uma constelação de posições identitárias múltiplas e instáveis”. (JAGOSE *apud* VALE DE ALMEIDA, 2007, p. 91)

Acerca dessas perspectivas, gostaria de salientar a preocupação em pensar os sujeitos pesquisados considerando aspectos como subjetividade, singularidade – que sugerem uma mirada sobre as vivências e particularidades impressas em cada processo de fazer-se no feminino ou no masculino – alçado como fundante no processo de constituição dos sujeitos pesquisados, acionado aqui a partir da perspectiva que considera a constituição da subjetividade como aquilo que viabiliza as identidades, mas que permanece subjacente. Assim pensando a importância da subjetividade tal como referendada por Sherry Ortner, e entendida pela autora como “conjunto de modos de percepção, afeto, pensamentos, desejo que animam os sujeitos atuantes”, observo que a noção de processualidade impressa nas artes de produção corpórea dos sujeitos analisados, desloca-os do espaço de sujeição largamente outorgado, para o lugar de agência deliberada sobre si.

Para justificar a importância da subjetividade, Ortner irá apontar a importância de Clifford Geertz, enquanto um dos autores que tratará dessa questão. Na medida em que enfatizará a construção de significados e subjetividades através de complexos simbólicos presentes no mundo social. Geertz irá argumentar ainda que

a cultura enquanto um documento de atuação pública tanto expressará, quanto modelará significados, para os atores que participam do fluxo incessante do mundo social. Dessa forma, o autor preocupava-se com a maneira como os discursos e práticas sociais tanto refletem como organizam subjetividades.

Entretanto, é fundamental salientar que ao pensar a questão do sujeito aciono imediatamente a questão do projeto, do sentido, caracterizado pela reflexividade – que seria nossa capacidade de receber sentido para questioná-lo e por fim criar um novo sentido – um trabalho deliberado sobre-si e sempre inacabado. O que levaria a pensar com Hélio Silva (2007, p.196), quando o autor coloca a importância inquestionável de pensar a corporeidade desses sujeitos aliada às histórias de vida, uma produção não apenas corpórea mas sobretudo subjetiva.

Assim como tecidos, silicone, bijouterias, hormônios, também histórias de amor, de viagens, e de infâncias convocadas para a construção de uma mulher, que é corpo, que é forma de vestir, mas que é também uma cabeça (mentalidade) e história de vida, embora haja quem pense, a partir de um certo positivismo travestido, que tudo isso é apenas uma questão de corpo e acessórios.

Importante salientar que quando falo em corporeidade – como entendida por Le Breton (2003, p. 30) –, penso que a tarefa do antropólogo é compreender a corporeidade enquanto estrutura simbólica e destacar as representações, os imaginários, os desempenhos, os limites que aparecem como infinitamente variáveis como local de confluência e articulação entre sexo-gênero-desejo. Assim não incorro no positivismo travestido como apontado por Silva, apenas saliento que o corpo aparece aqui como lugar de materialização de um desejo de fazer-se, produção contínua, trabalho deliberado sobre-si, a exigir do corpo a tarefa árdua de lutar contra determinantes naturais, pelos no rosto e no corpo, vozes graves, falos a serem contidos com calcinhas minúsculas, que, no entanto, se mostram falíveis quando das intervenções tecnológicas, cotidianamente perpetradas contra esses vestígios anatômicos. Um processo cujo desenho final é o devir, a prova inexeqüível de que o humano se faz contínua e reiteradamente.

Digressões desejanter

Antes da apresentação dos capítulos que se seguem, torna-se fundamental mencionar como os corpos foram paulatinamente construindo-se, ao serem construídos pelos sujeitos pesquisados, em lugar de convergência para perscrutar as maneiras de existir, as formas de relacionar-se, fundados que estavam numa produção gradual assentada na interiorização/fixação de uma gramática corpórea capaz de gerir configurações desejanter, espaciais, gestuais, corporais. Assim, quando iniciada no mundo acadêmico quedava fascinada, e, arriscaria afirmar, obsediada por temas que me fizeram companhia ao longo de uma trajetória que, como a dos sujeitos pesquisados, não tem desenho final. Monotemática, segui pesquisando sexualidade e gênero, inicialmente a partir de uma etnografia em espaços voltados para o público homossexual, buscando pensar o afeto, o desejo e a sexualidade entre mulheres e observando as vivências onde esse desejo poderia se expressar; para tanto, elegi espaços de encontros voltados para o público homossexual, o que resultou na dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, intitulado: *Ilhas de Lesbos: uma cartografia do desejo orgânico feminino em espaços de lazer* (2001).

Mas, pensar o feminino naqueles espaços, as múltiplas configurações que essas posições sociais adquirem relacionalmente, demonstrava uma oscilação no repertório social, no que tange à lógica dual que rege as interações. Assim me deparava constantemente com as *drags queens* e algumas travestis, sempre em número menor se comparadas às primeiras, sujeitos que portavam marcas indelévels de um feminino quase que irretocável, ao passo que nos corpos biologicamente femininos ocorriam generalizações que seguiam o caminho “inverso”, inscrições de um masculino frequentemente negociado porque não estava definitivamente grafado na pele (percebido nos trejeitos, nas indumentárias, nas formas de portar-se como peculiares àqueles sujeitos).

Definidos os sujeitos a serem pesquisados, travestis e *drag queens*, me deparei com a revisão bibliográfica que apontava para um interesse cada vez maior acerca dos temas mencionados. O que sugeria a crescente incorporação dos estudos feministas, estudos gays e lésbicos – aqui particularmente estudos sobre

travestis, transexuais, *drag queens*, intersexos – e demonstrava que as temáticas mais diversas eram acionadas enquanto impulsionadoras de pesquisas, estando diretamente vinculadas ao reconhecimento, quando da interação entre o ativismo político dos movimentos sociais, a organização de políticas públicas e a renovação temática das pesquisas acadêmicas. Trouxe, para o cenário que resguarda os temas nobres das Ciências Humanas, uma produção bibliográfica acerca desse universo que “começava” a ser descortinado.

Da bibliografia brasileira que empreende discussões sobre identidade de gênero e “universo trans”, fundadas em pesquisas etnográficas, gostaria de aludir especialmente aos trabalhos de Hélio Silva (1993/2007), Don Kulick (2008), Cristina Florentino (1998), Marco Benedetti (2005), Anna Paula Vencato (2002), Larissa Pelúcio (2006), Berenice Bento (2006), dentre outros. Objetivando com isso traçar uma breve digressão rumo a uma produção que se inscreve no cenário acadêmico.

Hélio Silva irá empreender, em ambos os trabalhos citados – *Travestis: a invenção do feminino*, e *Travestis: entre o espelho e a rua* –, análises minuciosas do universo das travestis que se prostíbuiem na Lapa (RJ) e das suas relações com a sociedade circundante, focalizando com isso os inúmeros atores sociais que estabelecem relações sociais, afetivas, sexuais, com as mesmas. Num relato ensaístico e fragmentar, salpicado por histórias de vida, amor, violência, solidão, realização, prazer, vividas nas ruas poeirentas da Lapa, e em espaços outros quando assim se fazia necessário, um processo de imersão no cotidiano das travestis pontuado por detalhes que adensam a análise, reveladas na confecção de uma “peça etnográfica”, com viés literário. Assim, apresentar um cotidiano cru, que se ofertava à visão, possibilitou, segundo o autor, uma aproximação frente aos fundamentos éticos da antropologia, no sentido de construção paulatina de discursos contra a intolerância.

O trabalho enfocando a vida das travestis e defendido por Cristina de Oliveira Florentino, em dezembro de 1998, sob orientação do professor Hélio R. S. Silva, intitulado *Bicha tu tens na barriga, eu sou mulher: Etnografia sobre travestis em Porto Alegre*, priorizou a análise do cotidiano de alguns sujeitos que se pensavam enquanto travestis. A investigação antropológica foi realizada na cidade de Porto Alegre e problematizou questões que envolviam a construção da identidade de

gênero das travestis, trabalhando questões como subjetividade e estética, além de priorizar uma análise acerca da “inscrição social” destes sujeitos, a partir da observação das relações que mantinham entre si e com seus companheiros. Assim, Florentino se ocupou das transformações ocorridas no cenário social lançando um olhar sobre as práticas e as ideias que rodeiam estes lugares sociais.

Em *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*, Marco Benedetti (2005) realiza um trabalho etnográfico entre travestis que se prostituem em Porto Alegre. O estudo deslinda questões centrais na análise de tais grupos, na medida em que busca compreender através de um denso fazer etnográfico, como uma gramática de gênero aparentemente rígida foi constantemente (re)negociada no fluxo contínuo da experiência, na produção das identidades e construção gradual de uma corporeidade generificada das travestis. Para tanto, Benedetti realiza ampla revisão bibliográfica sobre as transformações de gênero na tradição antropológica, além de evocar temas centrais para a referida análise, tais como: corpo, gênero, homossexualidade. Sendo pertinente afirmar que a fabricação do feminino nos corpos das travestis revela a falibilidade das categorias analíticas utilizadas na compreensão dessas expressões generificadas, eivadas que estão de um caráter de fluidez claramente subversivo.

Já com Anna Paula Vencato tem-se o desenvolvimento de um trabalho de campo denso e tecido de forma delicada, com vistas a pensar as intrincadas relações estabelecidas no processo de transformação/montagem corporal de um grupo de *drags*, apresentada em sua dissertação “*Fervendo com as drags*”: *corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*, defendida em 2002. Para tanto, a autora enfatiza a dimensão não-pública do ato de tornar-se *drag*, assentado na lógica de um corpo que se faz, processual, em constante devir.

O trabalho de Berenice Bento (2006), *A reinvenção do feminino: sexualidade e gênero na experiência transexual*, está seguramente assentado na articulação fundante entre trabalho etnográfico denso e análise teórica de fôlego, com vistas a elucidar a experiência transexual, baseada em uma perspectiva comparativa realizada no Brasil e na Espanha. As narrativas entremeadas ao longo do texto permitem desvelar a pluralidade de significados que pode adquirir a experiência

transexual, sobretudo se considerado o viés da subjetividade como parte e parcela das histórias desses sujeitos. A densidade teórica tem como fio condutor os escritos de Judith Butler e a teoria Queer, além de uma digressão rumo aos primeiros estudos feministas, classificados em essencialistas e/ou universalizantes, e inseridos que estavam dentro de uma perspectiva binária e oposicional sobre o gênero. Uma das contribuições inestimáveis do trabalho de Berenice Bento é tornar possível olhar a transexualidade fora dos marcos patologizantes das teses oficiais, deslocando essa linha temática dos estudos das áreas que se outorgam o direito de tratá-los, enquanto realidades biológicas e, portanto, passíveis de serem patologizados, colocando-os dentro das Ciências Sociais.

Os dados e informações aqui apresentados são resultado da pesquisa realizada para elaboração da minha tese de doutorado, intitulada: Botando corpo e (re)fazendo gêneros: uma pesquisa etnográfica sobre travestis e drag queens, que teve lugar em Natal-RN. Estabeleci os primeiros contatos com os grupos a serem pesquisados no ano de 2005, onde pude coletar de forma assistemática, impressões, fragmentos, dados superficiais, fundados em observações que serviram como estratégias de aproximação para o mapeamento do campo que passou a ser realizado de forma sistemática a partir de janeiro de 2006 a 2007. Importante salientar que as entrevistas e convivência com Bia (uma das travestis que apresento na pesquisa) começaram a partir de laços de amizade que foram sendo construídos quando mudei-me para Caicó – interior do Rio Grande do Norte – com vistas a atuar como professora substituta no campus da UFRN, localizado na referida cidade, dessa forma os nossos encontros foram efetivados ao longo de 2005, e nos anos subsequentes. Quanto as drag queens, as minhas idas as boates voltadas para o público homossexual, enquanto freqüentadora serviram inicialmente de base para a aproximação com as mesmas.

O emprego do método etnográfico, as técnicas de observação participante, as estratégias de pesquisa que se afiguraram nos momentos do campo, a realização de entrevistas semi-estruturadas – que variavam de acordo com a disponibilidade dos sujeitos pesquisados - foram algumas das maneiras que utilizei para ter acesso a esses grupos.

Assim pude observar seis travestis com diferentes idades, origens étnicas e sociais e graus de transformação corporal. Acompanhando um cotidiano que se descortinou para mim em toda a sua grandeza, no sentido de acionar vivências compreendidas aqui a partir da idéia de que o acesso as essas são formas inimitáveis de reconhecer os elementos subjetivos como parte integrante das histórias humanas. Acompanhando-as de acordo com o nível de interação que foi se desenvolvendo ao longo da pesquisa, em suas casas, em passeios com finalidades as mais diversas, em idas a minha própria casa e em momentos relativos ao trabalho na prostituição.

Elegi inicialmente para pesquisar as *drag queens*, a boate vogue, localizada no Alecrim, bairro comercial da cidade, por ser a única boate que trabalhava com shows de *drags* semanalmente.¹, A partir desses encontros iniciais obtive acesso a dimensões das vidas desse sujeitos que nos trabalhos referidos a temática se apresentavam como interditos. Assim pude através do contato com Junior/Shakira – seja em sua casa, no camarim da boate, ou em outros momentos como o baile das kengas e idas a outros espaços onde a mesma trabalha - observar espaços apresentados e percebidos como interdito aos freqüentadores dos lugares de sociabilidade gays.

Um procedimento metodológico aplicado como forma de construir o contato necessário para efetivação da pesquisa de campo foi a aproximação através de redes conviviais ou redes sociais como definida por Barnes (1987)., ou seja, o pertencimento dos sujeitos a determinadas redes sociais, que oportuniza a vinculação dos indivíduos entre si. Importante salientar que o procedimento mencionado foi fundamental na condução da pesquisa com as travestis que se prostituem – em função dos laços estabelecidos nos territórios de prostituição e dos próprios locais de moradia - e entre as *drag queens* pelos laços estabelecidos nas boates e demais lugares relacionados ao processo de montagem, que será descrito ao longo do trabalho.

Os fragmentos etnográficos foram sendo costurados no texto em função das impressões retiradas do diário de campo; não priorizei um sentido cronológico,

¹ As apresentações de shows de drags começaram a ser incorporadas em outros espaços voltados ao público homossexual, mas profissionalmente e enquanto diferencial no que tange as programações, a boate vogue continua sendo a única a manter sua realização semanalmente.

utilizei as falas retiradas das entrevistas, o que comporia dentro da parte metodológica um recurso técnico oficial, bem como as impressões, os lapsos, as cenas soltas, os flagrantes de violência episódicas ou sistemáticas.

Contudo, busquei construir uma organização temática mínima, por considerar que algumas narrativas ou episódios narrados contêm em si muitas possibilidades de leitura temática, assentadas que estariam nas discussões que entendo passíveis de serem priorizadas na construção de uma análise sobre a produção processual desse corpo e do personagem almejado, tendo em vista que cada gesto, cada ato, cada fragmento acionado da memória, cada depoimento colhido converge para essa produção de si.

Percebi ao longo da pesquisa que a questão que norteava meu trabalho, a saber: a associação entre a feitura/fabricação do feminino nos corpos das travestis e *drag queens*, com vistas a compreender como as mudanças corporais empreendidas se relacionam com a construção das “identidades de gênero”, retomava a mesma roupagem presente em várias obras, donde a “ambigüidade de gênero” adquiria conotações de centralidade na análise, o que de certa forma me remetia para longe da discussão sobre corporeidade trans.

Entretanto ao acionar uma perspectiva comparativa entre ambos os grupos, o corpo, fugidio/volátil, porque em processo, voltava à cena com tamanha insolência, mostrando-se, fazendo-se, dizendo-se, revelando-se em seu estado fragmentar.

Isso me fez atentar para a impossibilidade de construir um trabalho onde a preocupação com a sequência e continuidade se mostrassem no centro de sua organização, na medida em que, como afirma Hélio Silva (2007, p. 41): “Registrar o vivido” implicará em incorporar fragmentos desarticulados, cenas soltas, enquanto parte de “um material claudicante, lacunar, que se organiza assim mesmo”.

Com efeito, isso resultou na apresentação dos capítulos que se seguem, pensados enquanto indissociáveis, complementares, posto que se amarram, se conjugam, entrelaçam-se, fundados que estão em resquícios etnográficos que se fazem ver quando o tema em questão assim o suscita, considerando a inexistência de uma hierarquização entre teoria e trabalho de campo. Dessa feita, todos os capítulos carregam impressões etnográficas orientadas por um olhar que busca interlocuções interpretativas com o referencial teórico que se faz ver ao longo do

presente trabalho, sendo impossível distinguir um “momento teórico” e “momentos etnográficos”, na medida em que esses momentos, assim como os capítulos, obedecem a um jogo de interpenetrações.

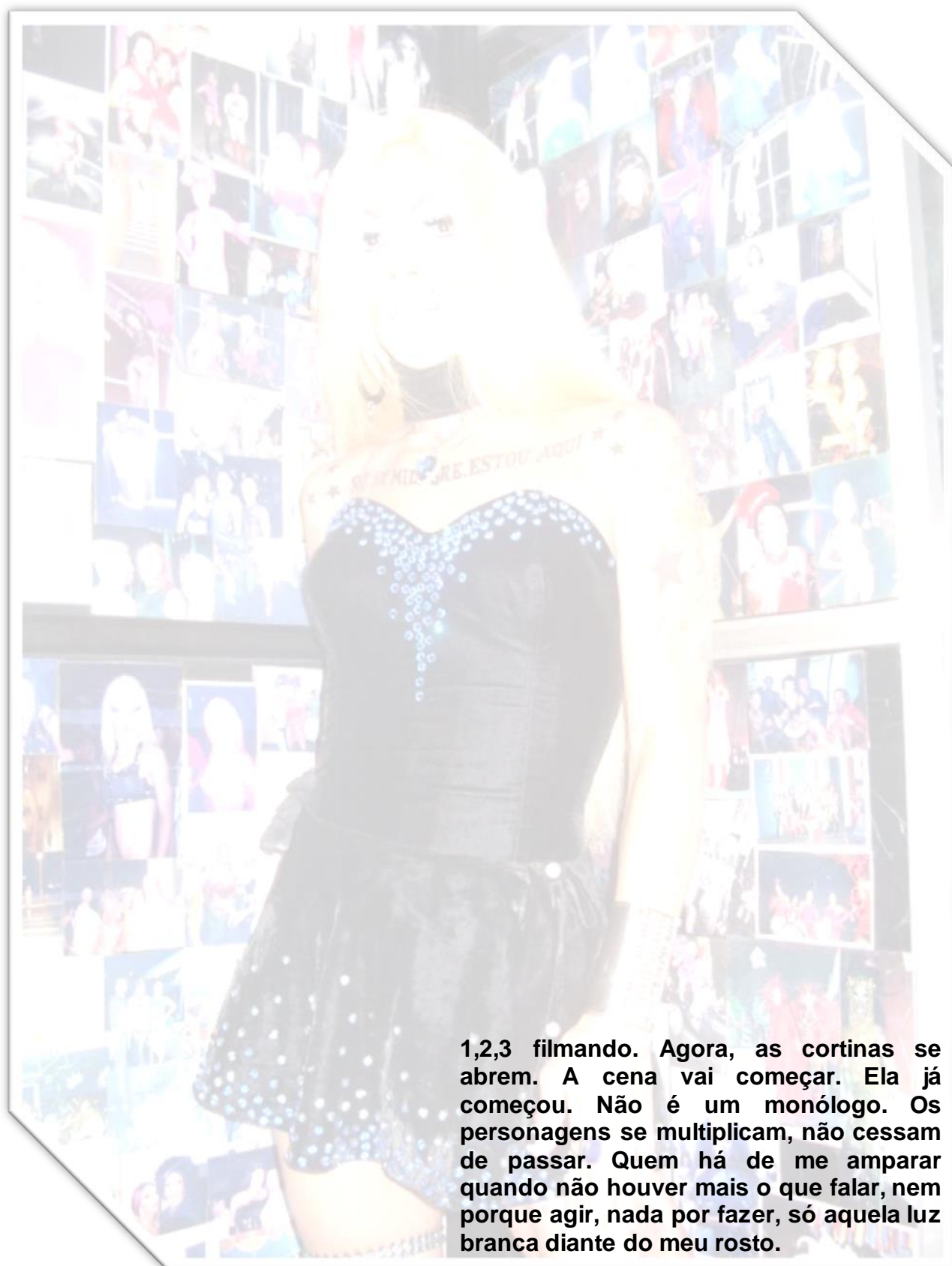
Construí o primeiro capítulo, intitulado: **De como um trejeito revela um mundo**, a partir da apreensão - nos mais diversos espaços de convivialidade, casa, ruas, esquinas, palcos, camarins – acerca da feitura/produção da feminilidade nos corpos das travestis e *drag queens*, o que demandava não apenas o reconhecimento desse corpo que se constrói objetivamente, enunciando “aquilo que os outros vêem nele”, mas também subjetivamente, como “aquilo que ele pensa e deseja revelar de si”, num universo de possibilidades, onde as apresentações/representações construídas generizadamente convergiam para o corpo, reforçando a assimilação de uma gramática corpórea concernentes aos grupos, além de apresentar uma pequena digressão rumo aos conceitos de sexualidade e homossexualidade, tomando-as como construções sócio-históricas.

No segundo capítulo **(Sobre)saltos da pesquisa** - fundado que estava como os demais em imbricar resquícios etnográficos com reflexões teóricas -, procurei trazer à tona uma discussão sobre a fabricação do feminino nos corpos das travestis e *drag queens*, com vistas a compreender como as mudanças corporais empreendidas se relacionam com a construção das “identidades de gênero. Para tanto tentei construir uma classificação conceitual assentada em trabalhos que tematizam a questão, com vistas a pensar comparativamente os grupos escolhidos para etnografar,

No terceiro capítulo **(Botando corpo e (re)fazendo gênero)** proponho uma digressão rumo aos deslizamentos que o conceito de gênero vem alcançando..para então retomar de forma mais detida, através das falas, fragmentos de diários de campo, conversas soltas recolhidas no tempo de convivência, a fabricação processual desses corpos, dessa forma o capítulo se estrutura em torno de dois eixos de análise: a discussão sobre a categoria de gênero e seus deslizamentos, e o modo pelo qual essas categorias são materializadas nos corpos das travestis e *drag queens*..

No quarto capítulo **(Espaços de erotização)** proponho uma reflexão relacional entre travestis, *drag queens*, em diversos espaços de sociabilidade –

pensando as relações de poder e a constituição de diferenças inscritas territorialmente. A partir das noções de heterotopia do desvio, presente em Michael Foucault e a noção de abjeção presente na obra de Judith Butler.



1,2,3 filmando. Agora, as cortinas se abrem. A cena vai começar. Ela já começou. Não é um monólogo. Os personagens se multiplicam, não cessam de passar. Quem há de me amparar quando não houver mais o que falar, nem porque agir, nada por fazer, só aquela luz branca diante do meu rosto.

Denilson Lopes

1 CAPÍTULO 1 - DE COMO UM TREJEITO REVELA UM MUNDO...

O que passo a relatar aqui, renunciando a classificações enclausurantes do humano, são fragmentos de vidas, histórias revestidas de um viés de ludicidade que implica no desmonte e remontagem dos corpos, não sem uma carga de tragicidade que pontua a existência humana, assentada que está na impermanência das coisas, dos seres e de seus relacionamentos.

É de corporeidade que falo, de compleições físicas que fogem a um ideal heteronormativo fundado que está em um detalhe anatômico, de adesões a formas corpóreas definitivas ou provisórias, numa lógica do “nem sou isso nem aquilo, não estou indo para lugar nenhum”. Entendo que a (trans)vestilidade sinaliza a corporificação da ambigüidade do gênero, mas não se restringe a ela, na construção desses corpos; as travestis e *drag queens*, operam com (re)semantizações simbólicas de gestos (trejeitos), atitudes, elisões daquilo que os constituiu num primeiro momento, onde os detalhes anatômicos se inscreviam enquanto determinantes centrais de escolhas e comportamentos, ou seja, uma (re)generização gradual que poderia ser lida a partir da idéia de socialização secundária, como um momento de (re)socialização de si generizadamente.

Assim uma das chaves para compreensão desses sujeitos estaria na potencialidade de trânsito, de mobilidade, que desmontaria os lugares do feminino, e do masculino, não se constituindo, portanto, em um *locus* de estaticidade.

Sendo através do olhar do outro e de uma espécie de autoprodução que os sujeitos sociais determinarão o que pode ser pensado como normal e anormal. O que sugeria que a emergência de sujeitos imersos em “processos de apagamento” como as travestis instaurava fissuras onde as noções de centro, margem e fronteira tornam-se visíveis. Sendo estas, com efeito, transferidas da posição de marginalizadas para a posição central da discussão acerca da diversidade sexual, o que me autorizava a questionar a rigidez proposta pela heteronormatividade a partir da problematização e apresentação desses sujeitos sociais que ousam assumir/corporificar a diferença insuflada pela ambigüidade transfigurada nesses corpos como o seu lugar.

Dessa forma, partirei da análise de histórias de vida de travestis e *drag-queens*, salpicadas ao longo do texto, sendo fundamental referendar que os testemunhos orais, por vezes incorrem em processos de estereotípias, o que sugere, como afirmado por Bosi (2003, p.17), que haveria sempre uma narrativa subjacente às narrativas individuais, coladas que estão nas representações sociais, na medida em que o acesso às vivências pessoais estariam longe de se constituir em um relato coerente, o que evidencia a incoerência como parte e parcela do humano, as linhas imaginárias que criamos para fornecer um sentido cronológico à nossa história pessoal.

Pertinente se faz mostrar que a apreensão dessas histórias de vida se deu pautada nas técnicas de pesquisa da antropologia, sendo as entrevistas individuais ou grupais, estruturadas ou semiestruturadas, além da convivência com os sujeitos da pesquisa, pautadas na lógica da observação participante, algumas das técnicas utilizadas, por pensar a etnografia como forma de esfacelamento desses lugares sociais pré-demarcados. Quando ao apresentar as reflexões que advêm do material empírico, alguns pesquisadores ressemantizam conceitos, redefinem formas de leitura do social. A entrevista narrativa, nesse sentido, me surgiu como instrumento de coleta de dados pertinente para apreensão do dado social, na medida em que considero as narrativas a partir da perspectiva abaixo sugerida:

Narrações são ricas em colocações indexadas, a) porque elas se referem à experiência pessoal, e b) porque elas tendem a ser detalhadas com um enfoque nos acontecimentos e ações. A estrutura de uma narração é semelhante à estrutura da orientação para a ação: um contexto é dado; os acontecimentos são sequenciais e terminam em um determinado ponto; a narração inclui um tipo de avaliação do resultado. [...]. A narração reconstrói ações e contexto da maneira mais adequada: ela mostra o lugar, o tempo, as motivações e as orientações do sistema simbólico do ator. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002. p. 93)

Nesse sentido, ao narrar suas experiências, as travestis e *drag queens*, explicitam a construção de formas de representação e autorepresentação de si, reconstruindo suas trajetórias e imprimindo-lhes muitas vezes novos significados, atribuindo à história pessoal uma coerência que por vezes escapa, quando acionados os fragmentos da memória, que tendem a lembrar a todo tempo que a lógica da cronologia e coerência, quando utilizada para pensar a vida, escapa em larga medida. Como afirmado por Walter Benjamin (1986), na rememoração (que

constitui o processo de narrar) as lembranças levam à reflexão sobre o acontecimento lembrado, com (re)leituras, atualizações e (re)elaborações. Mas as histórias de vida não se colocavam no texto de maneira exaustiva, as narrativas perseguiam a concisão dos relatos, para assim, encontrar nessas falas, “na história minúscula daquelas existências” (Foucault, 1992, p.94), aquilo que elas guardam de vida, angústias, afetos, medos, alegrias.

Dessa forma, apresentar aspectos desse fazer-se no feminino, fundados no processo de montagem, demonstrando como esta além de constituir um ritual que diverge dimensionalmente em se tratando das diferenças e peculiaridades concernentes a cada grupo, adquire também uma importância infinda na vida de quem o pratica, revelando-se como espaço da teatralidade e da performance, como momento potencializador de expressividades individuais e coletivas, assentado inexoravelmente numa estética dos corpos, como constituintes de modos de vida, modos de ser e estar no mundo.

1.1 APREENSÕES ETNOGRÁFICAS: SOBRE VIDAS EM CORPOS

Dessa forma, meu objetivo se inscreve a partir da elaboração de uma etnografia dessas interações anônimas, vividas nas brechas, nos interstícios. Assim comecei a deslizar entre as miríades de corpos que se mostravam nos espaços que escolhi para etnografar. No exercício de olhar aqueles sujeitos, experimentei inicialmente o que imaginei seria prerrogativa de neófitos, uma espécie de estranheza desenhada pelo entorno, o que se revelou extremamente angustiante, na medida em que na minha condição de pesquisadora me imaginava isenta de tais sentimentos.

O sentimento de deslocamento que experimentei de forma nítida nas primeiras abordagens com as travestis, a dificuldade de aproximação tão bem descrita num sem-fim de obras antropológicas, os avisos presentes nos manuais de antropologia não me eximiram de tal sensação. Seguramente, a minha posição inicial de observadora exteriormente disposta no espaço de representações estabelecidas me fez muitas vezes recuar frente às possibilidades de aproximação com as travestis, apenas deslizava os olhos sobre a superfície de seus corpos,

brincando de resguardar minha subjetividade², o que me fez adiar alguns encontros, evitando assim toda a grandeza desse mundo a ser descrito. Dessa forma, como se deram os encontros etnográficos?

Encontrei várias travestis ao longo da Avenida Eng. Roberto Freire, enquanto caminhava no calçadão pensava compulsivamente em como me aproximar... lembrei de um trecho de Clarice Lispector, e supus, me apoiando nele, que no tempo que durasse a pesquisa fingiria que alguém segurava a minha mão, que talvez aquilo de estranhamento fosse só no começo, depois poderia dispensá-la e caminhar sozinha...³

Fui tecendo o campo aos poucos, através de estratégias legitimadas, ou construídas de forma brusca em função do instante que se afigurava, como se pudesse reter pequenos momentos, gestos, jogos de cena, territorialidades circunscritas corporalmente.

Nessas observações iniciais, tentei mapear a referida avenida, observando sobremaneira invariantes no que tange à organização dos espaços (confirmadas ou não, ao longo das entrevistas e do convívio com as travestis). A escolha para etnografar a referida avenida se deu em função de questões de ordem prática, tais como: a acessibilidade, as representações que convergiam no imaginário citadino acerca da referida Avenida – e, por conseguinte, a possibilidade de entender a construção estigmatizante sobre os sujeitos que trabalhavam naquele espaço – uma certa convergência para aquela dimensão territorial, o que me abria possibilidades de entender essa corporeidade situada territorialmente, a construção de uma relação estigmatizante com o entorno, e para, além disso, buscar insinuações acerca de uma nomadização desejante, num território que, construído enquanto tal, acabava por propiciar uma certa “errância sexual” (ideia que desenvolverei *a posteriori*).

² Esse sentimento de estranheza do entorno se mostrou particularmente nos momentos iniciais da pesquisa com as travestis, creio que a aproximação com as *drags* se deu de forma mais tranqüila, por ser frequentadora de tais espaços, boates voltadas ao público homossexual, o que me fornecia uma **estranha** sensação de certeza, ofertada pelas paredes que foram simbolicamente erigidas como barreiras de proteção.

³ Fragmento retirado do diário de campo, janeiro/2005.

1.2 “PEITOS E POSES E APELOS”

Outro aspecto concernente às travestis pesquisadas, e que apontava para a ideia de duplo estigma que surgiu como extremamente profícua na análise das mesmas, era pouco comum (se comparadas com as *drags*) a presença delas nas boates, seja a vogue, sejam os outros espaços voltados ao público homossexual. Isso no decorrer da pesquisa começou a ser equacionado, inclusive com falas emblemáticas de uma espécie de discriminação intragrupo, contra essa parcela da população homossexual, que convergia para a relação presente no imaginário social entre travesti-prostituição-violência, e que acabava por reforçar aspectos hierárquicos desse universo.

Lembro-me particularmente de uma conversa que tive com uma das responsáveis pela organização de festas em boates, voltadas ao público homossexual, quando ela afirmava peremptoriamente que não fazia questão da presença das travestis nesses espaços, por saber que “onde tem travesti tem confusão” e que todo mundo sabe que elas adoram bafonizar⁴ além de apontar a presença delas como incômoda para as lésbicas que frequentam esses espaços, na medida em que “poderiam confundi-las com mulheres, o que seria extremamente constrangedor”. A alusão por parte de organizadores de festas nesses espaços, de frequentadores, relativas à pouca presença das travestis nos ambientes considerados gays, atrelada à noção propalada de que elas tenderiam a “bafonizar”, seria apenas uma forma de generalizar atitudes discriminatórias. Como expresso na fala de Shakira⁵:

Pesquisadora – Então você aponta uma espécie de preconceito contra quem se veste de mulher?

Shakira – Mas tem muito, eu acho que desde que eu sou gente, eu conheço gay que não gosta de lésbica, aí lésbica que não gosta de bicha fechosa, aí a bicha fechosa que não gosta da machuda, aí a machuda que não gosta da travesti, aí ninguém quer namorar com drag, ninguém quer namorar com *drag*, só drag namora com *drag*, ou então bofe. Mas tem também o fato de que travesti é meio barraqueira mesmo, então normalmente a gente quando organiza *show* não chama elas pra fazerem apresentação, porque no final as apresentações de boate são mais glamorosas, e essa coisa de ser artista não é pra qualquer um não.

⁴ Expressão êmica que significaria: bagunça, confusão, baixaria, bochicho, barra pesada, definição retirada do “glossário Gay” presente no site <http://mixbrasil.uol.com.br/id/glossar.htm>.

⁵ Entrevista realizada em março de 2006.

A observação, nesses estabelecimentos, de atitudes discriminatórias frente àquelas consumidoras e/ou espectadoras pôde ser efetivada e corroborada nesse sentido não apenas pela presença insignificante se comparadas estatisticamente com as *drags queens*, e os outros sujeitos homossexuais, mas nas diversas falas colhidas em campo. Além dessa breve demonstração de preconceito (intra)grupo, percebi, através da observação da ausência pontual das travestis nesses espaços e nas narrativas do campo, um componente que me levou a inquirir acerca da organização hierárquica dos mesmos, também perceptível em tantos outros trabalhos que me fez atentar para critérios de controle e seleção entre sujeitos que compartilham de uma mesma orientação sexual. Peter Fry (1982, p. 78) pensando aspectos relativos a classificações hierarquizantes afirma que:

Em qualquer sistema social dado, a estrutura dominante, o establishment, define certas áreas como marginais e atribui a elas a não-forma e o perigo. Por sua vez, essas áreas estruturam-se de maneira a criar novas fronteiras além das quais uma nova não-forma é definida. [...] Pessoas definidas como perigosas por um sistema classificatório, por sua vez, definem outros como perigosos e assim por diante.

As análises empreendidas por Peter Fry, pautadas na construção histórica da homossexualidade no Brasil, têm apontado a existência de três sistemas taxonômicos que estariam diferencialmente disseminados. Entretanto, a partir da análise etnográfica entre travestis e *drag queens*, tendo a observar a preponderância – sobretudo no que tange à construção de uma gramática de gênero que organiza as relações sociais, afetivas, sexuais – do que o autor irá denominar modelo hierárquico, donde a hierarquia de gênero, articulada a partir da oposição masculinidade/atividade sexual vs. feminilidade/passividade sexual, englobaria de forma sistemática todas as identidades sexuais. Como afirma Carrara (2007), a categoria "homem", neste modelo, pensada por Peter Fry, tende a abarcar todos os indivíduos do sexo masculino que supostamente mantivessem posição "ativa" em relações sexuais com mulheres ou homens, indiferentemente. Homens sexualmente "passivos", tratados como "bichas", "viados" etc., seriam percebidos como uma espécie de híbridos, nos quais atributos anatômicos masculinos se misturariam a características de gênero femininas.

Considerando as noções desenvolvidas por Peter Fry, pude atentar para aspectos estruturantes no que diz respeito à organização/frequência daqueles espaços para além da constatação de que havia uma clara exclusão de sujeitos que no leque classificatório vigente, não eram passíveis de serem mensurados em função de uma ambigüidade “perigosamente” materializada naqueles corpos, o que produzia a referida exclusão intragrupo, como mencionada anteriormente. O que sugeriu ainda a impossibilidade de, para fins analíticos, empreender a pesquisa em questão apenas nos espaços de frequência homossexual.

Dessa forma, onde encontrá-las? Por isso a escolha das travestis que “faziam pista” me pareceu mais profícua. Entretanto, como forma de descolar a figura da travesti dessa imagem estereotipada travesti-prostituição, entrevistei travestis que tiveram trajetórias diversas, não relacionadas à prostituição⁶.

Relendo o diário de campo encontro pistas que tornam palpáveis as intervenções subjetivas, que passo a transcrever como forma de elucidar as aproximações iniciais. Sentada do lado oposto aos locais onde as travestis ofereciam serviços sexuais, da Avenida Engenheiro Roberto Freire, por não existir na referida Avenida (próximo aos lugares ocupados pelas travestis) bares abertos, apenas minishoppings, tentei inicialmente apenas exercitar o olhar. Mas ocupar aquele lugar na Avenida me colocava numa posição extremamente incômoda, como se houvesse uma divisão simbólica entre espaços autorizados e não-autorizados, e, definitivamente, não me sentia à vontade no imenso calçadão, como se me distanciasse daquelas que busquei compreender.

Passo a transcrever um trecho retirado do diário de campo quando de minhas primeiras aproximações com as travestis.

Atravessei a Avenida, o que me levou a primeira aproximação com uma das travestis que viria a entrevistar. Lorena, que estava de pé ao lado de uma concessionária de carros, falou brevemente comigo e fez sinal para que eu me sentasse. Logo em seguida, saindo de cena para debruçar-se na janela de um carro de vidros escuros. De onde eu estava visualizava apenas seu corpo, com claros sinais de intervenções, minutos depois ela entrava no carro, tudo muito rápido. Lembrei-me de Hélio Silva, quando afirmava serem os clientes das travestis, seres extremamente escorregadios. Aguardei um tempo, enquanto fazia pequenas anotações esparsas. O retorno demorou algo em torno de vinte minutos, ela falou comigo enquanto retocava a

⁶ Uma das travestis mencionadas faz pós-graduação em História na UFRN, sendo professora de história, a outra travesti entrevistada é professora de inglês e literatura, tendo cursado Letras.

maquiagem me perguntando: porque eu ainda estava ali? O que eu estava procurando? Se por acaso tinha resolvido fazer programa? Respondidas as perguntas, ela me falou que fazia pista “vez em quando” apenas, para conseguir “um a mais, e ajudar no orçamento, mas não vivia disso como outras monas”. Após uma conversa rápida, com avisos imprecisos para que eu não prolongasse o assunto, me pediu para que marcássemos a conversa para outra hora, “porque ali não dava para ficar de papo”. Desci a Avenida e experimentei ao longo da noite uma sensação de “antropóloga frustrada”, nas tentativas meio infrutíferas de estabelecer conversas com outras travestis.⁷

As travestis observadas ocupam espaços ao longo da Avenida Engenheiro Roberto Freire⁸, via de mão dupla que conduz a um dos bairros da Zona Sul da cidade, Ponta Negra. De um lado, o calçadão iluminado e destinado à prática de esportes, onde são exibidos “corpos autorizados”, mulheres e homens em exercício para modelarem os corpos numa lógica de adequação ao padrão estético vigente; do outro, as travestis, expondo corpos e serviços. Importante salientar que o desenho que se observa, o calçadão de um lado, e os estabelecimentos comerciais (lojas, postos de gasolina, minishoppings, farmácias, restaurantes), dispostos do outro lado da Avenida, não sinalizam para a leitura estanque desses espaços, sobretudo ao se pensar a confluência, a mobilidade vertiginosa que se insinua nas noites natalenses.

Entretanto, acredito ser necessário aludir a uma espécie de necessidade, sempre reformulada via mídia ou programas de “limpeza desse espaço público”, seja transfigurada no aumento das batidas policiais, seja na presença freqüente de evangélicos fazendo odes contra a prostituição e a homossexualidade, nas cenas de violências gratuitas observadas e narradas pelas travestis, nos discursos dos sujeitos que dividem o espaço (por questões de trabalho ou de deslocamento para locais de diversão, localizados ao longo da Avenida).

Nas análises empreendidas por Hélio Silva, tornam-se claros os deslizamentos operados acerca da convivência com as travestis, indo da admiração que exotiza esses sujeitos à raiva que poderá irromper em atitudes de agressão extrema:

⁷ Fragmento retirado do diário de campo, janeiro/2005.

⁸ Obviamente, saliento que os pontos de batalha das travestis não estão restritos apenas à referida Avenida, sendo comum encontrá-las também na Orla de Ponta Negra, espaços no Centro da Cidade, distribuídas ao longo da Avenida Bernardo Vieira (Zona leste da cidade), e em alguns espaços da Zona Norte.

O caráter segregado e discreto dessas experiências majoritárias, no entanto confere a elas um sentido quase infra-social. É a partir do travesti que se expõe, seja na rua, seja no palco, que a sociedade mais abrangente toma contato com o fenômeno. E é particularmente a partir do contato na rua que o travesti penetra no cotidiano da sociedade. (2007 p. 29)

Essa visibilidade impingida às travestis que se prostituem pode adquirir ares de aceitação disfarçada, entretanto observei nas diversas narrativas dos sujeitos que convivem com elas as alusões à necessidade de afastá-las como forma de moralizar os espaços sociais. Passo a transcrever fragmentos de uma entrevista realizada com alguns rapazes que lanchavam na loja de conveniência do posto Shell, próximo da esquina onde várias travestis fazem ponto⁹.

Entrevistados – Olha, sinceramente eu acho, nós achamos né? Que com a iluminação, a abertura do Extra, e também com essas construções que estão fazendo aí na Avenida esses veados vão ter que sair, se não sai por bem sai por mal.

Pesquisadora – Quando vocês afirmam que eles têm que sair, vocês se referem apenas às travestis, ou também às mulheres que prestam serviços sexuais ao longo do dia?

Entrevistados – Risos, deixa as meninas lá, não tão fazendo mal a ninguém, a questão todinha é a prostituição de veado. Quer ver um exemplo, vai que eu tenha um filho, aí eu vou passando pra minha casa com minha família e tem aquelas bichas tudo na esquina, o menino vai me perguntar pai o que é aquilo, eu digo o quê? ¹⁰

O teor das falas, dos discursos dos sujeitos inquiridos acerca da presença das travestis, não diverge do que transcrevi acima, o que pude observar foi uma certa atenuação ao tratar da questão, mas a mesma menção à necessidade de “limpeza” desse espaço foi mensurada e observada. O que me autorizou a construir a leitura desses sujeitos, a partir das pistas teóricas fornecidas por Zigmunt Bauman (2007), na medida em que o autor aponta a noção de sujeitos indefiníveis, da presença dos estranhos, como uma das formas de minar o ordenamento espacial, através da proximidade moral e topográfica, assim o autor demonstra que em função dessa proximidade, os estranhos “perturbam a ressonância entre distância física e

⁹ A necessidade de voltar a campo, para ouvir os discursos de sujeitos que convivem com as travestis foi apontada na qualificação, como forma de construir um trabalho onde várias vozes se fizessem ouvir, revelando assim representações do social circundante acerca das travestis.

¹⁰ Entrevista realizada em estabelecimento comercial na Av. Engenheiro Roberto Freire, abril de 2007.

psíquica, trazendo para o círculo íntimo da proximidade, o tipo de diferença e alteridade que são toleradas apenas a distância” (2007, p. 69).

As travestis corporificam a incongruência, criam uma atmosfera de ambigüidade que revela a falibilidade da assepsia social reiteradamente pretendida, dessa forma o perigo é criado e demarcado, produzindo um certo desconforto, percebido nas narrativas e observado em campo.

Os espaços ocupados pelas travestis à noite estão funcionalmente distribuídos de outra forma, os pontos comerciais distribuídos ao longo da Avenida funcionam, intercalados com garotas que oferecem serviços sexuais, montadas¹¹ com os códigos que regem aquele grupo, a indumentária utilizada por elas acabariam por impor significados culturais sobre os corpos, fornecendo-lhes uma identidade social. Entretanto as injunções policiais feitas às travestis, no sentido de que estas devem cobrir-se, ou seja, vestir-se de forma mais apropriada, nos lança num outro nível de questionamento, na medida em que a exposição das travestis e das garotas de programa estariam relacionadas a partir de uma espécie de integralidade entre espaço/corpo. O espaço pensado aqui como lugar onde se desenrolam os acontecimentos humanos, como teatro e cenário dessas pequenas histórias que se cristalizam (MAFFESOLI, 2003, p.101) e o corpo como “principal marca identitária”.

Nesse sentido, porque o escândalo da nudez, as injunções diretas a vestir-se são dirigidas apenas às travestis, na medida em que a presença das travestis e das garotas estaria seguramente relacionada com a vinculação ao exercício da sexualidade, desvinculada de qualquer finalidade, que não seja o gozo? Será que as injunções se inscreveriam no rol das possibilidades de exposição apenas dos corpos autorizados? Quais seriam os corpos autorizados?

Para além das minhas inquietações, os arranjos espaciais e rigidez dessa adequação territorial e temporal aparecem claramente nas falas das travestis. Quando inquiri uma das travestis entrevistadas acerca da permanência de garotas de programa à noite, ela respondeu: “Elas não são nem loucas de trabalhar de noite, porque de noite os pontos são nossos, eu já tô tem nove anos fazendo ponto aqui e

¹¹ O termo é aqui adotado de forma a referendar o caráter social do vestir, concernente a cada grupo social, sendo as garotas de programa portadoras de um *ethos* de grupo que poderia – se guardadas as devidas proporções – serem comparadas às travestis.

também os caras que saem à noite tão procurando trava¹² e já sabem onde encontrar¹³.

Acredito que o contato com Kelly propiciou uma abertura maior do universo pesquisado, sendo a partir desse contato que comecei a cartografar os espaços e traçar estratégias de aproximação, o que me possibilitou observá-las trabalhando e finalmente marcar entrevistas, que aconteceram de forma detalhada, sem roteiros fixos, num primeiro momento, nas suas residências por solicitação delas, tendo em vista que minha presença nos espaços de trabalho era apontada como pouco proveitosa. O que me reportou à discussão de Geertz sobre a pesquisa de campo bem sucedida, e os impasses que integram esses momentos etnográficos, diz-nos o autor:

Reconhecer a tensão moral e a ambigüidade ética implícitas no encontro antropólogo/informante, e ainda assim ser capaz de dissipá-la através das próprias ações e atitudes é o que tal encontro exige de ambas as partes para ser autêntico e efetivamente ocorrer. (2001, p. 43)

Passei a negociar minha permanência nos espaços de batalha¹⁴ de forma lenta e gradual, sendo a situação que passo a descrever fundamental para que eu fosse definitivamente incorporada em cena, o que me fez atentar para o fato de que ser mulher naquela situação em campo me fornecia uma posição altamente peculiar, que destoava, pelo menos quanto às primeiras tentativas de aproximação, daquelas descritas por Silva (1993), Benedetti (2005) e Kulick (2008), como afirma o último autor citado:

(...) a questão de minha orientação sexual veio a ser uma das primeiras perguntas que surgiram no diálogo com as travestis. Feitas as apresentações, alguém sempre indagava – diretamente a mim, ou a pessoa que acabara de me apresentar – se eu era “viado”. Ante a resposta afirmativa, as travestis normalmente expressam aprovação e mostravam-se visivelmente mais à vontade. Minha condição de “viado” assumido parecia significar que eu era, na prática, uma das meninas, e que provavelmente não manifestaria nenhum interesse sexual por elas (...) Sou tentado a presumir que minha condição de pesquisador estrangeiro, preocupado em manter uma postura não condenatória, e assumidamente gay, permitiu um certo tipo de aproximação e relação com as travestis, cujo resultado foi o acesso a dimensões de sua vida que ainda não haviam sido descritas em estudos anteriores. (2008, p. 33)

¹² Abreviação utilizada para referir-se às travestis.

¹³ Fragmento do diário de Campo. Entrevistada: Kelly.

¹⁴ Termo êmico utilizado para referir-se aos espaços de prostituição.

Pensar o desenvolvimento do trabalho de campo a partir do referencial teórico que venho mencionando e que tratava de temáticas correlatas ou comuns, da mesma forma que me fornecia uma espécie qualquer de alento – pela posição herética que a revestia – me falava da peculiaridade generizada da própria pesquisadora. Assim, o ato de etnografar travestis e *drag queens* em suas várias dimensões não me tornava uma delas, mas abria possibilidades de experienciar uma lógica concernente àquele universo, num sentimento claro de aproximação, que me fazia questionar a sensação inicial de hostilidade momentânea frente à minha condição de mulher, e enquanto tal sexualmente marcada, o que sugeriu que o meu papel de pesquisadora gerava uma multiplicidade de sentidos.

Minha localização generizada e, por conseguinte, as dificuldades de aproximação, tanto com os sujeitos a serem pesquisados, quanto com uma pesquisa realizada no “mundo da noite”, me fez atentar para questões que apareciam nos trabalhos mencionados. Assim Benedetti (2005) apontava que a incursão pelo mundo da noite, no que tange à multiplicidade de sentidos e ressignificações subjetivas, possibilitou uma rearticulação de suas próprias práticas, sobretudo se considerada a dimensão temporal da existência das travestis, na medida em que o autor, “aprendendo rapidamente que a maior parte das travestis tem hábitos noturnos e expõe-se pouco à luz natural, pois, em geral, dorme durante o dia” (2005, p. 43). Esse pesquisador observou que uma condição básica para efetivar a observação entre esse grupo foi adequar sua própria rotina, concepção essa corroborada por Hélio Silva (1993) em sua etnografia entre travestis no Rio de Janeiro.

Ainda quanto à peculiaridade de minha condição generizada e de minha orientação sexual, enquanto operadores utilizados na interação etnográfica, que teria a reciprocidade como elemento de confluência, numa lógica que me fazia etnografar e ser etnografada, tenho em Benedetti uma sugestão para entender como esses operadores – gênero e orientação sexual do pesquisador, e trocas mútuas estabelecidas nas interações em campo –, poderiam ser negociados:

(...) quando pude compreender isto, muitas facilidades se colocaram para a prática da etnografia: as travestis me respeitaram, passaram a se sentir parte integrante da pesquisa, guardaram para mim histórias detalhadas e que julgaram que me interessariam, me colocaram a par de todos os arranjos e distribuições de poder na complexa rede da qual fazem parte,

brincaram jocosamente comigo e com minha sexualidade, que foi constantemente questionada e desafiada. Com certeza, o fato de identificarem em mim uma identidade homossexual trouxe um sem-número de benefícios e vantagens: sentiam-se à vontade para me indicar possíveis namorados e desconfiavam, jocosamente, que eu tivesse desejos de entrar no mundo da prostituição. Talvez um orgulho identitário ou mesmo performance e características específicas do universo das homossexualidades tenham propiciado essa maior integração entre eu e elas. (2005, p. 46)

Conversava com Kelly ao lado de um posto, no ponto ocupado por ela, sobre suas outras tarefas (tema que voltava recorrentemente, penso que como forma de demarcar espaços de vida para além da prostituição), quando fomos abordadas por cinco homens, membros de uma Igreja Evangélica, que distribuíam panfletos ao longo da Avenida e afirmavam que se fôssemos à igreja e passássemos a frequentar assiduamente os cultos teríamos salvação e nos poderíamos “curar” desse “vício carnal”. Calei-me quanto ao que fazia àquela hora da noite ao lado de uma travesti, quando fui inquirida por um dos rapazes. Eles se afastaram depois de distribuir alguns panfletos. Kelly passou a falar efusivamente que: *“qualquer pessoa teria dito que estava apenas fazendo pesquisa, porque senão seria confundida com uma prostituta ou então com um travesti”*¹⁵. A partir daquele momento, entendi o que representou geertzianamente a “corrida da polícia” descrita na “briga de galos” (GEERTZ, 1978, p. 281). Fui convidada para fazer as entrevistas em suas residências, o que me levou à Vila de Ponta Negra, numa das pensões onde três travestis que trabalham na Av. Engenheiro Roberto Freire moram, e que poderia apontar como minhas informantes privilegiadas, sendo a partir delas que tive contato com outras travestis.

Essa fase do trabalho de campo mostrou-se extremamente rica, na medida em que tive acesso à realidade cotidiana das travestis, no que ela tem de desordenada, efervescente, como aponta Maffesoli (1996, p.183): “a ênfase posta sobre a vivência é uma boa maneira de reconhecer os elementos subjetivos como parte integrante das histórias humanas”. Dessa forma, pude vivenciar as emoções, afetos, fantasias e desejos que participam do processo de construção da travesti enquanto sujeito. Passo a transcrever a minha primeira ida a campo:

¹⁵ A utilização do artigo masculino por parte das travestis entrevistadas me pareceu decorrente da não-organização política de um movimento de travestis firme, a nível local. Parece-me que não havendo a politização do movimento com conseqüente aglutinação de subjetividades, não ocorreria a construção da identidade travesti de forma coletiva e organizada.

No caminho para o encontro com Kelly me informei com o motorista do ônibus, e algumas pessoas que sentavam ao meu lado, acerca da localização de uma pousada na Vila de Ponta Negra, Pousada Marlin, ninguém sabia informar a localização, outros ainda afirmavam categoricamente que a mesma não existia. Então lembrei que na noite anterior Kelly me sugerira que caso não encontrasse, “o que ela achava impossível porque todo mundo sabia a localização” explicasse que era a pousada em que moravam as “travas” (uma espécie de contração para o termo travesti, utilizado largamente, junto com outros termos pejorativos, para denominar as colegas e autodenominar-se). Dessa forma, criei uma imagem curiosa de algo estruturado, mediada pelas vezes que observei as meninas, e por uma visão idealizada acerca dos sujeitos que elegia para estudar. Cheguei à pousada que as meninas dividiam por volta das 15:30h, um pouco sem jeito por ser a primeira visita, depois das inúmeras vezes que havia ido até a Roberto Freire, e me deparei com uma realidade que divergia largamente das minhas mais distantes idealizações, o cenário que encontro destoava sobremaneira das outras casas da rua. Constituído basicamente por um amontoado de quartos no piso inferior, com uma escada excessivamente íngreme que conduzia para os quartos de cima. Me informei com algumas pessoas que estavam sentadas nos degraus, acerca de onde encontrar as meninas. Subi ao andar superior, um corredor exíguo dava acesso aos quartos, também minúsculos, num total de cinco quartos, três deles ocupados por travestis, como vim a saber posteriormente, os outros dois estavam alugados para um senhor divorciado e para um rapaz que trabalhava naquela região, respectivamente. Encontro Kelly ao final do corredor, comendo calmamente um pacote de bolachas recheadas e um refrigerante. Travamos uma conversa monossilábica que me frustrou inicialmente. Com a convivência entendi que a maneira de relacionar-se de Kelly, sempre sozinha, reservada, como se pedindo licença para existir, era extremamente característica, diferindo imensamente das atitudes exuberantes das outras travestis com quem travei contato mais íntimo. Se resolvesse erigir um leque taxionômico acerca das características das travestis poderia inferir que a timidez de Kelly, claramente percebida nos encontros posteriores, sobretudo nas vezes que conversamos em grupo, era uma defesa segura, contra as possíveis decepções que podem advir dos relacionamentos humanos. Possivelmente decorrente da sua história de vida.¹⁶

As inserções pontuais no universo cotidiano das travestis me revelaram aspectos prosaicos que são pensados como fundantes na elaboração de uma aproximação com o grupo, como em Kulick (2008, p. 25), concentrei-me num cotidiano mais mezinho, “tentando explicar a lógica subjacente que lhes permite dar sentido à própria existência”, evidenciando com isso que a prostituição, as modificações corporais não seriam meras “ilusões sombrias de pessoas desorientadas”. Assim, observar o cotidiano desses sujeitos me fez atentar para o papel que a errância adquiria enquanto elemento estruturante nas relações estabelecidas, se perfilando inicialmente com a saída de casa/numa fuga para a

¹⁶ Fragmento retirado do diário de campo, março/2006.

cidade – que no caso das travestis que se prostituem apareceu como recorrente para pensá-las – e gradativamente sendo adensado com a análise do lento processo de feminização do corpo masculino.

A errância, no caso aqui apresentado, sobretudo quando pensadas as travestis que fazem pista, seria a expressão de outra relação com o mundo, com um viés lúdico, ideacional e seguramente trágico. No sentido atribuído por Michel Maffesoli, a errância, como o nomadismo, torna-se fato cada vez mais evidente, expresso numa espécie de “arte da deriva”, numa circulação essencialmente erótica, onde a cidade com seus espaços intersticiais torna-se território propício para um modo de viver, em que experiências de toda a ordem se perfilam, suscitando encontros que aludem ao prazer no que ele tem de efêmero, assim:

Há uma errância erótica, que o racionalismo prometeico tinha conseguido ocultar, e que retorna ao primeiro plano da cena (...) o sexo não é mais assimilado à simples reprodução, não está mais simplesmente estabelecido na economia da família nuclear. Volta a ser errante. (MAFFESOLI, 1997, p. 65)

Essa errância sexual (observada não apenas no caso das travestis, se pensada temporalmente, na medida em que a Avenida onde as mesmas se prostituem adquirem uma outra configuração visual diurna, ocupada dessa feita por mulheres que prestam serviços sexuais) rompe com as formas de imposição que o estabelecido gera, apontado para o aspecto transgressivo enquanto parte e parcela do humano. A procura pelas travestis aponta para as expressões de fuga do instituído, quando os clientes acionam aparências específicas, (des)heteronormatizantes, para em seguida desempenhar o papel que lhes cabe na vasta “teatralidade social”, indo da errância sexual ao enraizamento paralisante, das sombras (perfiladas nos becos e vielas, no sexo rápido oculto sob os vidros dos carros) à luz das casas de famílias normatizadas (onde o sexo permitido e produtivo efetiva-se na cama do casal). A fala de Marcela soa esclarecedora:

(...) é assim mulher, essas monas...rsss, porque pra mim o caba sai de casa pra pegar veado, e chega aqui pede pra gente comer ele, eu como, porque vou ganhar aquê, e é pra isso que eu tô ali, mais pra mim é tudo maricona frustrada, eu lá toda feminina, femininíssima e a outra deixa a mulher em casa e vem pra eu fazer o papel de macho, tá tudo trocado mermo, aí chega

em casa e quer dá uma de macho com a mulher, eu num entendo, entendo não bicha...¹⁷

Como mencionado anteriormente, haveria nas falas das entrevistadas, tanto *drag queens*¹⁸ quanto travestis, uma alusão estigmatizante fundada na lógica binária, que se coaduna sobremaneira com as representações vigentes no imaginário social, referentes a uma espécie de rejeição à “afeminação”. Por isso as alusões freqüentes por parte das *drags* a uma espécie de “escolha perigosa” de montar-se pela primeira vez, apontada através da noção de que fazer *drag* era uma forma de empecilho para conseguir namorados, tendo em vista que “apenas *drags* namorariam com outras *drags*, ou bofes que ficavam fascinados por nós quando a gente estava montada” (Dara Scaranz). Outro aspecto reiteradamente afirmado era o concernente a um possível afastamento de amigos antigos, como colocado por Bruna Cicarelli: “Vários amigos, se é que você pode chamar assim né, se afastaram de mim quando comecei a me montar, então eu entrava na história do tá meu bem, se você não quer continuar andando comigo porque eu sou *drag* agora que pena pra você”

Por parte das travestis, a rejeição à “afeminação” se processaria claramente na medida em que elas passam a se referir aos clientes que as procuram para fazer as vezes de passivo, por termos como: tias, mariconas frustradas, bichas, veados.

Termos depreciativos utilizados pelo social circundante contra as próprias travestis, assim a desqualificação sofrida, a partir da lógica do estigma, e das injúrias, se reproduz nas relações sociais estabelecidas entre os sujeitos. Isso lhes permitiria criar representações fundadas na dicotomia ativo/passivo, representações estas que serão transfiguradas nas relações estabelecidas entre elas, com os clientes, com os maridos e com o entorno social. Como afirma Eribon:

É porque o papel “passivo”, real ou suposto, sempre é considerado degradante que, em certas culturas, as relações entre homens não podem ser pensadas como “homossexuais”, o que faria pesar a suspeita sobre os dois parceiros, mas como a relação de um “homem” com uma “mulher”, de um homem ativo, desempenhando o papel dominante e realmente

¹⁷ Fragmento retirado do diário de campo (2006).

¹⁸ No caso das *drag queens*, como farei aparecer nos capítulos posteriores, o estigma recai sobre elas, na medida em que haveria uma recorrência nas falas a desqualificar os sujeitos que “fazem *drag*”, como se ficasse grafado na pele o estigma.

masculino, com um falso homem-verdadeira mulher, desempenhando o papel passivo, dominado e feminino. (2008, p.117)

A sexualidade não se constituirá em domínio de significação isolada, sendo partilhada e englobada numa mesma lógica moral vigente no imaginário mais amplo, constituindo-se como evidência necessária para a classificação identitária, o que corrobora a noção de que não existiria uma identidade travesti ou uma identidade para as *drag queens*. Assim, o que existiria efetivamente seriam posições de identidade organizadas através de uma complexa rede de identificações mediadas por um jogo de alternância entre negação e afirmação frente aos modelos socialmente legitimados para definir-se o que é um homem de “verdade” ou uma mulher de “verdade”. Sendo a noção de “homem de verdade” atrelada à idéia de atividade, não importando o sexo daquele com quem ele mantinha relação sexual, mas interessando sobremaneira o papel desempenhado no ato sexual. Dessa forma, munidos de um referencial onde a sexualidade e o gênero adquirem uma centralidade indiscutível, vemos processar-se uma espécie de organização diante das relações sociais, afetivas, eróticas, sexuais desses sujeitos em seu cotidiano, que pretendo desenvolver no capítulo três, onde proponho uma discussão sobre o gênero enquanto categoria de análise.

1.3 ECLIPSANDO AS LINHAS DE FRONTEIRA: DA INCONGRUÊNCIA CORPORIFICADA

Uma etnografia¹⁹ das travestis da Av. Eng. Roberto Freire revelava claramente que as mesmas ocupam espaços simbolicamente investidos de força social, lugares que davam acesso a pontos turísticos, praças no centro da cidade, construindo flagrantemente relações erótico-sociais e (re)fundando aqueles espaços a partir de uma *lógica heterotópica*, o que forneceria possibilidade de pensá-los, porque aglutinadores de sujeitos prestadores de serviços sexuais (travestis e prostitutas, divididos temporalmente) enquanto espaços de micro-resistências, entretanto a

¹⁹ A necessidade de aludir às mulheres que prestam serviços sexuais, ao longo da Av. Roberto Freire, fez-se premente na medida em que pensamos a etnografia a partir da noção de espaços...

conotação no que tange ao estigma reverberava de formas diversas nos corpos dos sujeitos que “fazem pista”²⁰. O que implicava num pensar sobre as nuances desses estigmas, como eles alcançam os sujeitos? O que pretendem grafar naqueles corpos? Na medida em que as travestis não atendem às reiteradas injunções à discrição, sendo aqui que o paradoxo se insinuaria, na corporificação de um duplo estigma (enquanto sinal, sutil ou explícito de avaliação negativa), fundado na prostituição e na homossexualidade.

As mulheres que se prostituem ao longo da referida Avenida não possuem, numa mirada inicial, sinais corporais passíveis de diferenciá-las das outras mulheres (pensadas aqui a partir da lógica corrente no imaginário social – prostituta *versus* mãe/dona de casa). O que de certa forma “autorizaria” uma existência diurna.

Nas travestis as marcas corporais tornavam-se sinais diacríticos, valorizados nas mulheres – os seios e quadris bem torneados – denunciavam sua condição de não-adequação, tendo em vista que nos corpos trans a diferença é transformada em estigma e repousa tranquilamente na obsessão pela classificação.

Assim as reações mais diversas incidiam sobre as mesmas, sendo passível de compreender esses corpos através da noção de estigma, mencionada e pensada a partir de Goffman (1980), enquanto marcas corporais que comprometem o status moral de seus portadores. Na medida em que diante de sujeitos que borram a rigidificante equação sexo/gênero, o sistema de expectativas sociais revela sua falibilidade, e o corpo se apresenta de repente como uma evidência incômoda. Havendo uma espécie de “consenso visual erótico” no que tange à aceitação/negação de prostitutas e travestis, na medida em que esses sujeitos colocam o corpo no centro de suas representações e auto-representações, assim as primeiras estariam no eixo da “aceitação” por serem pensadas enquanto corpos autênticos, porque parte e parcela do gênero inteligível. A falibilidade do modelo binário seria transfigurada através das expressões corporais das travestis, apontando a inserção de corporeidades e práticas que referendam a existência de configurações sexuais e culturais alternativas, modos outros de ser e estar no mundo, tornando permeáveis e não-reguladas as fronteiras corporais, e produzindo

²⁰ Expressão êmica para referir-se ao trabalho da prostituição.

assim uma certa desordem na suposta segurança ontológica baseada que está no modelo produtor da heteronormatividade.

Apesar de jogarem com o corpo como centro das representações – prostitutas e travestis – e deixarem irromper visualmente a sexualidade, as travestis serão pensadas e pesadas a partir de referentes estéticos e eróticos estereotipados, seja por exprimir com e através do corpo uma alteridade radicalizada, seja por aludir a uma especularidade obscena. O que fornecerá a medida para as tentativas de domesticação dessa alteridade incongruente com o regime produtivo heterossexual.

Observam-se certas peculiaridades concernentes à prestação de serviços sexuais por parte das mulheres e das travestis. A prestação de serviços sexuais guardaria uma carga de legitimidade historicamente datada, na medida em que esteve associada à função eminentemente feminina de doar-se, ou vender favores sexuais com vistas à satisfação masculina, sendo comumente justificada sob a égide de uma fatalidade irreversível, quase sempre determinada por critérios econômicos; assim aos sujeitos que fornecem esses serviços caberia a condição de párias. Considerando as observações decorrentes da pesquisa, percebe-se que o comércio sexual de mulheres e travestis possui espaços e temporalidades bem demarcados, além de ocuparem uma dimensão moral no imaginário social também divergente.

Tomando por base uma pesquisa empreendida por Luisa Leonini (2004) sobre clientes da prostituição em Milão, percebe-se o duplo estigma que cerca a prestação de serviços sexuais por parte das travestis. A prática de prostituição encontraria, para a referida autora, certa positividade, sancionada na sua pesquisa junto aos clientes das prostitutas – que, como nos lembra Hélio Silva, são seres essencialmente escorregadios – na medida em que a procura pelas mulheres que prestam serviços sexuais, sobretudo por grupos de rapazes, seria uma prática comum e estimulada, compartilhada nas conversas dos grupos e assentada/sustentada por um componente de transgressão como elemento propiciador da procura decorrente de uma excitação frente ao “perigo”; assim as formas solitárias ou grupais da referida procura teriam no sexo pago um espaço conveniente de experimentação. Quando apontado o duplo estigma que reveste as experiências de prestação de serviços sexuais por parte das travestis, soa distante qualquer menção positivada que justifique tal procura. Os clientes que pude observar estavam resguardados por vidros escuros, discursos sussurrados, não

mencionados pelas travestis, não inquiridos pela pesquisadora. Os corpos se mostravam parcial ou totalmente desnudos, o que dependia irrevogavelmente da hora da noite, sendo comum observar-se as travestis exibirem-se falicamente, simulando masturbação e incitando a imaginação dos sujeitos que transitavam pela Avenida. Assim, com os seios à mostra e pênis expostos, a incongruência era hiperbolizada na medida em que os corpos mostravam-se hereticamente/ereticamente alterados em sua anatomia, expondo a insubordinação de um desejo, por exprimir a possibilidade de desdobrar-se em outros, tornando-se assim algo a ser evitado, temido, talvez pelo fascínio que exercem. Às práticas eróticas das travestis e de seus clientes concede-se o selo da dupla denegação, na medida em que questionam os ditames da heterossexualidade compulsória, quando os desejos orientados para a sexualidade apontada como legítima reverberam para outros corpos.

1.4 SEXUALIDADES, HOMOSSEXUALIDADES, HETEROSSEXUALIDADES...

Inicialmente me ocuparei de uma pequena digressão rumo aos conceitos de sexualidade e homossexualidade, tomando-as como construções sócio-históricas, para em seguida apresentar os caminhos que balizaram a pesquisa, e que se solidificaram ao longo do campo, destacando o lugar que a corporeidade ocupa, enquanto centro de confluência e materialização, “lugar” onde sexo, gênero e sexualidade se encontram.

Assim, a sexualidade será tomada pela forma através da qual se caracteriza em diversas culturas, ou seja, por um grau extremo de flexibilidade, seja esta quanto aos objetos a que se dirige, seja quanto às formas através das quais se expressa.

Os estudos em antropologia e em sociologia demonstram largamente o fato. Lembro aqui os estudos de Bronislaw Malinowski (1973,1983), Margareth Mead (1988) Elisabeth Badinter (1993), para citar apenas alguns exemplos. Percebo, contudo, que tanto as formas, quanto os objetos aos quais a sexualidade se volta, são partes integrantes de um amplo conjunto de possibilidades dentro de cada cultura. Como observa Peter Berger: *toda cultura tem uma configuração sexual distintiva, com seus próprios padrões de conduta sexual* (BERGER,1976, p.73) A

instabilidade no que tange às configurações citadas e a variedade com que se impõem mostram que a sexualidade é produto das formações socioculturais, um produto da ação humana no curso histórico.

Como produto cultural, social e histórico, a sexualidade é submetida ao controle das sociedades, o que é garantido por meios diversos e revelando-se na tentativa das sociedades de restringirem o desejo sexual a padrões únicos e aceitos, o que denuncia as reflexões acerca da heteronormatividade como categoria valorativa presente e constitutiva de práticas sociais. Como afirma Swain:

A sexualidade, as práticas sexuais, inseridas no universo das práticas sociais/discursivas, são constitutivas do sujeito sexuado e fazem, assim, parte das tecnologias produtoras do sistema sexo/gênero, normatizando a heterossexualidade como expressão paradigmática do ser. (2002, p. 28)

Construída e legitimada a heteronormatividade, expõe a noção de que o gênero (social) é o espelho do sexo (biológico). Por meio dessa concepção, a sexualidade é construída de acordo com disposições supostamente naturais. O que a etnografia, e uma longa lista de trabalhos que tratam dos sujeitos trans, tem demonstrado é que a suposta “naturalidade” dos corpos é abalada pela impossibilidade de ligar inexoravelmente sexo-gênero.

Dentre outros exemplos de práticas submetidas ao controle social, a homossexualidade tem sido objeto de investimentos simbólicos e práticos que a negativizam enquanto sexualidade. De acordo com Guimarães, um mesmo discurso sobressai como forma de enfatizar o lado “negativo” da homossexualidade: este discurso funciona como um *sistema de classificação e hierarquização de categorias sociais e sexuais da sociedade dominante* (GUIMARÃES, 1977, p.135) e, assim, a categoria em questão é negativamente avaliada em oposição à categoria heterossexual. Os indivíduos acusados de práticas homossexuais são estigmatizados e classificados através de termos como “desviantes” e “anormais” e colocados fora da fronteira do instituído, sendo vistos, pois, como *ameaçadores da ordem e da reprodução biológica e social* (*ibidem*).

Peter Fry (1982, p. 87) irá argumentar que “a sexualidade, como tudo que é em princípio natural, é limitada e controlada através de conceitos e categorias construídas historicamente”. Para Judith Butler (2003), a instituição naturalizadora

da heterossexualidade é uma categoria política, “socialmente instituída e socialmente regulada”. Em autores como Michel Foucault (1980) e Jurandir Freire Costa (1992), dentre outros, tem-se a alusão ao fato de que o homossexual não existe, nesse sentido a homossexualidade seria uma criação relativamente recente e teria como objetivo classificar e estigmatizar aqueles sujeitos “desviantes”, cuja sexualidade não será considerada normal.

A existência de toda uma produção discursiva que, dentre outras coisas, tem em vista a *classificação* está bem explicitada na obra de Michel Foucault em sua *História da sexualidade*. Segundo o autor, a classificação pela *scientia sexualis* de determinadas práticas sexuais, denominadas de “anormais” e “perversas”, encobre deliberadamente o fato de que, por vezes, é a própria ciência – e considerando que esta estaria completamente assentada em uma moral vigente – a mentora desse tipo de classificação, produzindo categorias e lhes dando sentido, justificando sua própria produção e a consequente análise que advém dela. Nesse ato de produção das categorias e seus significados, assegura-se a produção de discursos que determinam o que é real, criando *uma verdade sobre o sexo e sobre as formas de prazer que lhes escapam* (FOUCAULT, 1999, p.28) A homossexualidade dessa forma será tomada como um dado para análise e não como uma construção social. Negando o seu caráter de construção, explica-se o seu significado e as “desastrosas” consequências que advém dela, deslocando-se com isso a atenção dos mecanismos de produção ideológica e encobrendo as relações de forças existentes. A ideologia aparece aqui em toda a sua clareza, ou seja, como responsável pela instituição de uma cultura de valores que traz, em seu âmago, significados específicos, baseados em classificações e hierarquizações determinadas por cada cultura em toda a sua particularidade, mas que aparecem como *universais* e *únicas*. As representações sociais que constroem a imagem do outro, negativizando-o, têm consequências práticas: elas permitem que esse outro seja discriminado. Produzem a subordinação deste ser “diferente”, cujo sistema de valores e práticas não corresponde ao que a sociedade dominante positivou, e faz o padrão instituído e aceito aparecer como uma espécie de instituição natural.

Michel Foucault, ao trabalhar a produção discursiva, fala-nos da questão do poder. Um poder que alternado com o prazer, outorga-se o direito de questionar

para em seguida rotular. Assim implanta-se, no corpo do indivíduo, uma conduta sexual, revestida do rótulo de “perigosa” e “inadequada”. Como observa o autor:

A mecânica do poder que ardorosamente persegue todo esse despropósito só pretende suprimi-lo, atribuindo-lhe uma realidade analítica, visível e permanente: encrava-o nos corpos, introdu-lo nas condutas, torna-o princípio de classificação e de inteligibilidade e o constitui em razão de ser e ordem natural da desordem (1988, p. 44)

Em Foucault, o poder – fundado no discurso das ciências que se revestem do manto de asséptica e, portanto, com o direito e, sobretudo, o dever de dizer a “verdade” sobre os sexos – toma a seu cargo a sexualidade tida como “desviante” e a investe do rótulo de *herética*. O poder funciona como *desvelador* de uma verdade oculta no corpo do indivíduo e, sob o pretexto de interdição do que se desvia da norma, atribui à sexualidade humana uma realidade (e uma verdade) definitiva, incorporando-a às estruturas psíquicas do indivíduo. Dessa forma, convém relacionar, ao trabalho do poder, um outro, o trabalho da ideologia, trabalho de ocultamento desse próprio exercício de poder (SOUZA FILHO, 2001). Razão porque não sendo o controle da sexualidade algo visível aos próprios indivíduos, esta, enquanto uma realidade instituída e aceita, é vivida como uma realidade natural e mesmo às vezes divina; e, enquanto uma realidade representada como “desviante”, é vivida, e apresentada em algumas narrativas, como “anormalidade”, “pecado”.

Passo a transcrever fragmentos de uma entrevista que soaria para mim como icônica no sentido de elucidar essas representações duais, positivadas que aludindo à heterossexualidade, ancora-se em explicações naturalizantes e/ou divinas.

Pesquisadora – Tem um monte de menino se montando agora...

Rebeca: é mulher, eles vê a gente aí se inspira na gente é quer fazer...é mais eles não são travestis não, é só homem com roupa de mulher, tipo gayzinho, mais pergunta se essas bichinhas querem levar vida de travesti, eu aposto que não, acho que não, porque pra levar a vida que a gente leva querida tem que ser uma mona muito “trucada”, tem que ter a cabeça muito no lugar tá entendendo?...eles no máximo vão querer ter uma vida mais *ligh*t, alugar um apartamentinho, colocar anúncio no jornal pra ganhar dinheiro, né. Elas acabam tendo inveja da gente, porque minha filha tem que ter muito peito pra botar peito, tá entendendo?

Pesquisadora – humm...

Rebeca: Pior é que é assim, eu acho que a gente que é transformada tem uma dívida com Deus, com certeza. Mas eu acho que essas bichas que esconde, que fica meia assim, como se diz: dentro do armário, mais se solta linda na cama com a gente, eu acho muito errado isso...essa história de

homossexual, desses macho agora que querem transar com outros homens...nã...não consigo entender...

Pesquisadora – Porque você acha que tem uma dívida?

Rebeca: Porque é a transformação né mulher do corpo, tá entendendo, a pessoa viver já na prostituição, e outras coisitas mais... porque a gente mexe no corpo da gente e tem sorte e não acontece nada, porque a gente pode fazer e dar errado, dar defeito, tudo isso... e o mais louco é que você começa a se tocar quando acontece uma situações assim, que faz você ver, que Deus não pode concordar com essas coisas, teve uma vez eu sai com um evangélico, pois a bicha não botou a bíblia na frente do carro para transar, rssss, foi. Aí eu disse, tire a bíblia daqui que eu já tô pecando e num vou pecar mais não... tem cada loucura né? ²¹

Considerando os sujeitos pesquisados como socializados em um mundo social onde a cada gênero corresponderia uma série de manifestações justificadas de forma natural ou divina, percebe-se claramente o efeito dessas representações na elaboração de si. Como afirma Sousa Filho:

Como é sabido, o efeito ideológico de uma concepção naturalista da sexualidade humana foi banir a homossexualidade e a bissexualidade do campo das expressões possíveis da sexualidade humana, tornando-as “desvios”, “anomalias”, “vícios”, “doenças” e, pretendem certos religiosos, uma forma do “pecado”, ou como dizem outros, uma “desordem da identidade de gênero” (2007, p. 55)

Entretanto, como é também observado pelos autores já citados, a vida cotidiana dá lugar a outras experiências. Embora toda força do controle social, muita coisa da experiência humana escapa a essas formas de controle. Ainda que a ideologia e o poder sejam fenômenos cuja característica mais forte seja sua ubiquidade, diversas são as ações humanas e diversos são os espaços sociais em que o desejo se sobrepõe às formas de controle social. São algumas dessas experiências que chamaremos de *resistências*, adotando neste estudo denominação proposta por Michel Foucault e empregada por Michel Maffesoli, formas de resistência ao poder, e a ideologia. *Experiências de resistência à imposição mortífera do instituído* (MAFFESOLI, 2001).

Torna-se, contudo, importante salientar que as resistências – espécie de desobediência/enfrentamento do controle social – não são lineares nem permanentes e quase sempre não conseguem se libertar totalmente da ideologia. Seguindo as indicações deixadas por Michel Foucault, quando lança incisivamente a questão “por que o comportamento sexual, as atividades e os prazeres a ele

²¹ Entrevista realizada em abril de 2007.

relacionados são objeto de uma preocupação moral?” (FOUCAULT, 1988, p.14), podemos nos perguntar porque a homossexualidade, entre todas as outras práticas sexuais, é aquela que mais suscitou essa preocupação moral até aqui.

Como demonstram os estudos em antropologia e história social, na nossa como em outras sociedades, a heterossexualidade aparece como algo evidente na história dos indivíduos. Expõe-se com clareza, tendo o apoio do senso comum e de um certo saber científico, estes ancorados numa história sem fim, produzida ao longo do tempo. Assim, a heterossexualidade, apresentada como normal, irá determinar o olhar humano nas diversas culturas, tornando-se ela própria a forma aceita da sexualidade. Ao se levar em conta que a sexualidade não teve como prerrogativa, em todos os tempos e lugares, a procriação, o que necessariamente impôs a heterossexualidade como regra máxima foi uma construção cultural e histórica particular. Considerando que o desejo sexual como tal, e desde Platão (em Banquete) até à psicanálise, este tem por meta o prazer, sem gênero que defina necessariamente os amantes. A preocupação moral com o sexo biológico dos amantes é uma invenção histórica recente e muito particularmente vinculada ao Ocidente. A esse respeito, diz-nos Catonné:

Diferentemente dos modernos que opõem homossexualidade e heterossexualidade, os antigos opunham atividade e passividade. Não era, portanto, necessário ter uma natureza “outra” para ser atraído por uma pessoa do mesmo sexo. Concebia-se um único apetite, numa natureza única, para duas modalidades eróticas. (2001, p.115)

As mudanças históricas introduzidas com o advento da sociedade moderna, essencialmente definida pela cultura burguesa, modificam as visões e as práticas que constituirão a sexualidade a partir daí no Ocidente. A “franqueza” do desejo, adotada no século XVII através de práticas que não se restringiam às alcovas ou às palavras pronunciadas sem maiores rubores, é inteiramente substituída na modernidade. A família conjugal torna-se norma máxima, a sexualidade adquire a função precisa de reprodução. Baixam-se as cortinas, resguarda-se a sexualidade do prazer simples do franco desejo:

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E

absorve-a inteiramente, na seriedade da função de reproduzir (...). O casal, legítimo e procriador, dita a lei (FOUCAULT, 1999, p. 9)

A sexualidade irá se inserir no domínio moral, criando uma verdade sobre o sujeito, um saber sobre o sexo que se funda e acaba por aliar-se a práticas específicas. Esses dispositivos, juntos, estabeleceram o que passou a ser a normalidade no tocante à sexualidade. Opera-se uma redução da sexualidade ao nível da linguagem, permitindo o seu controle através de um processo de análise, contabilização e classificação. De um lado, as sexualidades que se enquadram nos padrões de evidência e regularidade; de outro, as sexualidades periféricas: a sexualidade das crianças, dos loucos e dos criminosos; o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios; as obsessões (FOUCAULT, 1988, p. 39).

Assim, tem-se nesse momento a reprodução como função máxima e divinizada da sexualidade. Tudo o que se opõe à função prescrita da atividade sexual é revestido do rótulo de “anormalidade” e da “improdutividade”. O que não serve para a reprodução não é produtivo. E como irá demonstrar Foucault: o que não é regulado para a geração (...) é ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio (FOUCAULT, 1988, p.10).

Aos sujeitos silenciados, impõe-se a exclusão, e se essas “*sexualidades improdutivas*” insistem em se mostrar, atribui-se a elas espaços específicos, estrategicamente dispostos. No tocante à sexualidade, o projeto da modernidade burguesa – que, de algum modo, continua presente no nosso imaginário coletivo – apela para o fim da indiferença na relação entre prazer sexual e sexo biológico. O moralismo burguês em torno da sexualidade implica necessariamente essa distinção e consequentemente uma classificação – como numa espécie à parte – de todos aqueles cuja atividade sexual não considere a separação obrigatória do corpo do amante (o sexo biológico) e o desejo de prazer. Assim, a moral burguesa institui a lei da distinção dos corpos para o exercício legítimo da sexualidade. Os homossexuais seriam justamente aqueles indivíduos que não operariam com essa distinção do sexo biológico, podendo amar e exercer a sexualidade com pessoas do seu mesmo sexo, isto é, operariam com uma outra lei, a lei do desejo.



Sabe, para mim a vida é um punhado de lantejoulas e purpurina que o vento sopra. Daqui a pouco tudo vai ser passado mesmo - deixa o vento soprar, let it be, fique pelo menos com o gostinho de ter brilhado um pouco...

Caio Fernando Abreu

2 CAPÍTULO 2: (SOBRE)SALTOS DA PESQUISA

Escrevo sobre as *drags* e travestis pesquisadas com o corpo. E o que experimento na produção dessas análises, sempre inconclusas, é uma temível sensação de inquietude. Porque falar sobre corpos, fazê-los expressar-se, através das narrativas que formam este mosaico de inconclusões, acaba por revelar a face trágica desses corpos, sua fragilidade, precariedade, temporalidade. Situações que demonstram claramente “o sentimento trágico próprio de toda existência teatralizada.” (MAFFESOLI, 2006, p. 114)

Dessa forma, busquei estabelecer outros códigos para tentar decifrá-los, por sabê-los inscritos com outros signos. Procurei trazer à tona uma discussão sobre a fabricação do feminino nos corpos das travestis e *drag queens*, com vistas a compreender como as mudanças corporais empreendidas se relacionam com a construção das “identidades de gênero²²”. Mas, pensar essas modificações corporais como incidindo nas construções provisória ou gradual das identidades de gênero me lançava num outro nível de análise, que referendava a necessidade de pensar experiências fluidas em corpos processuais a partir da lógica da identidade ou identificação, considerando que a identidade se constrói produzindo as expressões que aparecem como seus resultados. Ao se considerar a identidade de gênero enquanto ideal normativo expressando aquilo que está no cerne do humano em função do sexo anatômico que se corporifica, há de se desconsiderar a mesma em seu aspecto descritivo da aparência. Como afirma Butler (2005), se a identidade está fundamentada em conceitos instáveis como sexo-gênero e sexualidade, o conceito mesmo de pessoa deve ser questionado dada a emergência cultural de seres incoerentes de “genericidade descontínua” (não adaptados às normas culturais de inteligibilidade).

O que sugeria uma outra questão acerca das categorias trabalhadas até então nos estudos sobre os sujeitos pesquisados, a saber: a categoria de gênero e

²² A discussão sobre identidade de gênero e “corporalidade trans” encontra eco em uma série de autores que trabalham a temática, refiro-me especialmente a Berenice Bento, que em sua pesquisa ancorada nos estudos *queer* analisa detidamente a experiência transexual e Marcos Benedetti, que desenvolve uma belíssima etnografia entre travestis em Porto Alegre.

as apropriações e modificações diversas sofridas em função das teorizações, pautadas que estavam no dualismo fundador do pensamento ocidental, serviria para pensar esses sujeitos que desestabilizam as normas de gênero, corporificando a ambigüidade?

O que me lançou num empreendimento de restringir, delimitar, especificar, aparar as arestas que o conceito de gênero em seus deslizamentos tem alcançado. Tentando articular as reflexões acerca das relações de gênero e toda uma série de apropriações/atualizações do referido conceito, informada por um olhar etnográfico²³ centrado nos grupos²⁴ mencionados, pensados como “experiências identitárias” que desorganizam as normas de gênero. Aponto os corpos construídos, como o lugar para onde convergem as minhas inquietações, por serem portadas como a principal marca identitária dos sujeitos (SANT’ANNA, 2001). Assim construí o texto em questão a partir dessas pequenas histórias etnográficas que me foram reveladas, sobre esses sujeitos e seus corpos, esses sujeitos em seus corpos.

Partindo da reflexão sobre corpos (re)generizados, lanço algumas questões insidiosas. De que corpos falamos quando pensamos em travestis e *drag queens*? De corpos ambíguos, “abjetos²⁵”, desconcertantes? De corpos cindidos e reconstruídos em um? Como esses corpos são vistos, sentidos, gestados, experienciados²⁶ e significados pelos sujeitos (que num processo contínuo de montar-se trazem-no à tona)? E como esses corpos, na medida em que corporificam a ambigüidade, são vistos pelo social circundante?

²³ O texto está organizado entremeado por algumas falas colhidas em campo, como forma de elucidar algumas questões em processo.

²⁴ É importante salientar a escassez de trabalhos voltados para a compreensão dos grupos em questão, sendo a antropologia a responsável pela produção de uma série de trabalhos a respeito do tema, com um olhar que, especialmente na última década, vem conseguindo despatologizar essas expressões identitárias.

²⁵ A idéia de abjeto está assentada na discussão empreendida por Judith Butler. Para a autora, o sexo é o qualificador dos corpos, na medida em que inscreveria a existência do sujeito nos domínios da inteligibilidade cultural. Assim os “abjetos” se constituiriam enquanto não-sujeitos, por não se colarem ao “imperativo heterossexual”, habitando as zonas inabitáveis e constituindo-se enquanto contraparte dos sujeitos legítimos.

²⁶ A tentativa de entender os sujeitos a partir da noção referida informava-me acerca da incapacidade que temos de sentir pelo outro. Dessa forma me situei enquanto observadora, tentando apreendê-los mediante a interpretação e observação das sensações que me foram narradas, e que compõem a tessitura do texto ora apresentado.

Diversas questões foram se delineando quando da interação com os grupos observados, mas o corpo, tanto num grupo quanto no outro, aparecia-me em toda a sua materialidade, “como lugar onde o mundo poderia ser questionado” (LE BRETON, 2003, p. 45), como se livre de uma anatomia de proporções determinadas e de normalizações, fosse possível reinventar esse corpo, afirmando a proeminência do corpo do desejo/desejado, sobre uma corporeidade anterior.

Creio ser necessário pensar tais questões, uma vez que nem todas as disciplinas, ou áreas temáticas que debatem as questões acerca de gênero e sexualidade, aceitam, praticam ou percebem dificuldades na abordagem ao corpo, por considerá-lo uma evidência que não demandaria questões. O que incorre no equívoco de não aprofundar as análises acerca dos mecanismos e técnicas específicas de modificações corporais, assentadas que estão numa ampla idéia de plasticidade. Contudo, é importante salientar que os estudos inseridos em uma perspectiva construcionista²⁷ têm apontado a importância de pensá-lo evitando assim um ranço a-histórico presente em algumas análises.

Curioso observar que muitos pesquisadores, sejam da área da saúde ou das humanidades, falam do corpo como de uma única entidade, sem falhas ou equívocos. Isso não me parece assim tão evidente, especialmente na medida em que me atenho ao corpo como discurso encarnado, constituído de historicidade, relacional, embebido de afetos e carências, marcado pelo desejo, vincado pelo querer e desenhado/redesenhado pela imaginação; labiríntico se apresenta no centro dos jogos de poder; resistente, se inscreve sedutor, ao sabor dos acasos. Enquanto potência a ser reconstruída é plástico, estético, materialidade esculpida por tecnologias diversas, percepções afetivas e construídas na confluência de significados pessoais e sociais.

O corpo encarnado é festivo, subversivo, provocador e criativo, inventando formas outras de ser e estar no mundo, a fim de desestabilizar as representações dominantes, revelando a falibilidade da norma heterossexual, enquanto uma

²⁷ Para uma compreensão do que seja uma concepção construcionista da realidade, na qual se incluem igualmente o gênero e a sexualidade, ver: SOUSA FILHO, Alípio. Por uma teoria construcionista crítica. In: *Revista Bagoas: Estudos Gays – gênero e sexualidade*, v.1, n.1, jul./dez. 2007. NOGUEIRA, Conceição. *Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001; ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008; HALPERIN, David. *San Foucault: para uma hagiografia gay*. Buenos Aires: Editiones Literales, 1999.

construção ideológica. O que sugere a reflexão acerca da contrassexualidade como apresentada por Preciado (2000, p. 21), quando afirma que, para chegar a uma “teoria do corpo que se situa fora das oposições binárias, reducionistas e excludentes”, deveríamos pensar em modos outros de existência, não mais fundados em normas culturais atadas a suposta diferença sexual natural.

Assim, ciente das múltiplas potencialidades desse ente-corpo que se quis inerte, imexível, tentarei desconstruir seu caráter de evidência, e com isso contribuir com o aprofundamento da questão, com vistas a construir a partir do referencial teórico, e sobretudo etnográfico, uma apreensão mais aguda do fenômeno da corporeidade, que acredito ser passível de análise e apresentação em função da vivência etnográfica, na medida em que a ênfase sobre a vivência forneceria a possibilidade de reconhecimento dos elementos subjetivos como parte integrante das histórias humanas. (MAFFESOLI, 1998, p.183)

Pretendo com isso **apresentar** os sujeitos pesquisados a partir da noção de Maffesoli, quando o autor afirma que, apresentar ao invés de pensar uma representação do dado social – tendo em vista que a representação tende a submeter o mundo a uma verdade universal, essencial e incontornável – teria por objetivo “se contentar em deixar ser aquilo que é, apresentando o dinamismo e a vitalidade desse mundo” (1998, p. 20). Isso apontaria para a necessidade de adentrar nos meandros da vida cotidiana, tentando desvelar os mecanismos que orientam as relações sociais, e que regem tais vidas.

Assim, no presente capítulo, aponto questões inquietantes gestadas no tempo de convivência com os grupos pesquisados, atadas às histórias etnográficas que vão se delineando nas páginas. Se darei conta de resolvê-las? Nervosamente me ocorre que certos episódios narrados – fragmentos contidos no diário de campo, falas transcritas, impressões – contêm uma multiplicidade enigmática de temas que interpretarei, tentando, claudicante, fornecer uma coerência mínima para existências, que como quaisquer outras são essencialmente incoerentes.

2.1 UM OUTRO JEITO DE CORPO

Os passeios na Avenida Roberto Freire, no bairro de Capim Macio, em Natal – RN, com vistas a encontrar as travestis que prestam serviços sexuais, e as idas às boates voltadas para o público homossexual onde as *drags* costumam se apresentar, foi o que me levou a caminhar por entre esses corpos inscritos, tatuados com os signos da ambiguidade, nesses espaços subterrâneos e que despertaram fascinação.

Dessa forma, compartilhar com esses sujeitos da intimidade da noite, até onde me foi permitido, me mostrou o que geertzianamente eu só havia experimentado em leituras, que eu estava longe de conjurar o subjetivismo tão temido, permanecendo “inevitavelmente mais alheio do que desejava e menos cerebral do que imaginava” (GEERTZ, 2001, p. 45). Então o esforço maior seria combinar as atitudes, engajada e analítica, de forma única, o que me fez atentar para o fato de que não havia possibilidade, ou mesmo necessidade de conjurar o subjetivismo, e que ele se inseria a partir desses instantes etnográficos, como parte e parcela da pesquisa.

Assim, segui etnografando vivências, entre *drag queens* e travestis, de forma a fazer falar aqueles corpos, buscando pontos de convergência e vendo-os separarem-se no momento seguinte. É importante salientar, seguindo as trilhas abertas pelo trabalho de dissertação de Anna Paula Vencato, que, embora existam traços comuns entre essas “metamorfoses de gênero”, existem “aspectos diferenciadores/diferenciantes e principalmente hierárquicos dentro e fora do universo GLS”, o que acredito ser perceptível nas falas colhidas em campo e na forma de organização/disposição dos espaços gays. Observei claramente a pequena presença de travestis nas boates voltadas para o público homossexual, ao passo que a presença das *drags* era extremamente freqüente.

O que me levou a inferir acerca da ligação entre gênero, sexo e classe social, raça, enquanto marcadores sociais estruturantes na organização das relações sociais, frequentemente apontados por autores que realizaram pesquisas junto a travestis. Refiro-me particularmente ao trabalho de Larissa Pelúcio, que seguindo os passos de Gilberto Velho, na reflexão empreendida acerca da idéia de classe social, apresenta-a como mais abrangente, na medida em que o referido autor considera a

complexidade nos tipos de configurações sociais contemporâneas. Dessa forma, a pluralidade das formações de classe seria resguardada na análise.

Assim, torna-se imprescindível ao trabalhar com as travestis considerar esse processo de marcação social, referido à vinculação a partir de um pertencimento de classe onde são operados aspectos de “reinvenção criativa do saber e da moralidade vigentes”, o que apontaria para a heterogeneidade presente nos arranjos sociais na contemporaneidade. Estava claro que a vinculação de classe explícita, quando analisei as travestis, apontava para a necessidade de mobilização de outros marcadores sociais, eixos de diferenciação social, que estruturam hierarquias sociais. Sendo os sujeitos engendrados não só na experiência de relações de sexo, mas nas experiências de raça e classe, donde os sujeitos são constituídos por meio da diferença sexual, dos códigos lingüísticos e das representações culturais.

Outra questão que surgia como passível de ser lida a partir da ideia dos aspectos diferenciadores/diferenciantes entre as travestis e *drag queens* e presentes no universo LGBTT, era a frequência com que se dava a interação (e suposta aceitação) entre as *drags* e o público mais amplo (donos de boates que as contratam, a presença das mesmas no carnaval, e a frequência com que aparecem na mídia), passível de ser pensado a partir dos componentes de ludicidade e paródia que revestem essas performances. Essa ideia de uma maior “aceitação” das *drag queens* aparece já em Trevisan (2000), quando o autor relata a história da homossexualidade no Brasil, considerando a década de 90 como o momento de efetiva emergência das *drag queens*.

Já na década de 1990, entraram em cena as *drag queens*, atuando a partir de um conceito mais flexível de travestismo. Além de atores transformistas, eles se distinguem dos travestis comuns por andarem vestidos como homens, no cotidiano, e até exercerem profissões respeitáveis. Isso já vinha ocorrendo desde a década de 1970, em casos raros como o do transformista Laura de Vison (...) a atuação das *drag queens* foi facilitada por englobar um componente lúdico e satírico semelhante ao das caricatas do carnaval, o que as levou a transitar por áreas jamais imaginadas, como as concorridas festas de socialites, shows beneficentes e colunas sociais da grande imprensa. Em muitos casos, elas tem sido contratadas por boates, como agitadoras da noite, responsáveis por animar o público com suas estripulias. (TREVISAN, 1986, p. 246)

O que não as imiscui de comporem, junto às outras composições que desestabilizam as normas de gênero, um amplo espectro social de criação contínua,

onde os “outros perigosos” são criados e fixados, e com eles uma série de pudores em gestação.

2.2 DA NECESSIDADE DE CLASSIFICAR O QUE ME ESCAPA

Não acredito que definir, detalhar o que seria uma *drag queen* ou uma travesti seja uma questão profícua para o meu trabalho, quando sugeri, ancorada em toda uma produção bibliográfica, que a identidade sexual, assim como a identidade social, poderia ser pensada a partir de sua articulação, sendo, pois, conjuntos de atributos e valores, que comportam uma dimensão contrastiva, na medida em que incorporam instâncias diversas da vida dos sujeitos. Penso que a classificação e o conseqüente enquadramento dentro de um leque de taxionomias não darão conta da fluidez inscrita nesses corpos, pois bastou-me inicialmente escutar esses sujeitos, observá-los, para compreender o que esses corpos revelam de nossas construções rigidificantes.

Mas, considerando a necessidade de classificar com vistas a elucidar, inerente ao trabalho acadêmico, farei uma breve alusão à forma como essas categorias são apropriadas pelos sujeitos pesquisados, além de utilizar os conceitos referidos pelos autores que têm trabalhado com a temática em questão, em produzir classificações que guardam um certo ranço generalizante, na medida em que se percebe claramente, na etnografia, as diferenças construídas e reforçadas entre travestis e *drags*, e sobretudo diferenças inerentes a cada grupo, “como se as lógicas individuais não se alinhassem sobre um único esquema de compreensão” (MENDES-LEITE, 1996, p.78). Diferenças essas que solidificam um outro aspecto recorrente na análise desse universo social, a criação de um *continuum* muitas vezes apresentado como lógica ideal no que tange a um possível enquadramento desses sujeitos na lógica da heterossexualidade compulsória; a leitura desses corpos remeteria sempre e inexoravelmente para um desenho final que visaria à (re)adequação ao modelo vigente, assim esses corpos esboçariam traços de um feminino inacabado, em processo, caminhando para a adequação.

Pertinente se faz nesse caso a alusão de Larissa Pelúcio ao uso do conceito de travestilidades, por considerar que este alarga aspectos de categorização

identitária do termo “travesti”. Segundo a autora o mesmo pode ser extremamente simplificador quando busca contemplar as diversas possibilidades de se viver esta condição. Assim, a travestilidade apontaria para um amplo leque de possibilidades, em que experiências ligadas à construção e desconstrução de gêneros são observadas. Ainda que seja perceptível uma certa rigidez na “gramática de gênero” das travestis, haveria uma patente fluidez na elaboração de categorias que traduzem essas elaborações generizadas, atreladas a marcas identitárias que expressam o trânsito dos corpos pelos espaços, e às próprias transformações desses mesmos corpos.

A dificuldade em definir uma *drag queen* se encontra como parte e parcela das pesquisas que tratam da experiência em questão, penso especialmente no trabalho de Vencato, quando a autora alude à utilização da palavra *drag*, que nos países de língua inglesa designariam *cross-dressing*²⁸ de qualquer ordem, sendo o termo em questão utilizado aqui para aproximação dos grupos analisados, na medida em que tanto travestis quanto *drags* apropriam-se de roupas e signos do feminino/ou vice-versa²⁹, inscrevendo um feminino inventado num corpo masculino, sujeitos que se fazem continuamente na inscrição do feminino nos corpos, mas acima de tudo na afirmação do desejo através dos corpos. Entretanto os termos não são suficientes para defini-los de uma vez por todas, na medida em que a construção de uma personagem *drag* diverge em larga medida quando considero experiências singulares, que pretendo inserir ao longo do texto. Por ora objetivava situar esses sujeitos a partir da produção corporal, para tanto utilizo a literatura, que tematizou a questão. Diz-nos a autora:

Não me preocupei em elaborar uma definição do que seria uma *drag*, porque me parece impossível dizer que as *drags* são ou não de determinada forma. Contudo ao longo do trabalho descrevi diversos momentos inerentes a construção das personagens *drag* (...) sobretudo enquanto experiência corporal. (VENCATO, 2003, p. 232)

²⁸ *Cross dressing* seria, segundo a referida autora, “a apropriação de roupas e signos femininos por sujeitos de que socialmente se esperava que usassem/se apropriassem de signos masculinos”, sendo inevitavelmente uma manifestação de transvestismo.

²⁹ Não encontramos nos ambientes pesquisados mudanças de gênero operadas no sentido inverso feminino-masculino (*drag kings*).

Dessa forma, entendo que para além das diferenças inerentes a cada grupo, devo incorporar uma discussão sobre corporeidade intencional, lançada como representação objetiva do sujeito e colocação de si no mundo, sendo portanto apropriada na discussão como ponto fulcral, na medida em que a ideia de corporeidade intencional estaria atrelada à lógica da produção consciente de si, assentada na reflexividade sugerida no processo de feitura dos “corpos trans” num constante trabalho, sobre si, deliberado e sempre inacabado.

Quando estabelecidos os parâmetros para comparação, observo nas narrativas, sejam aquelas das travestis ou das *drags*, que o *locus* de convergência inicial é esse corpo que se faz, metamorfoseado, através de um processo de montagem³⁰, numa experiência estética que leva a passagem de uma corporeidade à outra, como se trazer a tona esse corpo refeito, recém-fabricado remetesse à negação da corporeidade anterior, a sua invisibilização.³¹ Importante salientar, contudo, que o corpo será experienciado de maneiras diversas em ambos os grupos, o que será aprofundado ao longo do trabalho, a aproximação citada se daria no sentido de apontá-lo como sempre “em processo”:

Para as *drags*, o território em que se opera a transformação é o corpo, não uma espécie de passagem da natureza para a cultura, mas uma passagem entre “dois corpos culturais” (...) mediada pelo desejo de se tornar outro, se tornar uma personagem, uma caricatura de feminino que talvez nem mesmo exista numa suposta natureza feminina. (VENCATO, 2003, p. 234)

A composição/montagem da corporeidade *drag*, os signos do feminino acionados (acessórios, maquiagem, roupas, perucas, cílios, sapatos) distanciam-se, em certa medida, daqueles operados na montagem da travesti, o que a diferenciaria destas. O excesso apresentado nas *drags* se estrutura a partir da montagem, ao passo que as travestis materializam o excesso no corpo. Reforço a ideia de que o feminino-drag é personificado tendo por base o processo de montagem-

³⁰ A palavra em questão, utilizada para designar o processo de apropriação de signos do feminino em corpos masculinos, largamente presente no vocabulário *drag* também apareceu com frequência nas narrativas das travestis, quando estas interrompiam nossas conversas, aludindo à necessidade de montar-se para mais um dia de trabalho.

³¹ A ideia da invisibilidade da corporeidade anterior pode ser analisada através do processo de montagem em ambos os grupos, entretanto entre as travestis o pagamento se dá de forma mais recorrente, quando do apagamento do nome masculino ou da impossibilidade de retorno ao corpo masculino.

desmontagem, divergindo em larga medida das mudanças que a travesti promove em seu corpo, consolidadas na ingestão de hormônios, colocação de próteses de silicone, e toda uma série de investimentos em definitivo, sendo as construções corporais, culturais e subjetivas dos sujeitos, percebidas como limite de diferenciação e aproximação.

2.3 IMPRESSÕES ETNOGRÁFICAS

Elegi inicialmente para pesquisar as *drag queens*, a boate vogue, localizada no Alecrim³², bairro comercial da cidade, por ser a única boate³³ que trabalha com shows de *drags* semanalmente. A aproximação com Shakira³⁴, uma das entrevistadas que se tornou nossa informante privilegiada, propiciou uma abertura para o encontro com outras drags, talvez por ela ter se firmado no cenário *gay* natalense enquanto uma das poucas *drags* com contrato fixo de trabalho, na boate acima mencionada, tornando-se um personagem icônico dentro do universo *gay* natalense. Além dessa peculiaridade, ela ocupa o lugar de diretora artística da boate, selecionando os shows a serem apresentados, aparecendo para as drags iniciantes como uma figura importante no universo em questão, como personagem social muito próximo daquilo que Michel Maffesoli atribui o valor de “*gênio coletivo*”, que, em sua capacidade de agregação, constitui *microcomunidades*. O que pude confirmar nas entrevistas e mesmo conversas informais, quando alguns rapazes que fazem *drag*, aludiam a Shakira como modelo de inspiração no que tange à produção estética e postura em palco.

É importante salientar que a observação participante foi sendo realizada com esse grupo de forma assistemática, ao longo do ano de 2005, primeiro por

³² O Alecrim, bairro onde esta localizada a boate em questão fica na Zona Leste (ou Centro) onde estão os primeiros bairros da cidade.

³³ Na época em que iniciei a pesquisa a boate mencionada era a única a trabalhar com shows de *drag* semanalmente, entretanto esse padrão não mais se confirma, havendo a inserção de tais shows em outros espaços de sociabilidade homossexual.

³⁴ Optei por utilizar ao longo do trabalho os nomes reais dos rapazes/drags, primeiro por solicitação deles, além de seguir a reflexão empreendida por Vencato, quando esta autora afirma que a associação dos nomes com as performances desenvolvidas pelas *drag queens* passa a ser reivindicada como indicador(es) de “*bens simbólicos no universo gay*”.

freqüentar comumente esses espaços e segundo como estratégia de aproximação do grupo em questão, tendo sido operacionalizada de forma contínua e sistemática desde janeiro de 2006 até 2008.

A utilização dos nomes reais das *drags* no trabalho encontrou subsídios, para além das reivindicações e solicitações das entrevistadas, no trabalho de Vencato (2003) quando ela afirma que “não há razão em ocultar o nome artístico uma vez que se trata de pessoas públicas”. Sendo o chamativo parte e parcela da performance,

Uma questão interessante a ser referendada no que tange a essa dupla nominação quando pensadas as *drag queens* entrevistadas, – na medida em que com as travestis a menção ao nome masculino soaria como uma informação desnecessária, ou mesmo uma ofensa, atestada nas interações processadas em campo – diz respeito à referência feita pelos outros sujeitos ao nome da personagem (*drag*). Em alguns momentos, a “identidade” das personagens que representam vivenciada e experienciada, mesmo quando não estão *montadas*, demonstra a fluidez, o trânsito que caracteriza a existência dos sujeitos observados. Acredito que o fragmento que passo a narrar é elucidativo dessa fusão entre o personagem-drag e o sujeito-criador. Como aponta Alisson/Dara Scaranz, me falando dos seus problemas no relacionamento:

Sabe, aprendo todo dia com Dara, aprendi por exemplo a ser mais esnobe, mais fria, mais fina lógico, mais cachorra também, rsss, mesmo, acho que é por isso que quero parar de me montar mais não consigo, a bicha fecha, ela dá na minha cara”³⁵

Assim marquei as entrevistas e comecei a me aproximar desses personagens notívagos, envoltos numa eterna fluidez, materializada nos corpos.

Passo a transcrever uma nota retirada do diário de campo, quando me deparei pela primeira vez com Angelina, e que me surge (levando em conta o impacto visual e subjetivo) como forma de demonstrar o caráter potencialmente desestabilizador dessas “metamorfoses de gênero”, na medida em que tornava as supostas distinções sexuais altamente reversíveis:

³⁵ Entrevista realizada em fevereiro de 2007.

Quem era aquela mulher de costas? Nunca fui fascinada por mulheres esguias, mas as curvas e a sensualidade daquele corpo. Ela se virou, mas meus olhos ficaram em casa, nada consegui enquadrar para além das formas eminentemente femininas, como em Lolita, ninfeta a se esgueirar por entre corpos não autorizados. Me aproximo e as lições relacionais de gênero vêm à tona, um menino (linda). Parado ali perto do bar, sem inquietações aparentes, apenas um sereno desejo de durar, sem perdurar, entre máscaras que serão dissolvidas ao final da noite com o algodão que manejado habilmente retirará as camadas de sombras e sonhos. Mas os sonhos aqui são sem ilusões, porque nada é em definitivo, tudo tem um breve, porém denso, tempo de existir³⁶

A ideia de tempo de existir, no que tange às *drags*, surge como pista teórica para pensá-las, na medida em que aspectos como temporalidade e artisticidade são parte e parcela das performances. Haveria um tempo montada, onde o feminino irrompe nesse corpo através do acesso à maquiagem e adereços eminentemente femininos e um retorno a um corpo hegemônico, o masculino, no final da noite.

Apresento os diversos encontros processados com as travestis e *drag queens*, seja em espaços comuns, seja em espaços específicos de frequência dos grupos, para ir paulatinamente traçando possibilidades comparativas, salientando sempre as diferenças que caracterizam os grupos, a fim de evitar as comparações apressadas que confundem as diversas expressões de gênero. Sendo fundamental afirmar a construção do feminino e a materialização corpórea desse feminino enquanto chave de leitura dos grupos.

Passo a transcrever um dos processos de montagem que pude observar, considerado como elucidativo no que diz respeito à tentativa empreendida no trabalho de pensar a corporeidade processual, e por conseguinte a fabricação do feminino – observada de formas diversas tanto entre travestis e *drag queens*, quanto como forma de pensar as singularidades concernentes aos grupos.

A entrada de Shakira na boate acompanha necessariamente o mesmo processo. Junior sai de casa maquiado, com uma roupa feminina (penhoar de seda escrito nas costas “Shakira é babado”, ou vestidos, que será trocado no camarim pela roupa utilizada para apresentação). Sento num canto do camarim, junto à *drag* que fará a primeira apresentação da noite; começa o processo de finalização da montagem, iniciado em casa com a maquiagem, Shakira veste várias calcinhas e

³⁶ A ideia de tempo de existir tem relação com a perspectiva que utilizarei para pensar as *drags* e que desenvolverei ao longo do trabalho. (Fragmento do diário de campo)

uma blusa que deixa as tatuagens à mostra, calça botas até os joelhos e coloca várias coleiras. Tudo começa no lugar do camarim adequado para colocação dos acessórios, ao final da montagem tudo está totalmente organizado dentro de uma maleta prateada, com várias divisórias. Um acessório chama a atenção, escrito sexy, que ela agora já menina, prende na cintura com esmero. Passa óleo Séve pelo corpo com movimentos rápidos, numa espécie de realidade criada no camarim, através da transformação que se processa gradativamente. Prende um *mega-air* com um suporte prateado na parte superior da cabeça, e espalha *glitter* pelo corpo, que vai aderindo ao óleo. O mesmo rapaz, que a acompanha levando as malas nas noites de apresentação, auxilia com linha e agulha para prender a tira ao redor da cabeça que servirá de suporte para a peruca de cabelos castanhos compridos. Com movimentos firmes e ágeis ela termina a “amarração”, prendendo a peruca com grampos. São retirados os “bobs” que estavam nas pontas da peruca, e mais grampos são inseridos por baixo desta. Tudo é muito rápido se considerarmos que a maquiagem, processo mais demorado, algo em torno de uma hora, é realizada em sua casa. Finalizada a montagem, ela está perfeita, sobe no sofá ao canto do camarim e é fotografada em várias poses (sempre sensuais) pelo mesmo auxiliar. Ela esconde a peruca numa espécie de boina, que irá compor o personagem para a primeira apresentação. Para entrada no palco um vestido preto de pontas, com aberturas na parte da frente. Antes da saída do camarim o ex-companheiro, que é Dj da boate, organiza os CDs que serão utilizados na apresentação. Shakira fala do camarim com o público num microfone sem fio, mais um pouco de perfume e a entrada no palco. Retornamos ao camarim para a montagem da segunda parte da apresentação, retira a peruca e entrevejo uma certa vermelhidão na parte de trás da cabeça. Novo figurino, mais óleo, e noto outra vez a perfeição das formas.

Além da montagem, processo através do qual Junior traria à tona a personagem, há uma peculiaridade na performance desempenhada no palco por Shakira que fascina o público. É como se Shakira fosse tão intensamente os atos que representa no palco que naquele momento não se percebe sequer resquícios do autor da obra, salvo quando a performance, já escolhida e ensaiada ao longo da semana, exige que Junior venha à tona. Um exemplo da presença do autor na corporificação da personagem é quando ocorre a retirada da peruca no palco,

deixando, assim, entrever o cabelo muito curto, revelando aspectos da masculinidade invisibilizados quando a montagem habitual prevalece.

Assim, *drags* e travestis surgiam não apenas como grupo social a ser estudado e observado, mas como forma de referendar a fugacidade e inconsistência dos corpos, apresentando-os como “metáfora da transitividade e fluidez inscrita nas sexualidades contemporâneas” (LOPES, 2002, p. 68), como possibilidade de trazer à tona corpos redesenhados e ressignificados em suas fronteiras e subjetividade. Sujeitos que através de corpos construídos/ montados, rutilam no espetáculo das ruas, na sucessão de festas em que se apresentam. Expostos ao olhar do outro, dispostos ao desejo. Sujeitos que revelam claramente a instabilidade do gênero, o caráter fabricado do mesmo, que revelam outros usos possíveis dos corpos.

Corpo/invólucro, primeira demonstração da transitoriedade que joga o sujeito no mundo e dissolve, como apresentado por Judith Butler (2003), a rigidez da equação tantas vezes afirmada entre corpo-sexo-gênero-desejo. Cabe ainda salientar que a constituição da continuidade entre os termos da referida equação se daria, segundo a autora em questão, por um longo processo de racionalização que estabelece sua coerência e traz consigo o outro, num jogo hierarquizante. O jeito de ser de uma *drag queen* revelaria o “caráter paródico de toda atuação de gênero”, mesmo aquelas consideradas originais, verdadeiras, como a constituição do ser homem e ser mulher também ocorreria num regime performativo.

Entretanto, ao mimetizar o “verdadeiro” gênero, a *drag* e a travesti subvertem as injunções normativas, revelando os mecanismos culturais de montagem dos gêneros, numa busca pelo feminino que extrapola o mero mimetismo e transcende a lógica linear atrelada à aparente unidade do sujeito, revelando-se numa procura pela ambiguidade cravada no corpo como emblema para a fluidez, solidificando a ideia da “identidade como devir”, enquanto esse algo informulável, que se aproximaria muito mais de uma noção de identificação com um feminino sempre em processo, fluido.

É fundamental referendar que, quando afirmo uma espécie de subversão nas experiências identitárias referidas, não acredito que esses sujeitos se posicionem fora das normas de gênero, o que apresento, seguindo os passos de Berenice

Bento³⁷, é que as experiências corporais em questão carregam um componente subversivo na medida em que desestabilizam as normas de gênero, sem entretanto questionar a ordem simbólica, posto que também partilham de representações duais acerca dos gêneros. Mas a colagem aos estereótipos de gênero não retira completamente o viés subversivo dessas “experiências identitárias”, assim as travestis e *drags* representam a pluralidade sexual, penetrando nas fissuras dos espaços binários instituídos/instituintes. Entretanto, “às práticas sexuais múltiplas”³⁸ concede-se o selo da identidade sexual, o que organiza os indivíduos em grupos distintos, construindo “identidades inteligíveis”.

Dessa forma, a sexualidade se constrói e se apresenta entre as travestis (e não exclusivamente entre elas), vinculada a uma marcação identitária e construída a partir de um sistema heteronormativo e generizado, produzindo assim uma visão de mundo pautada no dualismo fundador do pensamento ocidental, que se regozija no maniqueísmo da eterna oposição. Assim, os papéis socialmente ofertados a cada gênero específico são acionados cotidianamente, propiciando uma cristalização-provisória dos termos do binário, ou seja, a partir das relações sociais estabelecidas, são sacados papéis de gênero utilizáveis.

Apesar do aparente antagonismo entre a relação acima sugerida (cristalização-provisoriidade), afirmo que há uma conformação nos grupos estudados aos papéis de gênero, baseada numa *estilística da existência*³⁹, quando o corpo já investido dos signos da feminilidade recebe a cristalização do gênero na carne-feita, permitindo a feminilização dessa existência.

Ao passo que a provisoriidade apontada como parte e parcela, na constituição dessa figura generizada, se institui, no momento em que a travesti na

³⁷ A análise realizada pela autora acerca das experiências de transexuais apontaria um componente de subversão na medida em que os sujeitos pesquisados pela autora, mesmo colando-se a alguns estereótipos de gênero, desnaturalizam a ordem vigente. Nesse ponto a análise em questão aproxima-se imensamente da que realizamos junto às travestis, na medida em que essa reprodução de estereótipos seria uma peculiaridade nas relações cotidianas estabelecidas, entre as travestis e seus pares, entre elas e os clientes, ou mesmo entre si.

³⁸ (SWAIN, 2002, p. 326).

³⁹ Objetivei desenvolver uma discussão que aponte a conexão presente na noção de estilística da existência, com as noções de ética e estética em Foucault, considerando a preocupação assinalada por ele da possibilidade do sujeito romper “as morais vigentes” transformando-se e estilizando sua existência na presença dos outros, uma forma de se relacionar consigo mesmo, para se construir, se elaborar.

relação com o cliente mantêm um papel de atividade, simbolicamente vinculado ao masculino, assumindo assim momentaneamente um papel de gênero que vêm sendo desmontado com a feitura em seu corpo do feminino-travesti. Outro aspecto recorrente para pensar a provisoriedade nas relações com os clientes (nas relações humanas em geral) é quando consideramos a duplicidade que oferece suporte a esses encontros, esse “jogo-duplo que informa as existências humanas” (MAFFESOLI, 2000, p.72).

Nas pequenas derivas cotidianas das travestis e na busca dos clientes por elas, é o desejo que fornece movência aos corpos, conduzindo o encontro entre parceiros que se nutrem provisoriamente um do outro. Contudo, ao apontar essas pequenas derivas como “utopias no presente” (LOPES, 2002), não atribuo aos encontros, numa espécie de ingenuidade que beira o militantismo, uma aura de completude, ciente pelas narrativas, que os encontros podem se constituir enquanto momentos de risco, assim como os vários momentos que compõem a existência humana.

Outro aspecto que deve ser salientado é que a porosidade e movência presentes, quando incorporada a noção de provisoriedade, surgem como possibilidade de apontar os movimentos que simbolizam a pluralidade de cada um, e se inscreve como uma hipótese que irá se estender ao longo de toda a análise, quando penso aspectos presentes nos grupos pesquisados, o que permite adiantar, seguindo as reflexões de Maffesoli (2003, p.116), que: “(...) não pode haver extremidade, ideias gerais, essências, ou mesmo Ser, arraigados na concretude mais simples da existência, da existência banal, essa de todos os dias”.

Entretanto, observo claramente que para além da provisoriedade que remeteria à negação da noção de fixidez, tem-se a cristalização de comportamentos, valores e papéis, partilhados pela sociedade mais ampla, o que acaba por prefigurar a legitimidade de uma leitura de mundo pautada num referencial heteronormatizador,

Na entrevista com Marcela, ela falava da modificação no comportamento masculino nos “últimos tempos” e da angústia compartilhada por muitas travestis, o que nos lança novamente na idéia inicial de que haveria uma simbólica de gênero, essencializada e compartilhada pelo grupo em questão, fixando papéis de atividade e passividade:

(...) agora, agora mesmo tá mais liberal. Olhe os homens que saem com a gente, as histórias, você fica passada... a gente diz: meu deus, como é que um homem desse faz uma coisa dessa... um homem da sociedade, chega na cama com a gente, minha filha (...) parece uma mulher, mas mulher do que a gente. Olhe até eu que já faz quase doze anos que eu vivo nisso eu me surpreendo às vezes acredita? Meu Deus um homem desse, quem é que diz que ele faz isso. Até a gente mesmo fica passada, se vira toda aberta pro lado da gente, ali eu perco até meu tesão (...).⁴⁰

As travestis ao inscreverem em corpos masculinos, signos da feminilidade operam uma possibilidade de adequação entre seus corpos, sexualidade e desejo, construindo o que Butler denominará de “gêneros inteligíveis”, que ofereceriam uma certa coerência entre os termos acima referendados. Curiosamente, no momento da construção/absorção do feminino nesse corpo, a posição generizada é demarcada e com ela toda uma simbólica de gênero que lançará mulheres e os homens em posições de atividade e passividade compartilhadas pela sociedade mais ampla. Assim os homens com quem estabelecem relação (clientes ou namorados) serão apontados a partir de uma lógica em que as qualidades salientadas serão sempre referidas no aumentativo, “homem de verdade”, viril, ativo. Em Kulick se teria uma alusão importante a essa simbólica de gênero e às formas, segundo as quais a base do sistema de gênero que estrutura as relações entre as travestis e os namorados, é construída. Como afirma o autor:

Neste sistema, um heterossexual masculino – ou seja, um indivíduo de sexo masculino que deseja o “sexo oposto” – é por definição um homem, e um homossexual masculino – ou seja, um indivíduo de sexo masculino que deseja o mesmo sexo – é por definição o sexo oposto em relação ao homem (...) a afirmação só faz sentido com base em uma matriz que conceitua o sentido do desejo em função da diferença. O pressuposto que dá forma e inteligibilidade a essa matriz é a ideia de que todo desejo é um desejo heterossexual. (2008, p.139)

É surpreendente constatar com que recorrência e permanência sistemática a “passividade”, como afirmada por Eribon (2008, p.119) sempre será situada “no pólo

⁴⁰ “Entrevista coletiva”, realizada na pousada em que moram Marcela, Kelly e Rebeca. Os nomes utilizados ao longo do trabalho são aqueles utilizados pelas travestis e *drags* em suas relações, em função da reivindicação a apresentação dos nomes, em função da vinculação direta desses nomes com algumas performances.

extremo e um *continnum* de práticas estigmatizadas” o que demonstraria que os modos de percepção e as tentativas de categorização, enquanto fruto de um longo processo de aprendizagem social, se inscrevem como colonizando impressões/representações num sistema de atitudes correspondentes aos estereótipos sociais vigentes mobilizados, e inscritos no imaginário, pensado aqui a partir da perspectiva de Swain:

O imaginário trabalha um horizonte psíquico habitado por representações e imagens canalizadoras de afetos, desejos, emoções, esperanças, emulações; o próprio tecido social é urdido pela imaginário — suas cores, matizes, desenhos reproduzem a trama do fio que os engendrou. O imaginário seria condição de possibilidade da realidade instituída, solo sobre o qual se instaura e instrumento de sua transformação.” (Navarro-Swain, 1994:48).

O que não os imiscui de tendo sido socializados num espaço de cultura, em que impera a lógica binária que irá cindir o humano em masculino e feminino, e toda uma série de categorizações corolárias destes interiorizarem as representações sociais vigentes, subvertendo-as por vezes, colando-se a elas em outros momentos. O que apontaria para uma questão recorrente, quando observadas as tentativas do social de justificar plenamente a lógica da coerência entre corpo/sexo/gênero, que irá aparecer refletida na incorporação passiva das representações presentes no imaginário social, fundado que está na heteronormatividade. Assim, entendo que as práticas sexuais estariam subsumidas a identidade de gênero, reforçando a lógica da diferença sexual enquanto modelo ideal para tornar passível de justificativa a existência das travestis (e drag queens) como forma de personificação do Outro.

2.4 QUANDO SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE SE (DES)ENCONTRAM

Considerando a ideia de Butler do processo contínuo de materialização de um sexo num corpo, percebo que no imaginário social o sujeito é apresentado como produzido a partir dessa configuração triádica de corpo-sexo-gênero, onde os primeiros estariam colados à natureza, amarrados ao domínio da pré-discursividade, enquanto o gênero se inscreveria culturalmente.

Contudo, a partir do referencial teórico que será adotado, ancorado na perspectiva dos estudos *queer*⁴¹, não haveria corpos livres de investimentos discursivos. Dessa forma, não se sustentaria a ideia de que haveria uma substância imanente que antecede a materialização de um dado sexo no corpo, o que nos faz ver que essa colagem que é legitimada e referendada nos diversos discursos de chamada à ordem, é efeito de um longo processo histórico onde a reiteração⁴² entra em cena em toda a sua potencialidade, atualizando continuamente as normas de gênero. Entretanto, se o ato de reiterar é eminentemente necessário para assegurar a permanência da ordem social, ele acaba por revelar paradoxalmente a fragilidade dos laços que são oferecidos no cenário social de forma naturalizada, enfatizando assim que a materialização nunca é plenamente acabada. A porosidade desses corpos que escapam, permitem rematerializações que se inscrevem como microrresistências. Dessa forma, a presença das travestis na Avenida Engenheiro Roberto Freire evidencia a angústia coletiva⁴³, que toma forma na discriminação velada ou em atos de violência explícitos, percebida através da presença desses sujeitos nesse espaço específico, que ao encenarem as potencialidades de transformação corporal – corpos retocados/retocáveis, em processo, corpos em eterno devir, “que se furtam ao presente” em sua produção continuada – revelam a possibilidade de deslocar a noção do corpo/sexo como esse domínio pré-discursivo, como espaço anterior invariante, “página em branco” à espera passivamente das inscrições sociais, na medida em que em sua materialidade, revelam a falibilidade do sistema de colagem do gênero em sexo materializado no corpo. Como se a ideia de repetição, de trazer a existência através desses atos discursivos, que tenderiam a

⁴¹ Quanto a uma direção para o pensamento, não pretendo me filiar indiscriminadamente à teoria *queer*, sob pena de cair na armadilha da fixidez que uma filiação teórica representa. O presente texto carrega entonações da teoria *queer*, utiliza alguns conceitos e sugestões, trabalha com autores vinculados explicitamente a essa “corrente”.

⁴² A ideia de reiteração encontra-se formulada também na obra de Judith Butler, sendo basicamente as repetições das normas do gênero que acabam por sedimentá-lo nos corpos dos sujeitos, fornecendo-lhes uma aparente a-historicidade.

⁴³ Aqui penso particularmente a partir da etnografia com as travestis, nas “batidas policiais” que aumentaram significativamente nos últimos tempos, fato que se verifica na etnografia e que se torna recorrente nas falas, levando-me a inquirir acerca de um discurso moralizante que se coloca como parte da “limpeza” dos espaços públicos outrora ocupados pelas famílias natalenses, e que agora são espaços compartilhados com esses outros do social.

reforçar/legitimar os lugares do masculino e feminino, ancorados que estão numa heterossexualidade naturalizada, tivesse alcance universal.

Esses corpos surgem como evidência simulacral⁴⁴, dissolvendo o referente biológico e apresentando todo o investimento a que estamos submetidos no processo de “vir a ser humanos”. Corpos que se fazem cotidianamente. O corpo da *drag* através das montagens provisórias, o corpo da travesti na ingestão das substâncias que trarão à tona o desejo desse corpo tecnologicamente investido. Práticas que adulteram o sistema de pensamento binário, na medida em que os sujeitos não se posicionam de um dos lados do binário, mas na série infinda de possibilidades desenhadas nas interações.

Entretanto a escolha por essa não inscrição aponta para a colocação desses sujeitos ao lado dos abjetos, a meio caminho, nessa zona incomunicável de trânsitos que não se fazem impunemente. As chamadas à ordem se constituem via processos de exotização, via olhares vitimizantes. Formas perversas pelas quais o social ao gestar esses sujeitos enquanto parte e parcela dos “abjetos” reforça o lugar dos legítimos sujeitos sociais, promovendo a exclusão dos *outros*.

Assim, os sujeitos pesquisados, a partir das transformações corporais empreendidas, tangenciam o universo, construindo visões de mundo a partir dos corpos/com eles, nos surgindo como possibilidade de compreender os processos de construção do corpo, sexo, gênero e sexualidade. O que não autoriza a afirmar que as mudanças corporais empreendidas poderiam lançar os sujeitos fora das normas socialmente impostas, na medida em que os sentidos, usos, disposições, formas do corpo se adequam plenamente aos fatores que operam diferenciação entre masculino e feminino. Sendo, portanto, complicado tentar deslindar onde acaba o corpo masculino (não entendido aqui como definidor da identidade sexual, como um *a priori*, mas como fruto do processo contínuo de historicização e por conseguinte generização) e onde começa o feminino. Interessa seguir uma lógica que desvende

⁴⁴ Pensamos particularmente na discussão acerca da matéria do simulacro empreendida por Deleuze, na medida em que o simulacro seria o “puro devir” o “ilimitado”, e enquanto tal contestando ao mesmo tempo o modelo e a cópia. Assim os corpos trans surgem como evidências simulacrais, na medida em que desestabilizam o que seria pensado como dado de antemão, como *a priori*, o feminino e o masculino, e a cópia, por se saber que a *drag* ou a travesti, ao contrário do que parte da literatura que tematizou a questão fez crer, não pretendem “tornar-se” mulheres; o que está em jogo é um tipo de “feminino inventado”, que será (in)corporado. Saliento, contudo, que essa questão se afigura muito mais como uma intuição, decorrente das leituras e da observação.

qual o feminino inventado, que será designado para compor um dado corpo. Como afirma Marcos Benedetti (2005, p. 55):

O corpo das travestis⁴⁵ é, sobretudo, uma linguagem; é no corpo e por meio dele que os significados do feminino e masculino se concretizam e conferem à pessoa suas qualidades sociais. É no corpo que as travestis se produzem enquanto sujeitos

O corpo será pensado enquanto depositário e produtor de sentidos, o que possibilita entender que a colocação do feminino no corpo da travesti acaba por alçá-la, a partir de uma escala corpórea de valores compartilhados, numa determinada “posição identitária”⁴⁶. Utilizo deliberadamente o termo acima para pensar em que medida as práticas sexuais são definidoras das identidades individuais. Mas o corpo da travesti, a partir das experiências analisadas e da observação, não seria esse corpo re-naturalizado, porque investido de uma outra significação simbólica? Haveria, assim, um processo de mobilização de signos corpóreos femininos, e um apagamento gradual dos signos masculinos que formavam aqueles corpos. Não mais os pelos, mas sua ausência num processo de intervenção explícito, onde o corpo é refeito, a partir de um arsenal de significações femininas. Dessa forma, o corpo enquanto texto de cultura, também será desmantelado se considerado a partir do falo, sendo o mesmo reconstruído e re-naturalizado. Quando o pênis sai de cena (com toda a série de características que são corolárias do mesmo), os seios vêm à tona e com eles a fragilidade, a passividade, características representadas como eminentemente femininas.

Gostaria de enfatizar o processo de produção gradual do corpo das travestis entrevistadas. Para tanto, acredito ser possível pensá-las a partir da ideia de Benedetti (2005, p.73), quando este autor afirma:

As travestis fazem uso de uma série de técnicas, produtos e investimentos para produção desse corpo e da condição feminina. Embora seja possível estabelecer e visualizar regularidades nesse processo de transformação,

⁴⁵ Acrescento aqui, a partir de uma perspectiva comparativa, que não desconsidera em absoluto as diferenças inerentes ao “universo trans”, que esse corpo, pensado por Benedetti enquanto linguagem e produção continuada, será por mim percebido quando pensar a construção do corpo *drag*.

⁴⁶ (HALL, 2005, p. 88).

cada travesti vivencia de uma forma singular, com tempos e fases específicas.

A produção corpórea e a construção da feminilidade, negociada nas relações estabelecidas, revelam através das técnicas de montagem que antecedem a colocação desses corpos em cena, limites de confluência entre os grupos pesquisados. Feitas as devidas ressalvas, o que observei era a estetização clara da superfície, não separada obviamente da construção concomitante das subjetividades.

O que também experimentei em ambos os grupos foi o encontro com corpos “estranhos” em pleno ato de produção, que apontava para questionamentos diversos, respondidos ou não no tempo que durou a pesquisa, sempre voltada para o lugar social ocupado pelo corpo das travestis e *drag queens*.

Assim, segui tentando compreender os sinais emitidos por esses corpos. O que a indumentária, a nudez, as marcas tegumentares, os gestos, as máscaras revelavam sobre esses sujeitos? Como o estigma enquanto marcador social manipulado nas relações sociais recai sobre ambos os grupos?

Pensar esses sujeitos, as relações que estabelecem entre si pautadas numa forma de comunicar-se peculiar a cada grupo é já acionar a produção de um estilo fundada em configurações corporais, espaciais, gestuais. Nesse sentido, os gestos, para além de simples movimentação de partes do corpo, vão desde a forma de olhar adensada pela maquiagem, maneirismos no que tange a jogar os cabelos, debruçar-se insinuantemente, passar deixando vestígios olfativos, brincar de encobrir e revelar partes do corpo, a desnudar-se nos palcos ou nas esquinas em momentos específicos. Essa gramática corpórea vai sendo fixada/interiorizada quando as travestis e *drag queens* passam a existir enquanto personificações generizadas.

O que sugere, como afirma Sônia Maluf (1999, p. 273; 2002) que “talvez, [...] nos façam começar a pensar no corpo metamorfoseado não como uma substância acabada, mas algo orgânico, móvel, em processo: mais do que corpo, numa corporalidade”, que poderá ser retratada se consideradas as várias experiências observadas e transcritas a partir da lógica da subjetividade, na medida em que se entende a questão do sujeito como a questão do projeto, do sentido. Sentido esse mediado totalmente pela reflexividade, entendida como nossa capacidade de

receber sentidos generizados para questioná-lo e por fim criar um novo sentido. Um trabalho sobre si deliberado e sempre inacabado. Dessa feita, a produção do corpo desejado estaria vinculada à noção do processo, do devir, o que sugere claramente que na feitura desse corpo não haveria lugar para a unificação – a ambiguidade (desestruturadora de todo e qualquer reducionismo binário não permite a unificação, seja das múltiplas práticas sexuais, dos investimentos feminilizantes operados na colocação do silicone e no processo de hormonização, seja do desejo).



Sempre fui fascinado e não atraído por travestis – na mesma proporção em que atraído por homens fortes, sem ser fascinado por eles - embora nunca tenha usado vestidos, salto alto, maquiagem, nem tenha trejeitos e gestos, afetação na voz. Não importa. Sempre senti que, se eu tivesse uma alma, ela seria travesti. Não me pergunte porque, como. Eu só sinto que cada parte de mim transita por gêneros e desejos que cada vez menos consigo identificar.

Denilson Lopes

3 CAPÍTULO 3: BOTANDO CORPO E FAZENDO GÊNERO

O presente capítulo está estruturado em torno de dois eixos de análise: a discussão sobre a categoria de gênero e seus deslizamentos, e o modo pelo qual essas categorias são materializadas nos corpos das travestis e drag queens. Fundamental se faz salientar que ao pensar a construção dessa corporeidade não incorro numa perspectiva reducionista, na medida em que busco trazer para o debate a formação da subjetividade desses sujeitos, marcada pelas negociações entre o feminino e o masculino, e atrelada à fabricação corpórea – que se deixa entrever na fabricação desse feminino compósito, nos litros de silicone, na hormonização, na maquiagem perfeita, na série de tecnologias investidas por sobre esse corpo (seja definitiva ou reversível), além de pensar a vivência da sexualidade, com toda a série de representações implicadas.

Para tanto sugiro algumas questões norteadoras: Que mecanismos sociais, enquanto parte desse processo de construir-se generizadamente, são acionados para que os sujeitos pesquisados se reconheçam enquanto travestis e *drag queens*? Que significados sobre corpo e corporeidade e sobre o que é considerado masculino e feminino são mobilizados pelos sujeitos e como essas significações reverberam nos corpos? Como se dá o processo de construção (re)generizada? Que relações se estabelecem a partir dessa atribuição de significações? Quais os significados atribuídos a gênero e identidades sexuais? Como os significados sobre gênero e identidades sexuais se materializam, enquanto organizadores das relações sociais estabelecidas pelas travestis e *drag queens*?

Saliento, contudo, que estou longe de esgotar as questões que me imponho para análise, apenas toco em sua superfície, expondo-as através dos fragmentos etnográficos que recolhi, o que justifica a alusão feita na introdução à impossibilidade de distinguir “momentos teóricos” e “momentos etnográficos” no presente texto, na medida em que eles se interpenetram.

Início assim a discussão acerca das formas de construção corporais, com a descrição de uma das últimas visitas à pousada onde três das travestis entrevistadas moram, com vistas a explicitar uma questão que se apresentava enquanto central para a construção do referido trabalho, a saber: a produção de uma

corporeidade (re)generizada, me colocando diante de um duplo desdobramento. Inicialmente, tinha-se o gênero como chave analítica, sugerindo que a (ex)corporação desses sujeitos, a apropriação e sobretudo “invenção” de um feminino, se daria via subversão dos modelos duais que regem as relações sociais, e assim acionava o viés subversivo que as experiências observadas propiciavam, atrelada que estava a possibilidade de trânsito denunciando que os sujeitos não se colavam a lugares determinados por anatomias prescritas.

Entretanto, quando adensava a análise, me atendo sobretudo ao material colhido no período que durou a pesquisa, e em alguns casos considerando também os encontros posteriores que ressaltarei abaixo, percebia que a colocação do feminino naquele corpo, as roupas, a coqueteria, as formas de andar, enfim tudo que constituía a estética *trans*, não poderia ser pensado como mero efeito subversivo. Isso porque o processo de generização desses sujeitos, inseridos que estão numa teia de representações sociais fundadas numa lógica heteronormativa, articulada via reiteração contínua do fazer-se homem e/ou mulher, era mediado inexoravelmente pelas regras do masculino e feminino, como se a atribuição da feminilidade remetesse a uma espécie de colagem ao corpo biológico, feminilizando-o, o que negava seu potencial subversivo e transitório, sendo esse processo aparentemente agenciado eleito como possibilidade de existência.

Observava a feitura desses sujeitos, nessa lógica cotidiana do vir a ser, numa eterna construção de imagens-corpos que se efetivava tanto na colocação de acessórios diversos sobre o corpo, como na produção subjetiva desse feminino. O que colocava esse corpo que se faz no centro de representações e auto-representações:

Cheguei à pousada por volta das 15:30 a fim de convidar Rebeca para descer até à praia conosco. Quando estacionei o carro na frente da pousada encontrei Kelly sentada na entrada da casa ao lado. Perguntei por Rebeca, que havia saído há pouco. Me falou que Marcela estava lá em cima. Subi os conhecidos degraus da pousada e encontrei Marcela, sentada numa cadeira de plástico branca, única mobília que decorava seu quarto, além da cama que estava colocada no centro do aposento. Ao contrário das outras meninas, Marcela investia quase tudo em roupas e acessórios para feitura do corpo desejado, não “se incomodando muito com essa história de decoração”, como nos falou numa das entrevistas iniciais. Retirava meticulosamente os pelos do queixo, metida no mesmo vestido de flores coloridas. Observou minha chegada me cumprimentando efusivamente, sem no entanto tirar os olhos do pequeno espelho que utilizava para a operação. Recusou o convite com um gracejo: “Tá podendo em mona, de

carro e tudo”, para então me explicar que não podia, tinha que “limpar o chuchu” e ainda pretendia fazer uma hidratação, para o que já tinha preparado um pequeno kit, depositado em cima da cama, que pedi para ver, óleo de keratina e creme de tratamento. Se considerássemos a hora em que chegamos à pousada e por conseguinte a hora em que Marcela costumava sair para “fazer pista” teríamos uma margem de quatro horas para efetivação do processo de montagem. Sentamos no degrau da entrada do quarto, para uma conversa breve, desde a minha última visita ela havia mudado de quarto duas vezes. Ela nos falou que estava em contato com “umas monas” que moravam em São Paulo, “tava a fim de dar um tempo lá”, esse assunto sempre voltava à baila quando encontrávamos com Marcela. Observava calada os cuidados dispensados com aquele corpo sempre em processo. Passamos pouco mais de vinte minutos em sua companhia e saímos.⁴⁷

Marcela, assim como as outras meninas, me falava com práticas, jogos corporais e relações estabelecidas no mundo da casa, onde as encontrava, quase sempre absortas num processo de montagem “eternizado” cotidianamente, dessa feita/colocação de um feminino no corpo, das inúmeras possibilidades de pensar o ser mulher, negociando mesmo a existência desse sujeito fixo. Quando afirmavam, direta ou indiretamente, a necessidade de serem reconhecidas enquanto travestis, acionando potencialidades inelutáveis de pensar as múltiplas concepções acerca de masculinidade e feminilidade, como estruturadoras das relações sociais sustentadas pelos significados simbólicos incorporados pelos sujeitos.

O que observei com as travestis e *drags* foi a exacerbação/hiperbolização contínua desse feminino, que passo a analisar a partir da noção de performatividade de gênero (BUTLER, 2002, p. 64), entendida não como ato singular e deliberado, mas de forma reiterativa, o que sugere que as normas regulatórias do sexo trabalham de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e para materializar o sexo do corpo, sendo a diferença sexual constituída inelutavelmente a serviço do imperativo heterossexual.

Assim passei a pensar os sujeitos pesquisados a partir da noção de corporeidade/performatividade, na medida em que apresentá-los, travestis e *drag queens*, remeteria inevitavelmente à constatação acerca de compleições físicas que fogem ao modelo de heteronormatividade, em função de uma mera “convergência genital”.

⁴⁷ Fragmento retirado do diário de campo (2008).

Sujeitos que se ajustam aos ditames estéticos enquanto parte e parcela do imaginário social mais amplo, determinante no sentido de gerir uma política corpórea assentada numa relação entre ver, ser visto e viver. Donde salientar que os corpos, aqui pensados, também estariam envoltos no véu das representações sociais, essencializadas e essencializantes, fundadas que estão nas adequações binárias que instituem as posições sociais dos sujeitos. Sendo em função dessas alocações sociais que os sujeitos são “convidados” a ingressar num processo de normalização que reforça a relação arbitrária entre masculino-falocizado-ativo e feminino-biologizado-passivo, com vistas a *docilizar*, localizar e controlar as oscilações do desejo.

A corporeidade mencionada – que será analisada a partir dos fragmentos etnográficos, das relações estabelecidas em campo, das entrevistas – é uma corporeidade necessariamente fugidia, que se constrói cotidianamente nas e pelas relações, sendo essa existência corpórea que marcará o lugar desses sujeitos no mundo social. Se pensamos com Le Breton (1972, p. 24): “o corpo não seria uma natureza, ele sequer existiria, o que existe efetivamente são homens e mulheres”, eterna reafirmação maniqueísta do binário, que assegura a repetição dos papéis sociais em masculino e feminino, consolidando as imagens e representações generizadas do humano e esculpindo-as em corpos biológicos, o que legitima a existência desses sujeitos sociais, tornando questionáveis os corpos que não se inserem nessa ordem binarizante.

Penso particularmente na *multidão de corpos*, apontada por Preciado (2002) *corpos transgêneros, homens sem pênis, bolachas lobas, ciborgues, femmes butchs, maricas, lésbicas masculinizadas*, e acrescentaria, as travestis mesmo cientes de que já estariam contempladas nos corpos transgêneros apontados por Beatriz Preciado, e as *drag queens*. E, nesse sentido, poderia apontar inclusive, não só a heteronormatização das relações sociais, mas a própria (homo)normatização, pensada aqui como uma aceitação imaginária regulada pela lógica da tolerância, dessa forma, seja intra, ou extra-grupo, percebe-se uma discriminação frente aos sujeitos que (ex)corporam desejos materializados em corpos, produzindo uma dissonância na lógica binária que rege a existência social. Desse modo, travestis, *drag queens*, lésbicas masculinizadas, gays afeminados, são rechaçados não

somente pelas escolhas desejantes, mas sobretudo pela materialização desse desejo nos corpos.

Ancorados na discussão sobre corporeidade, sugiro algumas questões, que faço aparecer a partir da relação etnografia/referencial teórico. Como pensar esses outros corpos que se inventam não como “sujeitos legitimados”? Poderia apontar aí um mecanismo de subversão que sinaliza uma certa atitude e ousadia de inventar-se a si próprio, sujeitos que na ambivalência são tomados pelo desejo? Haveria nas diversas expressões desejantes observadas uma (ex)corporação erótica que evocaria identificações consonantes ou dissonantes com as expressões corporais apresentadas como ideais?

Mas pensar corpo implica em pensá-lo inserido num determinado contexto cultural, daí a carga de representações cognitivas e consequentemente valorativas, que, como sugere Segato (1997. P.238), constroem, qualificam, tornam perceptível o gênero no processo de constituição da pessoa. Assim, “homem e mulher são, portanto, como bem sabemos desde Margaret Mead, construções da cultura, expectativas de comportamento associadas idealmente a dois conjuntos semânticos” Sendo o gênero pensado como passível de ser “encarnado” nos/pelos sujeitos sociais a partir de modelos variáveis numa dada conjuntura social, em função das posições ocupadas pelos sujeitos generizados, claramente assentadas em relações assimétricas e hierárquicas.

3.1 USOS E DESUSOS DO CONCEITO DE GÊNERO

Aponto como marco inicial – aleatório, tendo em vista que não pretendo construir uma análise “evolutiva” dos deslizamentos, aquisições e questionamentos do conceito de gênero – aquele que referendando os processos históricos, procura compreender as identidades generizadas, como forma de apontar uma subordinação feminina natural, atrelada à reprodução e à sexualidade.

Segundo Berenice Bento (2006, p. 60), a elaboração de construtos para explicar a subordinação feminina poderia ser encontrada em larga medida na discussão que Simone de Beauvoir desenvolve, em 1949, no seu livro *O segundo sexo*. Sendo a discussão sobre a constituição do sujeito “mulher” parte e parcela de

toda uma reflexão teórica que atravessa o movimento feminista, podendo ser lida a partir do impacto significativo que terá no sentido de desnaturalizar a identidade feminina ao apontar a ideia do “tornar-se” como parte do processo de construção da mulher. Entretanto o questionamento acerca da identidade feminina solidificava a cisão do universo, aprofundando o binário, ao apontar os fatores biológicos como possibilidades para entender a subordinação.

Em Scott tem-se uma crítica à teorização do patriarcado, na medida em que a mesma, a fim de pensar as desigualdades de gênero, aprofundaria o abismo entre os polos da diferença sexual.

Uma teoria que repousa sobre a variável única da diferença física é problemática para as(os) historiadoras(es): ela pressupõe um sentido permanente ou inerente ao corpo humano – fora de uma construção social ou cultural – e em consequência a não historicidade do gênero em si mesmo. (p. 9)

A fragilidade dessa concepção reside na homogeneização de experiências díspares das mulheres, na essencialização das identidades, com consequente naturalização dos papéis femininos e masculinos (cabendo ao primeiro o universo do sentimento, a domesticidade, a intuição, e ao segundo a regência do universo, a racionalidade, a coragem) que representados no imaginário social consolidam práticas. Reinstaurando a noção de diferença sexual e restringindo as análises à lógica oposicional.

É inegável a radicalidade da distinção sexo-gênero que irá subsidiar as análises mencionadas, estando fundadas nas análises empreendidas pelos estudos feministas, que têm se dedicado a expor os mecanismos que produziram os seres, generizando-os a partir de um “regime de verdade”, como aponta Tânia Swain, o binômio sexo/gênero se traduz, de forma natural, em “sexualidade reprodutiva heterossexual.” Assim, as feições adquiridas quando a referida distinção é apontada de forma explicativa para elucidar a subordinação feminina, atrelada que estava à perspectiva que reforçava o corte do universo de forma dual, tende a reforçar posições, que essencializando o gênero, cristaliza as identidades.

O momento seguinte no traçar dos deslizamentos do conceito é icônico, na medida em que promoveu um desenlace com a perspectiva que construía o feminino

nas dobras de um discurso homogeneizante, utilizado como forma de apontar, e enquanto tal trazer a existência, uma espécie de subordinação congênita.

Tem-se em Joan Scott uma das autoras que contribuirá em larga medida para a construção da idéia de gênero enquanto categoria de análise e processo social/histórico, dessa forma acentuando uma característica negligenciada nos trabalhos anteriores, a idéia de relacionalidade, como forma de contestação da naturalidade da oposição binária e enquanto tal, como forma de falar dos sistemas de relações sociais ou entre os sexos. Pensando as utilizações do referido conceito, Scott aponta que num primeiro momento o gênero será pensado com vistas a referir-se à organização social da relação entre os sexos, como forma de referendar o caráter social das distinções fundadas sobre o sexo, demarcando uma rejeição ao determinismo biológico, na medida em que ele não refletiria a realidade biológica, mas construiria seu sentido. Observei, a partir de Scott, uma série de questionamentos e rearranjos frente à perspectiva inicial, que se inscrevem legitimamente ao rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária estruturante; ao historicizar e desconstruir os termos da diferença sexual; e a dimensão do gênero como um primeiro modo de dar significado às relações de poder.

Entretanto, ao considerar a capacidade de crítica e autocrítica presente nos estudos relacionados acima, a partir de uma potencialidade retroalimentar, onde novas teorias emergem no cenário acadêmico dialogando continuamente com aquelas que são consideradas fundantes e refinando as categorias de análise, percebo algumas fragilidades presentes na perspectiva mencionada. Se assumo a “tendência explicativa” de Scott, o gênero enquanto categoria analítica se coloca metodologicamente como uma lente que focando as práticas sociais, aponta aquelas que instituem o masculino e feminino enquanto entidades antagônicas, limitando-se a historicizar esses lugares sociais e apontando-os enquanto construções sociais. Dessa forma, o sexo biológico, pensado como anterior a esse investimento cultural, permanece incólume, inquestionável, mantendo-se na posição de evidência natural, assim como o corpo onde se materializa.

Diante desse breve quadro de usos e desusos do gênero, como pensar as experiências de travestis e *drags*, a partir de um referencial que tende a clivar o universo de forma dual, não fornecendo possibilidade de trânsitos? Como explicar a

entrada em cena de sujeitos que constroem suas identidades a partir da pluralidade e da possibilidade de transitar por entre os gêneros?

Se considerados os aspectos mencionados, a partir das leituras empreendidas, teria uma questão estrutural nesses deslizamentos acerca das apropriações e reformulações do conceito de gênero, e que de alguma forma justifica o meu interesse em pensar as expressões identitárias tomando por base categorias conceituais apresentadas por Judith Butler, que pretendo fazer aparecer ao longo da análise. Mesmo que seja possível constatar uma rejeição por parte das “primeiras” feministas, a ideia de que a biologia é destino, os deslizamentos posteriores, ao pensarem a cultura patriarcal, e partirem do princípio de que os gêneros masculino e feminino seriam fruto de um processo histórico de construção social pela cultura, sobre corpos tomados como a-históricos, torna novamente o destino inescapável. O que Butler aponta, distanciando-se desses posicionamentos levantados, é a ideia de que gênero não é natural, não existindo, portanto, relação necessária entre o corpo que se porta e o gênero.

Nas críticas empreendidas por essa autora, tem-se, quanto à primeira posição aqui apresentada, – e que traria avanços significativos para a análise de gênero, se levado em consideração o contexto histórico e cultural na qual ela vem se inserir – por exemplo, o reconhecimento na análise de Beauvoir de que não é possível atribuir às mulheres valores e comportamentos sociais como se fossem biologicamente determinados. Mas, para além do reconhecimento frente a esse avanço, Butler irá aludir ao fato de que “tornar-se mulher” na perspectiva de Beauvoir, não poderia ser entendido a partir de uma perspectiva exterior de constituição desse sujeito. O que estaria em jogo de ato de tornar-se é sobretudo o reconhecimento de uma ideia de projeto processual – como no caso da corporeidade aqui observada – de aquisição de um estilo corporal que guarda significados culturais e subjetivos.

Optei por recuperar em nuances breves a análise de Berenice Bento, quando alude à adoção da perspectiva *queer*, na medida em que essa traria em seu bojo a incorporação da pluralidade para além da relacionalidade que caracterizou os posicionamentos anteriores, a saber: a discussão acerca do gênero enquanto categoria analítica e processo social. Salientando, sobretudo, a leitura dessa corporeidade que se coloca no centro da análise aqui postulada, a partir das

análises de Judith Butler, e aproximações com mais uma série de autores passíveis de serem pensados dentro da perspectiva dos estudos *queer*. Argumenta a autora:

A proposta teórica de que o corpo sexuado, o gênero e a sexualidade são produtos históricos, coisificados como naturais, assume uma radicalidade de desnaturalização com os estudos queer, fato que terá desdobramento na concepção do que será uma identidade de gênero. (p. 85)

Berenice alerta para o poder da linguagem como produtora de realidades e a eficácia da interiorização do discurso normatizador assumido como verdade, dialogando principalmente com Judith Butler e sua teoria sobre os processos de construção dos gêneros por meio da “performatividade”. Deste modo, o emprego da Teoria *Queer* permite pensar as mudanças e fissuras nas normas do gênero efetivadas fora do referencial biológico por sujeitos que as estão interpretando “performativamente” como as travestis, transexuais e *drag queens*.

Acredito que a leitura da experiência de travestis e *drag queens* passa inelutavelmente pela apropriação da referida teoria, na medida em que a mesma dissolve, segundo Gamson (2002, p.147), as categorias identitárias, sendo influenciada pelo pensamento construcionista, que aponta as identidades sexuais como produtos históricos e sociais (em lugar de naturais e intrapsíquicos),

Assim, entendo que a proposta central da Teoria *Queer* é romper com os dualismos (de maneira especial, a oposição entre homo e heterossexual), desestabilizando uma estrutura social heterocentrada, construída em torno do paradigma heterossexual. Como afirma Sedgwick:

A Teoria Queer refere-se a uma trama aberta de possibilidades, brechas, sobreposições, dissonâncias e ressonâncias, lapsos e excessos de significado quando os elementos constituintes do gênero de alguém, da sexualidade de alguém não são feitos (ou não podem ser feitos) para significar monoliticamente. (1993, p. 8)

As contribuições da Teoria *Queer* para a análise das travestis e *drag queens* surgem como extremamente profícuas, na medida em que questionam as diversas categorizações sociais que tendem a binarizar o mundo social, permitindo um espaço maior de construção subjetiva, materializada nos corpos e expressas nas diversas performances.

Os sujeitos que apresento, a partir da vivência etnográfica, explicitam em certa medida uma normalização compulsória dos corpos e identidades, tendo em vista que acabam por evidenciar, a restrição das identidades de gênero ao binarismo homem-mulher, e das identidades sexuais a uma suposta coerência necessária entre corpo, sexo, práticas e desejos. Entretanto, se consideradas a partir da lógica processual que se colocaria na condução da construção dos corpos trans, poderia ser apontado também a potencialidade claramente corrosiva que será acionada na confecção desses sujeitos.

Assim, ao acionar a corporeidade trans, como chave analítica, uma outra inquietação se apresenta, aquela concernente a movência fornecida por esses sujeitos, numa lógica de pluralidade e inacabamento transfigurada nos corpos, e que segundo Berenice Bento, impõe a construção de novas reflexões.

Dessa forma, como equacionar a idéia de identidade com a carga de fluidez inscrita nas experiências desses sujeitos? Uma noção que privilegiasse uma identificação a partir de uma estilística corporal/de gênero não seria mais adequada? Entretanto não desconsidere a “necessidade” da noção de identidade, principalmente se pensada enquanto reivindicação de um lugar político legítimo dentro de um dado movimento. Mas, como pensar as singularidades dos sujeitos trans, as especificidades inerentes aos grupos, se forem engessadas essas singularidades, peculiaridades a partir da noção de identidade?

Acredito que as identidades aqui pensadas seriam construídas em função do seu caráter de indeterminação, o que forneceria porosidade às fronteiras. Construção processada a partir de identificações, percebidas enquanto processo pelo qual se reforça o que é comum a um dado grupo.

É importante salientar, contudo, que as identificações processadas entre os grupos pesquisados e a constatação da adoção de uma perspectiva que não engessa a identidade ao domínio da pré-discursividade, não negam ou excluem a existência das estruturas identitárias, apenas descolam a identidade sexual da posição essencialista que assegura sua base. Perigosa armadilha que alcança seu limite máximo na produção/acentuação dos binarismos que amarram as identidades (de gênero e sexuais) a partir de toda uma lógica heteronormativa, consolidando as diferenças, produzidas continuamente em função de processos discursivos que atribuem à identidade uma carga de pré-discursividade e, portanto, solidez,

constituindo-se em uma referência central na definição do humano e do inumano, amparados nos pressupostos da existência de identidades estáveis, fixas e permanentes. Estas sempre relacionadas a “certezas anatômicas”⁴⁸ que recorrem necessariamente a princípios de classificação social/valorativa para consolidar os binarismos, sobrando esses outros, “os terceiros que não podem ser encaixados em nenhuma categoria, ou que poderiam ser incluído nas duas⁴⁹”, sendo incorporados por uma lógica social que irá pensar a ambiguidade/hibridização dessas identidades como perigosas e fora do lugar.

Por sua vez, Judith Butler (1987), recorrendo a Simone de Beauvoir, Monique Wittig, bem como Michel Foucault, passa a questionar a naturalização do sexo, mostrando que o gênero é uma construção “desalojada do sexo” não havendo, portanto, coincidência entre “identidade natural e identidade de gênero”. O gênero se processa num corpo também culturalmente construído, num contexto repleto de sanções, tabus e prescrições, interagindo cotidianamente com o que é recebido no processo de socialização. Não sendo possível “assumir” um gênero de um momento para outro. O que acionará novamente a noção de projeto, dessa feita, laborioso, sutil e quase sempre velado, que implica a ressignificação de uma realidade eivada de tabus fundados no binarismo enquanto expressão máxima e acabada da realidade de gênero..

A escolha de assumir a feitura de um dado corpo, de corporificar um gênero não correspondente ao sexo anatômico portado, de viver ou usar o corpo de modos anti-heteronormatizantes, implica a adoção de estilos corporais diversos, o que sugere não mais a colagem inadvertida do sexo-corpo-gênero-desejo, mas a escolha do gênero desejado, donde a (re)interpretação das normas de gênero recebidas de um modo que sejam reproduzidas e reorganizadas. Menos um ato radical de criação, o gênero é um projeto tácito para renovar a história cultural nas nossas próprias condições corpóreas. Não é uma tarefa prescritiva de que devemos nos esforçar por fazer, mas aquela em que estamos nos esforçando sempre desde o começo. (BUTLER, 1987, p.143)

Dessa forma, saliento que a observação dos grupos me permitiu atentar para o fato de que as identidades de gênero são sempre processuais, produções

⁴⁸ MACHADO, 2005; p.269.

⁴⁹ Ibidem, 2005; p.270.

incompletas, construídas e internalizadas a partir do comungar das representações e discursos, pensados aqui como oferecendo a carga de fixidez atribuída a sua existência anterior, daí decorrendo, portanto, a apresentação recorrente das identidades essencializadas, como algo que deve ser “assumido”, assentado em explicações naturalizantes ou divinizadas.

Segui apostando na falta de exatidão para a definição do humano a partir de rotulações rigidificantes. As “experiências identitárias” que observei me permitiram colocar em questão as dicotomias e porque não transcendê-las, quando percebidos os investimentos feitos no sentido de construção de um feminino nessa anatomia inicial como possibilidades de borrar fronteiras, desestabilizá-las.

Assim sendo, aponto o processo continuado e sofisticado de produção do binarismo, e aprofundamento das cisões que se instituem na fronteira entre os lados do binário – que elege inevitavelmente um dos lados como superior – atrelando essa superioridade à lógica do normal/natural, através da percepção/colagem do não-natural ao desviante e anômalo a partir da suposta naturalidade das dicotomias de sexo e gênero. Confirmando a tese da reiteração continuada que faz com que os corpos adquiram significados e, por conseguinte, legitimidade, o que se produz e se constrói através da reiteração e interpelação ao longo de vários intervalos de tempo⁵⁰, não sendo suficiente afirmar que os sujeitos humanos são construídos, mas salientando sobretudo que a construção no humano é uma operação diferencial que produz “o mais e menos humano, o humanamente impensável”.

O que possibilita claramente as tentativas de reafirmação da vinculação entre corpo-sexo (como naturais e portanto imutáveis), e gênero (como inscrição cultural), corrompendo as diversas possibilidades de trânsito entre posições de sujeitos. Pondera Stuart Hall:

O sujeito assume identidades diferentes em momentos diferentes, identidades que não são unificadas em torno de um eu coerente (...). A identidade plenamente unificada, coerente, segura é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis. (HALL, 2003, p.13)

⁵⁰ Aqui recorro essencialmente à ideia de reiteração em Butler, sobretudo a análise da produção da abjeção, pensada a partir das “interpelações que delimitam e sustentam o que será descrito como humano”.

Os sujeitos pesquisados, assim como toda uma gama de sujeitos históricos e sociais, buscam através de tentativas sempre renovadas fornecer coerência e estabilidade ao “eu”, enquanto lugar para onde convergem os elementos que possibilitam a fixação de uma identidade pessoal. Entretanto, para além das tentativas de fixação, possibilitadas por conceitos confortadores que caminham para o fechamento, fico reiteradamente obsediada pela diferença. É essa diferença que pretendo trazer à tona, na medida em que ao contar desses sujeitos e seus corpos, das profundas modificações processadas, dos outros usos possíveis, busco “explodir os órgãos sexuais como significantes fundantes do humano”.

Dessa forma, “o sexo biológico deixa de ser o significante geral que abriga o binário sexual e passa a ser igualmente signo produzido no próprio seio do agenciamento social” (SWAIN, 2002, p. 326). Enfatizo que a discussão apresentada anteriormente objetivou pensar essas identidades em processo contínuo de construção, sem a procura obsediante por um desenho final, levando em conta a movência que tangencia os encontros, os corpos, as relações, na medida em que falamos de pessoas que não seguem uma regularidade de movimentos, daqueles que vivem à parte de caminhos convencionais. Que elegem a deriva como companheira. De pessoas que vivem o mundo através do corpo, investindo o presente de um máximo de afirmação.

Sendo assim, sugiro uma possibilidade de pensar as travestis como aquelas que não podem ser definidas ou fixadas pela repetitividade da norma, como essas figuras que escapam ou excedem a norma, como o “menos humano”; ao passo que as *drags* com a possibilidade de retorno ao corpo hegemonicamente generizado (masculino) para além das práticas sexuais, constituem-se momentaneamente (quando montadas) enquanto essas figuras do excesso, mas que não ocupam os domínios da abjeção, sendo habitantes da ambigüidade.

Saltava aos olhos o fato de que estas identidades binárias não são naturais, antes produto de investimentos regulatórios que regem sua construção. Para tanto, poderia claramente descrever as histórias narradas, que denunciavam uma imensidão de práticas alternativas, fragmentos altissonantes, por desmontarem evidências construídas enquanto hegemônicas, como aquelas que afirmam a coerência do “eu”, a irrefutabilidade da heterossexualidade monogâmica.

Reconhecer essa vastidão de possibilidades de feminização dos corpos das travestis e *drags queens*, apontava para os processos de subjetivação, ou (re)subjetivação, pensados enquanto a possibilidade de recriar a identidade pessoal a partir da identidade atribuída. Como afirma Eribon: “sempre se trata de uma reapropriação, ou, para empregar a expressão de Judith Butler, de uma ressignificação. Mas essa ressignificação é um ato de liberdade por excelência, e, aliás, o único possível, por abrir as portas do imprevisível” (2008, p.18). Como afirma esse autor, pensar a questão gay implica em pensar a construção das subjetividades enquanto processuais, sem recorrer a arranjos homogeneizantes, assim as experiências de gays e lésbicas, segundo esse autor, separam-se em diversos momentos, mas obviamente confluem em certa medida, quando a situação invocada remete às atitudes de injúrias e violências sofridas, o que aparece como comum também nos grupos por mim analisados.

No caso das travestis e *drags*, as experiências (corporificadas) vivenciadas, e os significados (atribuídos) assimilados na construção dessa corporeidade processual, apontam ambigualmente para fissuras na lógica binária dos gêneros e adesões às representações que tornam o sistema sexo/gênero princípio unificador das relações sociais, e, por conseguinte, da alocação dos lugares sociais. Como afirma Butler, se a identidade está fundamentada em conceitos instáveis como sexo-gênero e sexualidade, o conceito mesmo de pessoa deve ser questionado dada a emergência cultural de seres incoerentes não adaptados às normas culturais de inteligibilidade.

3.2 (IN)CORPORANDO: “OU DE COMO SER UMA “MONA TRUCADA”

Interpretar é estabelecer uma relação, em meio a outras possíveis, de sujeito e objeto. (...) que outros estabeleçam relações outras com seus objetos, não prejudica ou descaracteriza em nada a interpretação que, a cada vez, assumem novos contornos. (SIMMEL, apud WAIZBORT, 2000, p.30)

Aqui o corpo toma a cena em toda a sua materialidade, alvo dos olhares, dos discursos, experimentado como antidesestino. E passo a me apropriar dele como lugar para onde convergem minhas inquietações. Corpos que se inscrevem na contramão das formas ideais, ou seja, enquanto corpos indefiníveis, por evidenciarem a

possibilidade de mimetismos, obscurecendo e eclipsando linhas de fronteiras que obsediam o social quando não estão claramente delineadas.

Empreendo, assim, uma análise voltada para a compreensão acerca dessa fabricação corpórea, lugar para onde convergem minhas inquietações, por serem portadas como a principal marca de identificação dos sujeitos. Para tanto, recupero pequenas histórias etnográficas que me foram reveladas, renunciando claramente a ideia da “totalização imaginária do olhar”, na medida em que, ao perseguir fragmentos das trajetórias aqui apresentadas, lanço mão de cenas soltas, de blocos de falas, múltiplas, emitidas nos momentos em que o gravador se inscrevia como parte do encontro com o sujeito entrevistado, ou naqueles em que as falas eram tomadas fora do registro do gravador, e anotadas no diário de campo. Desse modo, pretendo conduzir uma aproximação gradual (porque gradual se faz a fabricação corpórea) com os processos de transformação/constituição dos sujeitos observados.

Importante salientar que o processo de construção dessa corporeidade desestabilizadora, e os significados a ela atrelados, se faz no centro das relações de poder e de feitura pessoal tanto nas travestis quanto nas *drags*. Assim o corpo será pensado como lugar de inscrição simbólica que refletirá posições sociais na estrutura de “todas as” relações de poder (seja de classe, gênero e raça, etc.), sendo um campo profícuo para a leitura do mundo social, na medida em que operaria a partir de uma lógica também dual, em que é fincado no processo de interiorização das disposições vigentes no social, e enquanto tal apreende essas disposições e reproduz a ordem do mundo, sendo um legitimador da ordem binária existente.

As travestis e *drags* observadas me falavam sem palavras das inúmeras potencialidades do ser mulher, através do processo de (ex)corporação em corpos biologicamente marcados com signos anatômicos do masculino, o que está em jogo é uma percepção identitária forjada em materialidade, à revelia das inscrições biológicas, assentada numa perspectiva que revela a especificidade do vivido, do experienciar cotidiano do corpo desejado/produzido. Assim os sujeitos vivenciam essa feminilidade no corpo e através dele; tomando-o e (re)fazendo cotidianamente como um “projeto de vida”.

Projeto que remete a um nível de processualidade operada na feitura desses corpos, onde são mobilizados significados do feminino, através de marcas

tegumentares que adquirem valores específicos dentro dessa economia corpórea: os litros de silicone, a ingestão de hormônios, a marcação epidérmica, seja provisória ou definitiva, constituindo-se em operadores fundamentais na construção da subjetividade. Penso essa idéia de processualidade não como algo que remeta a um desenho final do feminino, o que garantiria a lógica do *continuum* que vai do “gayzinho-drag-travesti-transexual”, como afirmado por Fabiano Gontijo, e alguns autores que trabalham com a temática em questão:

No Brasil haveria um *continuum* que vai da caricata (homem que caricatura a mulher para que se apresente em espetáculo) ao transexual (homem que passa pela operação cirúrgica de “mudança” total de sexo, estando à espera de seus documentos de “mulher”. (2005, p.17)

Ou seja, a processualidade, mencionada aqui, encontra sentido quando penso a plasticidade desses corpos no que tange ao fazer-se, como algo que encontra formas de expressões diversas, o que apontaria para a impossibilidade de apresentar “as travestis” e “*drags*” observadas enquanto parte de grupos coesos, engessados em nome desse termo constituído em categoria analítica. Assim reconheço que a apresentação das diversas histórias de vida narradas oferece processo de construção dessas diversas formas de corporeidade como chave de leitura.

Passo a orquestrar as narrativas das travestis, e das drags como falas de si, como forma de valorizar uma certa espontaneidade, que pressupunha mais soltura e liberdade para esses pequenos pedaços de vozes que não estariam no foco da sala principal, e que no meu texto, poderiam ressoar pelo espaço sem a orientação prévia, a falar de impressões da existência, que se constituía paralelo a um fazer continuado do corpo. Confissões que intercalavam silêncios e falas acerca de amores, desejos, acontecimentos, medos, paixões, ódios.

Pensar esses aspectos que salpicam as narrativas e espocam nas observações e na convivência cotidiana, me fez atentar para a necessidade de articular o cotidiano que estrutura as relações sociais estabelecidas entre/com esses sujeitos, e a consequente formação de uma subjetividade que num processo de (re)socialização generizada, estaria assentada na própria noção de experiência. Pensada aqui a partir da perspectiva de Joan Scott, na medida em que essa autora

sugere claramente a impossibilidade de pensar o termo experiência como guardando um significado auto-evidente. Evitando com isso incorrer no equívoco de pensá-la a partir da ideia de “naturalização”, como algo independente dos processos históricos e sociais.

Tornar visível a experiência de um grupo diferente expõe a existência de mecanismos repressores, mas não seu funcionamento interno ou sua lógica, sabemos que a diferença existe, mas não a entendemos como constituída relacionalmente. Para tanto, precisamos dar conta dos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências. (1992, p. 27)

Historicizar a experiência para Scott é compreender como discursos, em sua temporalidade, posicionam e produzem os sujeitos (inclusive subjetivamente e relacionalmente). Compreendendo a experiência como algo do qual se sai transformado e constitui-se em transformações que o sujeito deve experimentar para alcançar outra forma de ser. A experiência pensada em sua articulação com o sexo, gênero e a sexualidade, se seguidas as argumentações de Lauretis (1994), estaria constituída por efeitos de significados e autorrepresentações produzidas no sujeito pelas práticas, discursos e instituições socioculturais que produzem mulheres e homens – as chamadas tecnologias de gênero.

Numa mirada superficial sobre os corpos desses sujeitos, se observaria claramente as intervenções tecnológicas/protéticas materializadas, e enquanto tais eivadas de um conjunto de significações dispostas no imaginário social. No entanto, se considerados os aspectos que constituem a experiência enquanto produtora dos sujeitos sociais, e por conseguinte de sua existência objetiva, torna-se perceptível sua relação enquanto (re)produzindo a própria existência subjetiva dos mesmos. Nesse sentido o imaginário – para o bem ou para o mal – inscreve-se como capaz de fornecer possibilidades infindas de existência.

3.3 CONVERSAS ETNOGRÁFICAS

A afirmação da feminilidade empreendida/buscada reiteradamente implica, para além da gramática de gênero e fixação dos lugares sociais, pensar a processualidade operada na feitura das travestis e *drags* como os significados do

feminino são mobilizados, para entender que esses significados, marcas tegumentares, adquirem valores específicos, os litros de silicone, a hormonização, a marcação epidérmica, seja provisória ou definitiva, são operadores fundamentais na produção de subjetividades.

Passo a transcrever fragmentos de vozes acerca do processo de construção corporal empreendido pelas travestis entrevistadas, salvaguardadas as devidas diferenças e diante desse quadro heterogêneo, entendo, como em Le Breton (p. 33), que “a tarefa da antropologia é compreender a corporeidade enquanto estrutura simbólica” (materializada/materializável) e “destacar as representações, os imaginários, os desempenhos, os limites que aparecem como infinitamente variáveis”.

Sentada ao lado de Kelly na pousada onde a mesma residia, pude registrar a conversa que passo a narrar, acerca da sua saída de casa:

Pesquisadora – Você saiu quando seus pais descobriram?

Kelly – Sai né mulher, foi barra, mais eu tenho certeza que minha mãe já sabia, ela sabia, ela me pegava olhando pra os amigos do meu irmão, sabe quando você espicha aquele olho pidão em cima do bofe, então eu já era travesti desde pequena, rsss.

Pesquisadora – Quando você começou a se montar mesmo?

Kelly – mulher naquele tempo tudo era mais fácil, dinheiro era mais fácil... e eu encontrei, assim eu já conhecia de ver ela na cidade, uma mona que já era velha, e ela foi me ensinando os truque de como se maquiar, de como se arrumar, eu assim mulher, eu sempre gostei dessas coisa de mulher, então comecei tomando horrores de hormônios, todo santo dia tomava, aí quando eu comecei a juntar dinheiro, quando eu fui primeiro para Recife, eu botei silicone duas vezes, eu tenho cinco litros de silicone, botei nos seios, daqui pra cá⁵¹, no rosto nessa parte todinha aqui(...)⁵²

Como a grande maioria de travestis, percebi no tempo que durou a pesquisa que havia recorrentemente a necessidade de naturalizar esse desejo de ser feminina, apontando momentos da infância como icônicos para pensar ontologicamente esse processo de gestar-se generizadamente. O que me parecia interessante ao acionar essa possibilidade de recuperar as histórias de vida, de em meio aos fragmentos, localizar concomitante a formação corpórea e de um estilo próprio, aspectos da personalidade que foram se revelando paulatinamente no

⁵¹ Aponta para os quadris.

⁵² Entrevista realizada em janeiro de 2006.

convívio com as meninas, era entender como elas foram atribuindo um sentido para essas histórias que num primeiro momento foram vividas com imenso sofrimento, agora distanciadas, passavam a fornecer uma coerência mínima para a produção de si. O que sugeria uma série de pontos de convergência entre as histórias.

Encontrei Leilane na Universidade, havíamos marcado a entrevista para uma quarta-feira à tarde, dia em que ela teria aulas na pós-graduação em História, na UFRN, saindo direto de lá para as escolas em que trabalhava. A conversa teve um tempo de duração de quase duas horas, ela me narrou detalhadamente o processo de transformação pessoal e corporal, que passo a transcrever:

No momento da minha afirmação eu tive aquela fase de gay espalhafatoso sabe, adorava fecheação, aparecer, na fase travesti teve muito isso, nessa fase inicial quero dizer.... hoje não, hoje tudo o que eu quero é ser mais uma no meio da multidão, entende? Então para isso eu pretendo no futuro, ir até as últimas consequências, isto é fazer a cirurgia, não sei quando vou fazer, tô numa periferia, é... do ponto de vista dessas questões tecnológicas numa periferia, no próximo ano vou até São Paulo para ver essas questões, como é que fica...

Pesquisadora – Com relação ao processo de transformação, você tomou hormônio?

Leilane – Eu tomo, ainda tomo lógico, mulher, hormônio se você parar de tomar, você perde o corpo que você montou, que você conquistou...

Pesquisadora – Quando você toma a primeira vez o processo é lento (...) Gradual...

Leilane – É lento, hiper lento, principalmente porque eu, eu na época, orientada por essa amiga eu fiz a opção de não me intoxicar, ou seja, eu comecei devagar, com uma injeção, passei seis meses com uma por mês, aí depois aumentei, uma a cada quinze dias, porque como toda droga a medida que você mantém a dosagem ele passa a não fazer mais efeito, por isso que você precisa estabelecer intervalos grandes para começar a aumentar gradativamente, se você começa com muito, rapidinho vai ter que tá tomando mais ainda. E também assim, é aquela coisa total, de risco total, porque assim, você não tem é, é você tem que parar de tomar a tempo, sob risco de leucemia, baixa muito as defesas do corpo... porque o hormônio ataca uma dos glóbulos, ou são os brancos ou os vermelhos, não sei qual dos dois, não lembro, e ou baixa a defesa ou causa leucemia, também não lembro qual dos dois... O fato é que não pode tomar hormônio para o resto da vida, por outro lado não pode parar de tomar hormônio né, então qual a alternativa? Por silicone, e silicone não dá para colocar assim, então é ir levando, ir levando, até o momento que dê para fazer. Agora eu tô investindo na minha carreira aqui né, no meu mestrado, de repente talvez com esses títulos eu consiga abrir, abrir mesmo que forçadamente o espaço das instituições para mim, com concurso, com o que seja, ou seja, eu tenho vinte e cinco anos, termino o mestrado no final de dois mil e sete, início de dois mil e oito, entro no doutorado, com mais quatro anos, com trinta, trinta e um, no máximo trinta e dois eu espero, eu espero ser doutora, e aí sim, eu acho que vou poder finalmente, ter todo um retorno financeiro de uma vida inteira, de sonho e investimento, poder se materializar em mim, concretamente em mim, sabe. Aí poder olhar para mim e dizer assim, foi conquista, tudo foi conquista! Até um dia que eu tiver já, é feito a cirurgia e que encontrar um homem, ele não vai saber quem eu já fui um dia, não é?

Mas eu não vou dizer... eu vou dizer a verdade a ele: olhe você tá vendo isso aqui, tudo fui eu que conquistei, não ganhei nada da natureza, olhe aqui para a natureza, viu... bendita tecnologia...⁵³

Pensar a ideia de processualidade como marcador da feitura dos corpos das travestis é já entender quais os significados mobilizados nesse ato de fazer-se, as marcações epidérmicas, provisórias ou definitivas adquirem valores específicos e se constituem enquanto operadores de subjetividades. Quando penso a forma como Leilane elabora a construção contínua e progressiva do seu corpo, observo aspectos que não concernem aos significados mobilizados pelas travestis e *drags* que foram parte dessa pesquisa. Para ela, a elaboração corpórea se erige enquanto projeto, caracterizado pela reflexividade, percebida como nossa capacidade de interiorizar um sentido acerca do masculino e feminino, questioná-lo e a partir da reflexão empreendida criar um novo sentido, o que reverbera diretamente na ação deliberada sobre si. Outro aspecto elucidativo da relação que Leilane – assim como Bia – estabelece para pensar essa construção corpórea, é a reinterpretação dos usos e conhecimentos médicos, quando esses saberes (e práticas) médicas passam a se inscrever nos domínios da vida cotidiana.

Devo salientar que na pesquisa com as travestis, a cirurgia de transgenitalização adquire importância diversa, sendo objetivo de duas das entrevistadas a realização da mesma, Bia e Leilane. O que aparece claramente nas entrevistas e vivências é a apropriação distinta dos significados da feminilidade e masculinidade, e consequente inscrição desses significados nos corpos, sendo fundamental a alusão à impossibilidade de tentativas de homogeneização identitárias no que tange à compreensão do humano. Assim buscou-se compreender as expressões identitárias em questão a partir de perspectivas que entrelacem vivências, experiências, pertencas sociais diversas, o que reforçou sobremaneira a noção de que a feminilidade e masculinidade adquirem ares distintos e/ou comuns àqueles reinantes no imaginário social, não havendo apenas uma busca por um suposto feminino, constantemente reiterada e materializada no corpo.

O feminino-travesti não se resumiria à (in)corporação do gênero num dado corpo, anatomicamente portador de outros signos, como se a cirurgia de

⁵³ Entrevista realizada em 2007.

transgenitalização se desenhasse no horizonte dos sujeitos pesquisados a partir de um ideário de normalização, fundado na lógica da coerência entre corpo-sexo-gênero-desejo. As escolhas mobilizadas acerca da feitura corpórea são oscilantes e múltiplas, divergindo largamente entre os sujeitos pesquisados, o que apontaria inexoravelmente para a especificidade do tornar-se travesti, estando assentada num conjunto processual de gestos, normas, ritos e práticas simbólicas, consciente ou inconscientemente manejados, inscritos nos corpos e traduzidos em relações sociais.

Ao modificar a forma do corpo, a pessoa tenta controlar tudo aquilo que foge ao seu controle na vida social; ela escolhe uma forma física “nova” indo atrás de um modelo que a personifique e com o qual se identifique. No entanto esse modelo corporal não é apenas formal, uma vez que o sujeito incorpora também os valores morais incluídos em sua constante reconstrução. (MALYSSE, 2002, p. 96)

As discussões sobre modificações corporais, sua perpetuação e manutenção como apresentada pelo referido autor, privilegiam uma análise consonante com as minhas inquietações, na medida em que empreende uma reflexão acerca das inúmeras maneiras que cada sociedade mobiliza para esculpir os corpos femininos, fundadas que estão na construção/legitimação de um ideário de valorização de sinais distintivos sexualmente disponíveis. Importante aludir à ideia de que a noção de feminilidade espalhada no imaginário social será interiorizada e materializada de formas diversas. No que concerne à feitura corporal das travestis entrevistadas, percebo que o nível de reflexividade e, por conseguinte, a efetivação de modificações devem ser pensadas não somente como materialização desejante de produção corpórea, mas como estando no centro de uma série de posições construídas socialmente, refiro-me especificamente à sua inserção de classe, raça, marcadores sociais tão determinantes quanto o gênero. Entender como operam raça, classe, gênero – em conjunto e independentemente – pode ajudar a compreender melhor como o social se torna corporificado. Para elucidar esse aspecto, penso particularmente numa conversa que passo a transcrever:

Pesquisadora – Uma vez estávamos falando de travesti e transexual, você me disse que se pensava enquanto transexual, porque?

Tobias – Eu não me penso eu sou, porque se eu pudesse assim num passe de mágica é, é abolir características masculinas de cima de mim eu abolia, se eu tivesse o narizinho de Jenny é um gênio, de Samanta a feiticeira, eu era, eu tenho certeza que eu seria mais feliz... eu não me vejo feliz sendo homem, porque eu tenho certeza que mulher nenhuma me completaria, sob hipótese nenhuma uma mulher me completaria...além do mais meu objetivo é fazer a cirurgia de transgenitalização, já pesquisei tudo o que podia, e assim que juntar dinheiro farei, principalmente porque quero me sentir integrada psicologicamente você entende? Você acha que eu me mato de trabalhar para quê?

Pesquisadora – Eu fico me perguntando como é que você equaciona, você fala de você no feminino, mas seu nome é Tobias...

Tobias – Na verdade isso não é problema, Tobias me define, é meu nome, do mesmo jeito que você deu um nome para isso de coca-cola, garfo, é arbitrário, eu não sei também se por conta da questão do curso, não é, quando eu fiz letras eu descobri que o nome das coisas são porque você quer que seja, não tem relação nenhuma do nome com a coisa, o meu nome é uma forma de chamativo, de alguém poder chamar minha atenção, direcionar o discurso pra mim especificamente, ou falar comigo, mas Tobias para mim é só um nome, um rótulo, pra mim não é nem masculino, nem feminino(...) ⁵⁴

Segundo Berenice Bento (2006, p. 45), o que faria “um sujeito afirmar que pertence a outro gênero é um sentimento; para muitos transexuais, a transformação do corpo por meio de hormônios já é suficiente para lhes garantir um sentido de identidade”. Assim percebo na fala de Bia esse saber de si através de uma pertença ao gênero feminino, construída gradativamente ao longo da feitura corporal, e legitimada nas apropriações que ela busca nas explicações médicas para justificar e entender as quantidades e os efeitos dos hormônios femininos no seu organismo.

Sentada ao lado de Lucrécia numa das esquinas da avenida escolhida para etnografar, ela afirmava peremptoriamente, e com um orgulho indisfarçável na voz:

(...) é assim bicha, se você toma o remédio e é rápido é porque você já nasce mulher, bate lá dentro no que é de mulher em você e não tem jeito, por isso tem umas bichas que toma, toma e não adianta de nada... mas eu já deixei de tomar faz uns dez anos e você pode ver, ainda tô com tudo em cima. ⁵⁵

De acordo com Hélio Silva (1993), as travestis passam grande parte do seu tempo dedicando-se às transformações potencializadas em seu corpo. Constroem paulatinamente o corpo desejado, eminentemente feminino desfazendo-se gradativa e cotidianamente do corpo masculino. Zelam por essas pequenas alterações físicas,

⁵⁴ Entrevista realizada com Tobias (2005).

⁵⁵ Entrevista realizada em 04/2006, na Av. Eng. Roberto Freire.

recorrendo a todo tipo de técnicas ou recursos na busca de cada característica a ser adquirida. O que leva a um cuidado constante com a “natureza” desta nova mulher.

Curioso observar uma certa consonância nas diversas narrativas, como se a legitimar uma inscrição diacrítica de elementos corporais dissonantes (seios e pênis) em função de uma naturalização vigente no senso comum, como se a buscar explicações biologizantes para a (ex)corporeação de um desejo, claramente transfigurado no corpo, sendo fundamental aludir às experiências corporais.

Um dos elementos apontados em todas as entrevistas como fundamental na aquisição do corpo desejado é o hormônio, via de regra apresentado como substância que faria eclodir o que há de feminino nesse corpo. O que irá divergir em larga medida serão as representações acerca da ação dos hormônios no corpo das travestis, variando a partir de critérios diversos, algumas irão apresentar justificativas com forte apropriação das explicações e do discurso médico. Uma idéia comum, recorrente em grande parte das falas, é a de que estes medicamentos instauram uma nova condição no corpo: a condição de travesti. Nesse sentido, recupero novamente fragmentos da fala de Lucrécia que são icônicos para pensar as representações acerca da utilização de hormônios, e que remetem a naturalizações corpóreas acerca dos modelos de feminilidade e masculinidade:

Às vezes eu acho que é assim, um dom, você nasce com ele, e os hormônios servem só para aumentar esse dom(...) mas também tem uma coisa, eu não gosto de tomar direto porque senão eu vou ficar igual a umas bichas que eu conheço, que são tipo insuportáveis e que sempre ficam atacadas quando tomam hormônio.

Através das diversas narrativas, acerca das técnicas de utilização e das maneiras de produção corporal a partir da utilização de hormônios é recorrente essa alusão a um certo grau de irritabilidade e nervosismo, que, como nos diz Benedetti (2002), “afetará a pessoa para além do seu organismo, perturbando as suas relações”. O que leva a inquirir a uma espécie de (pré)disposição eminentemente feminina, na medida em que, como afirma Duarte (1986), a irritação é uma característica atribuída ao feminino (tendo a mulher uma qualidade mais nervosa), em oposição ao “homem” que se caracteriza pela força (em oposição à sensibilidade). Isso se percebe comumente, e poderia ser apontado como invariante, não apenas nas falas colhidas em campo mas nas obras citadas ao longo do

presente trabalho. É que para além de mensurar os efeitos fisiológicos, na medida em que esses se inscrevem palpáveis, as diversas narrativas apontam para uma ação que não é meramente fisiológica – no sentido de viabilizar a produção do corpo desejado – mas uma modificação/constituição de modos de ser, agir, sentir e pensar no feminino. Dessa forma, o tratamento hormonal propicia a aquisição de novas características corporais, bem como de particularidades de uma ordem moral representadas na sociedade enquanto relativas ao comportamento feminino, como sublinhado por Benedetti:

A transformação do gênero se constrói e se afirma a partir do ingresso nesta rede de conhecimentos, que exige uma intensa socialização das novatas para que lentamente, como os efeitos dos hormônios, surja um “todo” feminino. Neste sentido, poderíamos pensar os hormônios como os elementos que estabelecem esta mediação entre o físico e o moral, na medida em que eles agem sobre o corpo (percebido como uma realidade físico-moral) e produzem efeitos tanto de ordem física quanto moral. (2000, p. 80)

Assim, o consumo dessa substância apontaria para um momento em que as travestis passam a ser reconhecidas como parte desse mundo (re)generizado, uma espécie de primeiro momento, que atrelado a outras técnicas – como a ingestão de silicone – produzirão o corpo desejado. Como afirma Lorena, “travesti que é travesti toma hormônio, esse negócio de botar bunda de espuma é coisa de bicha enrustida no carnaval”. Segundo Larissa Pelúcio, o processo de tornar-se travesti poderá seguir um percurso mais ou menos semelhante, divergindo apenas no que tange às implicações subjetivas:

[...] se inicia com extração de pêlos da barba, pernas e braços, afina a sobancelha, deixa o cabelo crescer e passa a usar maquiagem e roupas consideradas femininas nas atividades fora do mundo da casa. A seguir, começam a ingestão de hormônios femininos (pílulas e injeções anticoncepcionais e/ou de reposição hormonal), passando por aplicações de silicone líquido nos quadris e, posteriormente, nos seios, até chegar (e nem todas podem fazê-lo por absoluta falta de dinheiro) a intervenções cirúrgicas mais radicais – plástica no nariz, eliminação do pomo-de-adão, redução da testa, preenchimento das maçãs do rosto e colocação de prótese de silicone. (PELÚCIO, 2005, p. 04)

O que caminha na mesma direção da análise realizada por Benedetti (2000), quando este autor afirma ser a decisão pela iniciação do uso de hormônios como

uma das mais importantes na vida das travestis que iniciam este processo ainda na adolescência, pois acreditam que as mudanças da puberdade possibilitam a instauração da condição feminina de forma mais eficaz.

Esse aprendizado travesti foi descrito por quase todas as entrevistadas como um momento em que na interação com as outras travestis o corpo vai sendo delineado. Assim a interação entre os atores sociais criará/consolidará a gestualidade⁵⁶, técnicas do corpo, entonações da voz, ações do corpo que são submetidas à interiorização por parte das “futuras” travestis, e terminam por revelar uma simbólica própria a cada grupo social. Em função desse aprendizado mimético processado por identificação, passo a transcrever uma passagem da narrativa de Leilane, como forma de demonstrar a importância da introjeção dessas técnicas do tornar-se:

Então eu conheci uma, uma ex-amiga, que hoje nós não somos mais amigas, uma travesti mais velha, ela já era travesti a pelo menos quinze anos, e começamos a conversar, inclusive eu comecei a fumar já com ela, começamos a andar juntas e aí ela começava a me montar, ela ia me dando dicas, ela era cabeleireira, então ela dava um toque no cabelo, porque na época meu cabelo tava curtinho, então ela botava uma peruca, ela me maquiava, emprestava uma blusinha e etc. E a gente saía, e eu fui começando a viver um mundo que eu ainda não tinha vivido, entende? O mundo da sedução, da conquista... esse mundo que eu não conhecia, que eu vim conhecer aí com vinte e três anos, e foi quando eu comecei a, eu disse puxa, eu me identifiquei, é isso que eu queria mesmo. Embora na época eu percebesse que aquele é isso que eu dizia naquele momento era pouco ainda, eu aperfeiçoei, eu hoje posso dizer que superei minha mestra. Porque é, ela embora tenha ensinado muita coisa, me introduziu, me apresentou esse mundo, ela é minha madrinha né? Inclusive nesse, no nosso universo existe muita hierarquia, hierarquia rígida, né, e assim, e ela era muito bem integrada, então eu devo muita coisa a ela, hoje a gente não tá mais juntas, mas eu sempre vou ter esse reconhecimento. Mas eu superei, do ponto de vista da concepção do que representa ser, entende? Então o que ela me apresentou, olhe ser travesti é isso, né?⁵⁷

Investe-se numa educação corporal e subjetiva concernente àquele grupo, pautada na construção contínua do feminino, um feminino travesti, específico, inequívoco, observado quando se entra em contato com os grupos e se percebe as ações dos corpos em interação, acionando assim a ideia de uma corporeidade trans,

⁵⁶ A relação entre gestualidade, técnicas corporais e expressão dos sentimentos, encontra-se presente na obra “Sociologia do corpo”, de Breton.

⁵⁷ Entrevista com Leilane, UFRN, 2007.

fundadas em técnicas corporais específicas, formas de expressão dos sentimentos, gestualidade⁵⁸ e técnica de tratamento⁵⁹.

As técnicas do corpo, no caso do grupo em questão, tendem a reforçar seu potencial de desnaturalização enquanto expressões de gênero, na medida em que os gestos também são classificados a partir de uma binariedade que recorta o universo. Dessa forma, pode-se apontar a não existência de gestos eminentemente femininos ou masculinos. Sendo as técnicas aprendidas nas relações estabelecidas intragrupo, fundamentais no processo de unificação de um *ethos* grupal, que irá alçar a travesti à categoria de “quase mulher”. Apesar de aparecer recorrentemente nas falas, a não perseguição a esse estatuto, percebi que os signos do feminino, os gestos bem medidos, os sinais de mão, os movimentos do corpo, a maneira de tocar, a forma de debruçar-se, de andar, de falar (as entonações da fala), carregam significação e valor. Sendo o corpo gestado e portado a partir das técnicas e representações.

Observei com certa recorrência que o feminino feito é mencionado nas narrativas como parte anterior desses sujeitos, numa tentativa de divinização ou naturalização do processo de construção gradual do feminino nesse corpo masculino. Exemplifico essa idéia a partir de uma narrativa que passo a transcrever:

A primeira relação que eu tive foi uma relação homossexual, mas foi com um homem, que fazia papel de homem, que sabia que era homem e me via como a parceira da história. Então na minha cabeça eu era aquilo (..) e na relação entendida tem aquilo de, de troca, de performance vamos dizer assim e não cabia pra mim, que não me satisfazia, que eu não gostava. “Foi quando eu comecei a perceber que eu não tinha nascido para ser homem”, foi quando eu tive os meus primeiros conflitos, aquela coisa de porque eu não tinha nascido mulher, sabe, e a questão dos trejeitos. E eu dizia meu Deus do céu, porque quando eu me arrumava eu via uma menina? Comecei a usar salto alto, comecei, comecei, foi uma coisa muito progressiva Anne (...) e eu acho que ainda tô passando por esse processo, eu ainda tô em processo de mutação, visto que na minha cabeça eu ainda, eu ainda quero me transformar em mulher, então eu tô em processo de mutação, eu sou um ex-man...mutante.⁶⁰

As narrativas construídas pelas travestis para explicarem o processo de colocação do feminino no corpo masculino, transformação de gênero, são quase

⁵⁸ Segundo Breton, a gestualidade seria as ações do corpo quando os atores se encontram.

⁵⁹ A discussão acima citada encontra respaldo na análise empreendida por Breton (2006).

⁶⁰ Entrevista realizada com Bia, dia 20/03/2006.

sempre remetidas à infância, com alusões a brincadeiras específicas, trejeitos, formas de portar-se e sentir que não condiziam com o gênero de origem, o que possibilita a esses sujeitos tornar inteligível o corpo nos primeiros anos de vida, justificando a aplicação dos signos do feminino no presente. Assim, na reconstrução dessas histórias, a infância surge como momento basilar. Observei que a alusão a narrativas que remetem às histórias de transformação do gênero ao período da infância eram uma tentativa continuada de naturalização desse processo de vir a ser, onde o feminino é inserido, apagando traços desse masculino não desejado.

Pesquisadora – Quando sua mãe soube?

Rebeca – A minha mãe, quando ela soube da minha transformação? Com quinze, foi quando minha prima voltou de São Paulo... mais ela sempre soube mulher, porque eu sempre vestia as roupas dela e da minha irmã, pense numa bicha que adorava maquiagem, aprendi a fazer unha, tudo que mulher mexe eu mexia, ela até me ensinou a costurar, então eu fazia a bainha das calças dos meus irmãos e do meu pai, ajudava na cozinha, ela sabia que eu tinha jeito pra coisa, mas às vezes eu acho que ela fazia de conta porque meu pai sempre foi muito ignorante, quando eu vim me embora era porque ele brigava muito com ela, porque ela ficava só me defendendo, deve ser essa coisa de ela ser mãe, mulher sabe como é, essas coisas de instinto materno né? Então eu resolvi, eu saí porque era assim, meu pai brigava muito com ela, de brigar e discutir por minha causa... pra evitar problema pra ela né, deixar ela em paz, aí eu digo de vez em quando, quando eu ligo... mulher se cuide, não se preocupe comigo... eu digo pra ela não se preocupar, né porque...Hoje em dia eu sei que se eu tivesse um filho, ou criasse o filho do outro lá eu defenderia também, porque eu também tenho essa história de ficar, tipo, ficar tomando de conta, eu cuido mais de Jessica do que a mãe, você pode perguntar para quem quiser aqui, e se você perguntar pra Jéssica ela vai dizer que gosta mais de tia Rebeca do que da mãe... rssss, eu também tenho instinto de ser mãe.⁶¹

As histórias que reportam à infância, que aludem aos familiares a partir de um viés de distanciamento forçado, apareceram recorrentemente nas narrativas das travestis. As descrições de suas trajetórias de vida sempre eivadas de referências à mãe e aos irmãos. Importante considerar, contudo, que as referências feitas carinhosamente aparecem quando atenuadas as tensões relativas à descoberta da homossexualidade e do travestismo. “Serenadas as emoções, esses relatos revelam bonomia em face da intransigência, pontilhada de referências carinhosas à família”. (SILVA, 1993, p. 52)

⁶¹ Entrevista com Rebeca (2006).

Momentos que pinçados nas narrativas pareciam oferecer uma certa coerência para essas vidas, como se no momento da entrevista fosse ofertado ao sujeito a possibilidade de interrogar-se. Como apontado por Benedetti, essas alusões à infância são recorrentes nos estudos sobre travestis⁶²:

Há que se levar em conta também que o sentimento e o comportamento femininos são vistos a partir da mesma ótica que concebe o desenvolvimento de homens e mulheres, ou seja, o argumento de que esses processos são “naturais”, e não artificiais ou deliberadamente construídos pelos sujeitos. As travestis acionam os mesmos critérios (...) para dar significado a todas as possibilidades de gênero e sexualidade (...). Nesse grupo, os atributos da sexualidade e do gênero são usualmente investidos de uma característica natural, (portanto imutável, fixa) ou predeterminada (destino, natureza) para todas as pessoas (...). (BENEDETTI, 2005. p. 100)

Contudo essas narrativas que apontam a primeira infância como momento de percepção do desejo pelo mesmo e do desejo de transformação, vão gradativamente se distanciando, ou adquirindo graus menores de naturalização, quando o que está em jogo é sua interação cotidiana com aqueles com quem as travestis estabelecem relação, assim portar-se de forma eminentemente feminina não será mais apontado como algo da ordem do natural, mas como parte de um lugar social que vai sendo investido gradativamente, na produção desse feminino travesti, num processo consciente de aprendizado contínuo, sendo a transformação da aparência corporal, central na construção do corpo e na sua conseqüente generização.

Ao contrário das representações do senso comum, as travestis que entrevistei⁶³ não estão necessariamente em busca de cirurgias em definitivo – num processo que foi caracterizado inicialmente, por alguns trabalhos, como “evolutivo e analisado a partir de um viés patologizante, o que remetia na minha leitura à necessidade de intervenção nesses corpos”⁶⁴. Assim a *drag* poderia ser apontada inicialmente como um travesti em potencial e a travesti como tendo em seu horizonte

⁶² Penso particularmente nos estudos de Oliveira (1994), Silva (1993) e Benedetti (2005).

⁶³ Referendo a alusão à feitura da transgenitalização em apenas duas entrevistas.

⁶⁴ Penso particularmente no trabalho de Neuza de Oliveira, quando a autora, analisando as travestis em Salvador, utiliza um pressuposto patologizante para classificá-las. Para ela, as travestis seriam “seres invertidos sexualmente”.

a cirurgia de transgenitalização, na medida em que as travestis, enquanto “seres invertidos” sexualmente, estariam tomados de uma patologia, reversível através de intervenções cirúrgicas – como se a marca genital definisse ou criasse um feminino “natural” e por conseguinte “real”. Algumas travestis apresentadas nas narrativas não objetivam extirpar suas genitálias, apenas ser reconhecido como travesti, passo a transcrever partes de uma entrevista realizada coletivamente, quando o assunto central era a necessidade da transgenitalização para mudança de nomes juridicamente:

Rebeca – Eu não faria cirurgia, não faria por isso não, eu queria meu nome feminino, mas sem precisar fazer a cirurgia tá entendendo, é isso... a gente já mexe tanto no corpo da gente né? É porque a cirurgia é uma coisa muito delicada tá entendendo, aí você vai deitar numa mesa de cirurgia e num sabe se vai sair dali acordada né, a gente bota uma prótese e não sabe se vai sair acordada, né verdade, avalie você fazendo uma cirurgia pra virar uma mulher, e Deus tem que dar permissão pra fazer isso, se Deus quiser acontece da gente ficar legal, mas não é todas que tem sorte não, tem umas que enlouquecem, que fica louca tá entendendo?

Marcela – Também não vem ao meu caso não, tá entendendo, pra mim tanto faz ter o nome feminino ou masculino, não me importa não, eu quero ser o que eu sou, travesti... nem quero ser mulher, eu quero ser travesti, num quero botar meu nome de mulher pra ser mulher não, quero ser travesti...

Rebeca – Mas um travesti bem feminino num é?

Marcela – Exatamente, quero ser assim, uma mulherona, bonita aí olhar assim e dizer, olhe é um travesti, tá entendendo? Mas fazer cirurgia pra ser mulher eu não quero não... acho bonito assim...rrrrss, mas eu, pra mim, num quero não, eu acho demais já...demais, demais.⁶⁵

As narrativas, as reiteradas conversas acerca das mudanças corporais deixavam entrever uma certa tranquilidade em pensar-se enquanto travesti, o que corroborava a idéia de que esse projeto de fazer-se continuamente não implicava um desenho final, normalmente acionado nas representações sociais, a partir da noção de uma “alma feminina num corpo masculino” (divinização naturalizante que alude à necessidade de readequação entre o sujeito e o espírito, que será transfigurado nesse novo corpo). As falas, as atitudes, obviamente não generalizadas – tendo em vista que algumas travestis entrevistadas já estavam à procura de informações acerca da cirurgia de transgenitalização – apontavam muito claramente a lógica do fazer-se passar por mulher, como se o empreendimento

⁶⁵ Entrevista coletiva realizada em 07/2006.

estivesse assentado na necessidade de forjar um corpo feminino passível de ser visualizado enquanto tal. Como afirma Hélio Silva:

De qualquer modo, sejam quais forem as predisposições a partir das quais os travestis vivem seus projetos existenciais, há subjacente a toda experiência o tentar passar por mulher. Em suas conversas, por menos interessados que estejam em ser mulher, por mais conscientes da condição homossexual, revela-se orgulho – em graus variados – quando passam por mulheres, são tratados como mulheres. Parecer ou não parecer, eis a questão de todo travesti, de um ou outro modo, segundo se pense ou não como mulher. Questão existencial que paira sobre o corpo, mas que só o corpo pode resolver. (p. 193)

A especificidade apresentada nas falas gira em torno de um jogo comum entre as travestis, a possibilidade de reconstrução desses corpos, sem desenhos finais, sem objetivos em definitivo, um feminino único, não assentado na necessidade de uma transposição, um transformar-se em mulher, um feminino plástico, hormonal, que fala por meio da indumentária, da criação de um estilo, fundamentado numa identificação grupal, mas também numa demarcação pessoal.

Corpos que embaralham as fronteiras ao lançarem mão de uma estética do gênero, como forma de tornar-se membro legítimo do grupo identificado. O que aponta inexoravelmente para a lógica plural das práticas sociais e/ou sexuais, que visibilizadas através desses corpos processuais desmentem a univocidade das relações humanas, desmantelando a suposta fixidez presente nos moldes que constroem as diferenças.

Assim o ato de constituir-se enquanto travesti – e arriscaria afirmar que com as *drags* o processo de constituição também poderia ser lido a partir dessa perspectiva – traria tanto um sentido habilitador, quanto violador da palavra sujeição, deslizando ora para a adequação das normas de gênero, ora para a subversão das mesmas. Segundo Butler (2003, p.184):

O travestismo tanto pode servir à desnaturalização quanto à idealização das normas heterossexuais hiperbólicas de gênero. Pareceria que (...) o travestismo é um lugar de certa ambivalência que reflete a situação geral de estar implicado nos regimes de poder mediante os quais se constitui o sujeito.

A partir desse duplo viés que a noção de travestismo apresenta, penso os diferentes investimentos operados na construção dessa corporeidade disruptiva,

feita no centro das relações de poder, sendo essas feitura corporais, entre travestis e *drags*, subjetivadas de maneiras diversas, porque fruto de aprendizagem e trabalhos contínuos, mas convergentes, na medida em que demonstram uma clara desarticulação entre corpo biologizado e gênero assumido.

3.4 SCRIPTS DE GÊNERO: “OU DE UM BOFE PARA CHAMAR DE MEU”

Uma questão interessante a ser referendada é que o processo de intervenção corporal em ambos os grupos, apesar de convergir para a procura pela invenção de um feminino, adquire conotações diversas. Observei que no caso das travestis (e nesse sentido também das *drags*), a fabricação desse corpo eminentemente feminino se dá colado a um ideal de feminilidade e masculinidade altamente naturalizado, como vigente no imaginário social, e que se traduzirá na construção paralela de uma gramática de gênero e na consequente fixação dos lugares sociais, ancorados em prescrições que se sustentam no jogo das oposições ativo/passivo, dominante/dominado, tão presentes na cultura sexual brasileira, como apontado por Fry (1982). Relações sociais que se organizam a partir de uma espécie de *ideologia da virilidade, e que penetra* nos processos de construção dos corpos.

Uma fala surge como emblemática para pensar essas alocações de lugares sociais, quando Rebeca, uma das informantes, descrevendo a frequência de batidas policiais nos últimos tempos, deixa entrever esse ideal de masculinidade; diz ela:

O cara foi homem mesmo, ele saiu do carro e bateu de frente com a polícia, porque tipo assim, ele não tinha arma, não tinha droga, ele só curtia trava e a polícia não tem nada com isso, você não acha? Pra mim é assim, homem tem que provar que é macho mesmo e ele provou, eu não, eu fiquei dentro do carro, linda e loira, sim, porque na época eu estava loiríssima né bicha, acho até que rolava botar uma tinta no cabelo pra vê se o babado começa a aparecer...⁶⁶

Desse modo, pode-se observar uma reprodução recorrente nas falas acerca do lugar do feminino e do masculino, uma espécie de *script* de gênero, estando o masculino comumente associado ao ideal de atividade, força, coragem, ao passo que à mulher caberia a lógica da passividade e fragilidade. É importante salientar,

⁶⁶ Entrevista com Rebeca 02/2006.

contudo, que a alocação desses lugares sociais não se processa de forma estanque, as fronteiras entre masculino/feminino são frágeis e simbióticas, dependendo do momento de existência. Outro ponto a ser referendado acerca dos lugares do feminino/masculino é como as normas de gênero, que determinariam em larga medida as possibilidades de existência do humano, tanto podem ser incorporadas, como vigentes no imaginário social, como desestabilizadas nas práticas das travestis.

Saltava aos olhos na observação e nas falas os deslizamentos acerca de qual feminino estava sendo adotado num dado momento, se as características acionadas seriam a passividade e fragilidade da figura que se constrói para o lar (como quando observava Rebeca fazer o almoço para as pessoas da pensão e cuidar de uma das filhas da gerente do estabelecimento; ou mesmo quando nos falava do sonho de um amor que permaneça, invocando uma meiguice extrema), ou aquelas que conformam um feminino insaciável, sedutor, e aqui reporto claramente a experiência da sedução nos pontos de batalha, explícita no debruçar-se da travesti na janela do carro para negociar com o cliente, (prostituta/mulher sedutora > dona de casa; no corpo feminino da mulher não poderiam estar juntas) na forma de jogar os cabelos, no jogo de ocultar/mostrar que algumas vestimentas propiciam. Haveria algo de teatral nessa experiência de seduzir, nesse *mise-en-scene* travesti, que desperta fascínio, e acaba por revelar esses vários femininos que a constituem, enquanto representante da pluralidade.

Acredito que apontar a pluralidade de significados atribuídos ao feminino no processo de construção das travestis, passaria inexoravelmente pela necessidade de entender a série de significados, que elencados numa gramática de gênero e sexual desses sujeitos, organiza suas relações. Como afirma Benedetti (2002, p.149), haveria uma negociação acerca dos “limites entre o feminino e o masculino”, pelas travestis, não sendo passíveis de serem estabelecidos apenas pelas estruturas corporais dos sujeitos. “Entre práticas, corpos e valores considerados masculinos e femininos, os papéis sexuais não seguiriam a mesma lógica”. Passo a transcrever o fragmento de uma entrevista:

Bia – Nós estamos juntos a pelo menos cinco anos, eu sempre deixei que ele seguisse a vida dele, ficasse com a família, mulher, filhos, porque eu sabia da dificuldade que ele enfrentaria, a família é toda evangélica, o pai

ainda por cima é militar, rsss, mas sabia que ele ficaria comigo, porque eu completo ele em todos os sentidos.

Pesquisadora – então agora vocês estão definitivamente juntos?

Bia – Estamos, e sabe o mais engraçado, é que quando mudei para Currais, por mais que sempre tenha sido respeitada enquanto morei e trabalhei em Caicó, senti uma acolhida muito maior, a gente sai de mãos dadas, eu saio do colégio em que trabalho e passo no bar que ele trabalha, as vezes espero ele acabar para irmos juntos para casa. Na nossa rua as pessoas nos cumprimentam. Lógico que sempre tem aqueles mais homofóbicos né? Mas também acho que essa aceitação, para além do lance do profissionalismo, só é possível porque no fundo eles sabem que eu sou mulher, então é uma relação heterossexual né? Eu sou a mulher dele, ele é meu homem!

As narrativas de Bia, os diversos momentos em que pude observá-la, sozinha ou em companhia do marido – importante salientar que o encontro entre nós três só se deu quando o marido de Bia passou a viver com ela – acaba por situá-los numa gramática de gênero e sexual, pautada na lógica binária do masculino e feminino transfigurada nos corpos, garantindo uma espécie de coerência para sua história pessoal, que será ofertada pela cirurgia de transgenitalização, apontada por ela como um momento crucial para sua realização pessoal. Assim, para além da coerência inicial do sexo (a ser corrigido)/gênero, a sexualidade e suas práticas elencadas a partir do permitido, aceitável, reenquadra a ambos dentro da heteronorma, sendo a “heterossexualidade do parceiro que dará vida ao “meu” gênero” (BENTO, 2006, p. 213). O que não me autorizaria a produzir generalizações ao pensar que portar um corpo apropriado ao gênero escolhido significaria uma reivindicação ou adesão à heterossexualidade. Elucidativo desse aspecto se fazem as inúmeras experiências de transexuais que, ao empreenderem a cirurgia de transgenitalização, constroem relacionamentos não exclusivamente pensados como heterossexuais.

O aspecto, acima mencionado, a partir da leitura empreendida por Berenice Bento, de que o gênero ganha vida na relação estabelecida após a transformação corporal, pôde ser atestado por mim em várias situações vivenciadas e narradas. Passo a apresentar algumas delas que foram colhidas, seja nas narrativas, seja nas vivências com os sujeitos pesquisados, e que apontam para a centralidade que essa gramática de gênero e sexual adquire na organização das relações pessoais.

Assim, a discussão das categorias de atividade e passividade e as formas de negociação, a partir das práticas e posições assumidas pelos parceiros, aparecem

como um elemento recorrentemente apontado nas pesquisas sobre gênero e sexualidade (particularmente aquelas sobre os sujeitos transgêneros). O que em larga medida indica a formulação de uma gramática sexual a partir da qual se dá a distribuição, entre os parceiros, dos dois polos opostos da diferença sexual: macho/fêmea, masculino/feminino, ativo/passivo. Como afirma Loyola: “As noções de masculinidade e feminilidade são estruturadas pela dicotomia ativo e passivo, e servem de princípio organizador de um mundo muito mais amplo de significações sexuais”. (LOYOLA, 2000, p.158)

Jô – Me fala, pra que diabo eu quero um namorado se não for pra me comer?

Rebeca – Eu também acho que se eu me transformo toda de mulher não vou namorar com um veado, senão eu vou ser o quê, vou ser o quê? Sapatão?

Jô – Também acho que tem mais uma coisa, na rua você vive de tudo, você pode ser home mermo montada de mulher, já fiz programa com casal, eca, rssss, só de pensar me dá nojo, mas tava precisando de grana, então fui lá e creu na mulher da bicha. Mas namorado dentro da casa só se for pra me comer.

Rebeca – rssss, mais também não quer dizer que eu num vou mais namorar, eu só não quero outro veado comigo entendeu? Lembra do bofe que lhe falei, ele é casado com uma mulher, e ele me vê como uma mulher, ele nunca daria pra mim.⁶⁷

A posição ocupada pela masculinidade e feminilidade é altamente relacional, sendo a masculinidade valorizada pelo papel ativo desempenhado pelos homens que se relacionam com as travestis, o que corrobora uma lógica acerca de uma gramática de gênero que vai determinar os papéis de masculino e feminino ocupados em todo e qualquer processo de interação. Singularizam-se aqueles que ocupam o polo masculino da relação estabelecendo o contraponto dessa singularização, ou seja, a afirmação do espaço do feminino. Na articulação da base do sistema de gênero segundo o qual as travestis passam a gerir suas interações afetivas e sexuais, se poderia ter um lugar demarcado para o “marido” ou namorado das mesmas, o que os diferenciaria dos clientes que encontram via de regra quando estão oferecendo serviços sexuais. Como expressado por Kulick na sua etnografia com travestis em Salvador:

⁶⁷ Entrevista coletiva realizada em 02/2007.

Assim a gratificação sexual não é o que as travestis buscam no relacionamento com os namorados. De acordo com a explicação de Mabel, sexo com o namorado implica o seguinte: “ele vai pra cama com você, você vira de costas, ele enfia, pôu goza/até mais, tchau” e Keila afirmou textualmente: “um travesti não se liga a ninguém por causa do sexo, porque ela não precisa de um namorado para gozar”. A importância de ter um namorado, ao contrário, está no fato de que ele é essencial para a travesti poder se sentir igual a uma mulher. Para tanto ele precisa parecer um homem e sobretudo comportar-se sexualmente como homem. E os namorados de travestis pouco fazem além disso porque é apenas isso que se espera deles. E desde que continuem parecendo homens e agindo como homens, usufruem de uma relativa segurança e as travestis ficam felizes (pelo menos até encontrar um parceiro que possa fazer melhor o papel). Que tais expectativas e demandas resultem em pouquíssima gratificação sexual não é algo importante para as travestis. Elas não querem um namorado por causa do prazer sexual. Elas não obtêm sexo dos homens, mas sim gênero, prazer sexual é algo que as travestis obtêm em outro lugar: com os boyzinhos, com os “vícios” e com clientes que conhecem na rua à noite. (2008, p. 147)

Interessante, contudo, atentar para o fato de que a diferenciação no que tange à possibilidade de fornecer um reconhecimento para a travesti de sua feminilidade, como afirma Kulick, com vistas a um reconhecimento de gênero, é estruturante nas escolhas feitas para eleição dos namorados e “maridos”. Entretanto não poderia generalizar a afirmação concernente a não-obtenção do prazer sexual ao nível meramente ejaculatório, sob pena de negar o reconhecimento da multiplicidade de práticas que viabilizariam o prazer.

3.5 VOLIÇÕES DO FEMININO-DRAG

Se os corpos são instáveis, flexíveis, retocáveis (BENTO, 2006. p. 24), seria uma estética apropriada que conferiria um grau de legitimidade para habitar a ordem binária dos gêneros? Nesse caso, como podemos pensar o corpo-drag, tendo em vista que a *drag* montaria um corpo efêmero, vivido na superfície para exibição, evocando claramente a ideia de ambivalência/provisoriedade, implícita na lógica do montar-se⁶⁸.

⁶⁸ Observei a partir das reflexões de Vencato, que mesmo com a difusão da palavra montagem, incorporada por outros grupos em função de seu sentido literal, ou seja, “ato ou processo de travestir-se, produzir-se”, temos uma utilização/adesão maior frente a esse grupo, na medida em que se pode pensar a montagem a partir da noção de “female impersonation, enquanto uma transformação de gênero no sentido masculino para feminino, intrinsecamente relacionada a vestimentas e

No corpo *drag* as interferências se dariam em função de adornos (perucas, cílios, maquiagens), assim a *drag* encarnaria um corpo desmontável, que ao passar pelo processo de montagem traria à tona a personagem feminina, onde uma série de aspectos são ressignificados: modo de andar, gestos, voz, postura, o que aponta para as volições de um feminino-drag, possibilitando aos sujeitos questionarem um suposto modelo original de feminino, não conscientemente, na medida em que expõe a inexistência do mesmo apontando as possibilidades infindas de invenção/criação. A subversão que poderia ser lida como inscrita na postura *drag* se apresenta quando esses sujeitos assumem fabricar seu corpo, sendo a partir dessa fabricação que se pode atentar para o processo de fabricação de todo e qualquer sujeito social.

É importante recuar um pouco no tempo, recuperando fragmentos do diário de campo que narram a construção do nosso encontro com as *drags*, tendo em vista que as relações estabelecidas com ambos os grupos assumiram formas totalmente distintas. A impressão inicial de estranhamento, que experimentei no mundo da rua, quando buscava aproximação com as travestis, se processou de maneira distinta nos espaços frequentados pelas *drags*, por ser frequentadora de tais espaços, o que me levou a erigir simbolicamente as paredes dos espaços *gays* como barreiras de proteção, sensação compartilhada por outros frequentadores, em função da recusa velada de homossexuais em festas voltadas exclusivamente ao público heterossexual.

No entanto, quando afirmo que imperou na pesquisa com as *drag queens* uma reconhecida sensação de familiaridade em função do entorno, da frequência em ambientes de sociabilidade homossexual, não posso deixar de aludir a uma certa ingenuidade na minha postura, por considerar que a familiaridade determinada em função da frequência facilitaria o trabalho. Assim, o campo foi se construindo paulatinamente eivado por ambigüidades, dúvidas, conflitos éticos, sentimentos que resvalavam da hostilidade inicial experimentada no mundo da rua ao tentar me aproximar das travestis – penso particularmente em várias travestis que tentei conversar vezes seguidas, sempre obtendo uma peremptória recusa, bem como de uma *drag queen* de quem tentei me aproximar por diversas vezes experimentando a

mesma sensação de recusa – essas vicissitudes se mostraram extremamente paralisantes nos momentos iniciais da pesquisa, que em função de acontecimentos pontuais em campo foram adquirindo outras conotações, talvez não pautadas na aceitação que esperei ansiosamente, mas pela convivência pautada em bases que foram se confirmando sólidas ao longo do campo. O que experimentei, a partir da suposta familiaridade, foi se constituindo gradualmente em um movimento dinâmico, esse de ser considerada de “dentro” e em outros momentos ser de “fora”. Ou mesmo quando se está seguro diante de uma suposta aceitação e se é lembrado com uma expressão, gesto ou atitude, que não se é igual a eles. Em outras ocasiões, no entanto, fui colocada na condição de confidente.

Todo esse processo etnográfico me falou seguidamente do grau de complexidade que existe na prática do trabalho de campo antropológico, que falava da imbricação entre a vida pessoal do pesquisador, das determinações e implicações – no que diz respeito às intervenções subjetivas e às implicações éticas – e a vida daqueles que se pretende analisar.

Conflito vivido pelo pesquisador que, como demonstrou Geertz (2001), é a peculiaridade mais forte do trabalho de campo, no qual não é permitido a ele “qualquer separação significativa das esferas ocupacional e extraocupacional da vida”. É nessa indeterminação fundada na fusão entre as esferas ocupacionais e extraocupacionais da vida que “devemos encarar as ideias, atitudes e valores como outros tantos fatos culturais e continuar a agir de acordo com aqueles que definem os nossos compromissos pessoais”. Ou seja, faz-se necessário “[...] ver a sociedade como objeto e experimentá-la como sujeito. Tudo o que dizemos, tudo o que fazemos e até o simples cenário físico têm ao mesmo tempo que formar a substância de nossa vida pessoal e servir de grão para o nosso moinho analítico” (GEERTZ, 2001, p. 45).

Considerando a perspectiva de Gilberto Velho acerca da discussão sobre a necessidade de uma “distância mínima” que poderia conferir um status de objetividade às ciências sociais, recuperei as idéias desse autor na medida em que irá sugerir que seria viável ao antropólogo “ver o familiar não necessariamente como exótico mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados” (1987, p. 131). E para tanto, opera-se um movimento em direção ao

outro, ainda que este, em sua alteridade, muitas vezes representasse uma clara ameaça as nossas “bases supostamente firmes”, proporcionadas pelos cânones interpretativos, que parecem garantir um certa integridade emocional e intelectual.

3.6 “DRAG NÃO NASCE, DRAG ESTRÉIA”⁶⁹

A aproximação com Shakira na Vogue, boate na qual ela se apresenta – como mencionado no capítulo dois – me possibilitou ter acesso a espaços que são fundantes para pensar a “realidade” experienciada por esse grupo, pensar como se constituem enquanto sujeitos e como se relacionam com o entorno social. O que de certa forma surge como possível de ser efetivado a partir das categorias que propus utilizar para pensar as travestis, salientando as similaridades e diferenças entre essas duas expressões identitárias.

Assim, as *drags* podem ser pensadas como personagens criadas pelos protagonistas, e vividas em determinados momentos, onde, via de regra, a artisticidade torna-se lócus de suporte para a existência. Na pele grafada hiperbolicamente, maquiagens, adornos, perucas, perfumes, sandálias ou botas, roupas, os signos da feminilidade e masculinidade são borrados. Acionados apenas as divas, musas, ninfetas, santas, num repertório exaustivo que traz à tona, características peculiares a cada *drag* entrevistada, como se a construir uma história paralela à existência cotidiana do criador. Dessa forma, nenhum corpo, pensado a partir da configuração de um estilo de montagem *drag*, é estritamente igual a outro. Dentro de cada estilo há um grande espaço de liberdade para a elaboração da aparência do corpo que se quer produzir.

Não pretendendo serializar os aspectos relativos à montagem e construção da *drag*, passo a elencar alguns momentos concernentes a essa feitura, que considero pertinentes para o entendimento da inscrição do feminino nesses corpos, tais como: a construção do rosto, que passaria por uma verdadeira metamorfose, fundada na reconstrução de um personagem peculiar, feita com o uso de corretivos, bases, pós faciais. O esmaecimento dos traços “originais” prepara o rosto para um suposto/porque momentâneo desenho final, de forma a construir o feminino

⁶⁹ Expressão que aparecia em diversas narrativas para aludir à primeira montagem.

desejado para a performance que será desenvolvida, traços desenhados/pintados sobre um novo rosto, feitos com o auxílio de tecnologias cosméticas, batons, delineadores, sombras, rímeis, curvadores de cílios, cílios postiços, finalizado com a colocação da peruca. A maquiagem surge como um diferencial, caracterizada pelo excesso, e demarcando a performance *drag*, sendo peculiar a cada personagem observada a exacerbação de certos traços do rosto que se tornarão característicos (no caso de Shakira os cílios e a boca, no caso de Dara as sobrancelhas e os olhos). Ocorre um processo de afinação do rosto – que o aproximaria de um ideal feminino –, e por sobre essa aproximação a impressão das características atreladas ao exagero (uma aproximação com vistas à separação?) efetivadas com o auxílio das tecnologias mencionadas. Como afirma Shakira, o processo irá variar de acordo com a peruca:

Shakira – É assim, a gente usa aquela cola de pva, cola branca, escolar, aí passa no cabelo todinho assim e cola, aí isso faz como um capacete, o cabelo fica impermeável, aí você pega aquela cola de bastão, cola quente, coloca na peruca e cola, eu não faço isso, porque como eu uso peruca de cabelo não dá pra fazer senão você desgraca a peruca, então as minhas perucas sou eu que teço, então eu faço a touca a mão, então, por exemplo se meu cabelo crescer um pouquinho, ou eu tenho que cortar o cabelo, ou desfazer a touca, então eu coloco a touca e aquelas marrafinhas que senhoras usam...mas os meninos numa regra geral eles colam, é assim, a gente passa essa cola e coloca a peruca...as pessoas dizem: aí deve queimar a cabeça (risos) não queima porque seu cabelo já tá colado com a impermeável...eu não tenho como usar isso, primeiro porque minhas perucas são de cabelo, e segundo porque eu tenho troca de cabelo, então não dá...Porque pra você descolar aquilo, você tem que chegar em casa, ligar o secador quente pra cola...ela é um silicone, só vai dissolver com calor...acho que só eu ou dois, usa peruca de cabelo...

Pesquisadora – Então no seu caso como você faz?

Shakira – Eu tenho umas vinte e oito perucas... dezesseis de cabelo, que são as que eu sempre uso, eu não uso mais cabelo sintético, eu já usei muito, só que eu acho que ficou muito banalizado, todo mundo começou a usar, só que eu uso assim, eu vou fazer um show e a ideia é que seja tudo rosa, aí eu tenho aquela rosa lá e uso...mas eu geralmente uso de cabelo porque eu acho mais bonito, acho a estética mais bonita...eu acho que tudo tem uma época, tinha uma época que todo mundo usava cabelo colorido e era legal, teve um época que todo mundo usava uma que quando acendia a luz parecia que a peruca tava acesa, mas eu acho que a estética do cabelo é mais bonita...agora é um custo muito alto...⁷⁰

⁷⁰ Entrevista realizada com Shakira em 2006.

A adornação da cabeça vai ser priorizada por meio do encaixe das perucas, fixadas com prendedores, que ficam entre o couro cabeludo e a parte interna da peruca, ou através da colagem, com substâncias aspergidas sobre a cabeça propiciando uma fixação e consequente segurança na hora da performance, que não prescindiu nos casos observados do que as *drags* me apresentaram como “bate cabelo”. Como afirmou Dara Scaranz⁷¹: “o bate cabelo é um complemento, importantíssimo na performance de palco por isso uma *drag* para ser *drag* vai ter que ter uma produção impecável, dançar muuuito, fazer a dublagem perfeita, e saber ‘dar close’⁷², claro”.

Essas maneiras de fazer-se no feminino sugeriam claramente a fabricação inacabada desse corpo, na lógica, apontada por Vencato (2002), do devir enquanto sublinhando o mistério de existir, sem objetivos em definitivo que não a busca pela melhor maquiagem e, por conseguinte, pela melhor performance, a *drag* propositalmente hiperboliza os traços convencionais do feminino, comportamentos, atitudes, vestimentas acionadas culturalmente como femininas. O que se delineia é a encenação da feminilidade numa lógica de questionar aquilo que teoricamente viria a ser revelado, uma suposta “essência” feminina. Nesse processo, ela realiza uma paródia do gênero. Essa possibilidade de questionar uma suposta essência se torna possível na análise a partir de duas questões centrais, referidas à distinção entre performatividade – tal como pensada por Butler – e performance (referida ao aspecto de artisticidade, e voltado para uma lógica puramente estética, sendo utilizado com vistas à observação e consequente análise dos espetáculos). Além de apontar para uma certa gramática de gênero, construída e significada nesse processo contínuo de produção corporal e subjetiva.

Essa ideia da produção corpórea, como parte e parcela da construção da subjetividade, apontava para a necessidade de pensar os significados de masculino e feminino, que ao aparecerem em algumas análises como subversivos, se inscreviam nas posturas e significados a partir de uma perspectiva altamente naturalizada. Nesse sentido me ancorava nos questionamentos empreendidos por Butler (1993), quando a autora realizando uma releitura da performatividade de

⁷¹ Entrevista realizada em 02/2007.

⁷² Expressão êmica que poderia ser lida como fazer carão, fazer pose, esnobar.

gênero e da *drag queen*, reformula aspectos que na primeira alusão à *drag* como exemplo de performatividade, foram obscurecidos por interpretações diversas.

A primeira questão que proponho para aproximação com as vivências e narrativas colhidas em campo – no que tange aos significados de masculinidade e feminilidade e a adesão a uma gramática de gênero que regeria suas práticas – diz respeito à pergunta feita por Butler, quando essa autora, analisando a película: *Paris is burning*, e aludindo ao potencial “supostamente” subversivo apresentado nas performances desses sujeitos, afirma ser fundamental pensar quais critérios podem ser mobilizados para mensurar o alcance da subversão, sendo a performatividade:

La performatividad del género sexual no consiste en elegir de qué género seremos hoy. Performatividad es reiterar o repetir las normas mediante las cuales nos constituimos: no se trata de una fabricación radical de un sujeto sexuado genéricamente. Es una repetición obligatoria de normas anteriores que constituyen al sujeto, normas que no se pueden descartar por voluntad propia. Son normas que configuran, animan y delimitan al sujeto de género y que son también los recursos a partir de los cuales se forja la resistencia, la subversión y el desplazamiento. El procedimiento mediante el cual se actualizan las reglas y se atribuye a un cuerpo un género u otro es un procedimiento obligatorio, una producción forzada, pero no es por ello completamente determinante. En tanto que el género es una atribución, se trata de una atribución que no se lleva a cabo plenamente de acuerdo con las expectativas, cuyo destinatario nunca habita del todo ese ideal al que está obligado a aproximarse. (1993, p. 64-65)

A criação de interpretações fundadas numa gramática generizada que atribuiria significados às posições desse sujeitos (montados ou não), sugeriria a adesão às normas como posta por Butler, na medida em que sendo essas normas anteriores à constituição dos sujeitos passavam a ser mobilizadas como formas de significar o mundo, os lugares do masculino e feminino, e gerir as relações. O que não me autorizava a apontar essa adequação como comum a todos os sujeitos entrevistados. Passo a transcrever falas que considero elucidativas para pensar essa questão:

Bruna – Você sabe que mulher eh mulher... tem que chamar mais atenção e estar mais impecável. Sem falar nas quantias, que a cada três sandálias femininas eu comprava um tênis pra mim....quer ver, é só comparar o que eu invisto em Bruno e o que eu invisto em Bruna. Então eu uso roupa de departamento mesmo, mas para ela só compro na coca-cola, gang, arezzo. Bruno usa perfume do boticário, como egeo, Bruna jamais usaria, ela, para ela eu compro Paris....rssss, afff, é barra viu!⁷³

⁷³ Entrevista realizada em 11/2006.

Shakira – Mesmo desmontado, mesmo com roupinha de homem, tem gente que é *drag* na essência, que o assunto só é peruca, maquiagem, e o comportamento é o do personagem, parece que se encanta tanto com aquela, com aquela, com a dualidade que fica assim, que vira aquilo, com a barba por fazer, cara de homem e toda menina, ai num sei quem...se trata até pelo nome de mulher...tem menino que eu conheço que num tem mais nome de homem, que eu não sei como é o nome, porque eu encontro no meio da rua e tenho que dizer, oi Maria do Carmo, porque eu só me lembro do nome dela de mulher, ela nunca me disse como era o nome dela de homem, ela é tão eminente como personagem que mesmo tando de homem, imprime muito mais forte a personalidade feminina...⁷⁴

A construção dessas interpretações, fundadas nas experiências (corporificadas) vivenciadas e nos significados (atribuídos) assimilados na construção dessa corporeidade processual, apontava ambigualmente para fissuras na lógica binária dos gêneros, e adesões às representações que tornam o sistema sexo/gênero princípio unificador das relações sociais, e, por conseguinte, da alocação dos lugares sociais. Sendo possível entrever adesões às normas e subversões circunscritas corporalmente.

Outro aspecto, recorrente nas narrativas e explicações acerca de produções corpóreas e negociações/interiorizações e/ou subversões das representações vigentes no imaginário social, diz respeito às formas como as relações entre um aprendizado relativo ao montar-se são percebidos pelo grupo. Considerando as ideias de Butler acerca das reformulações nas relações de parentesco, como expresso na citação abaixo:

Estos hombres “se hacen de madre”, se “arropan” y se “alimentan” mutuamente, y la nueva significación de la familia en estos términos no es una imitación inútil o vana, sino que es la creación discursiva de una comunidad, una comunidad que crea vínculos afectivos entre sus miembros, se preocupa por ellos y les enseña, protege y habilita. (1993, p. 77)

Aponto, a partir do aporte teórico em que venho me baseando e das narrativas e práticas referidas em campo, que a (re)estruturação parental ou a presença da “mãe” metafórica que introduzirá a *drag queen* (e as travestis) na arte de fabricar esse corpo processual, como passível de ser percebido na medida em

⁷⁴ Entrevista realizada em 02/2007.

que se observa uma espécie de remontagem do padrão vigente no estrutura social – da família burguesa, heterossexual – utilizando com isso as mesmas categorias ordenadoras das relações heterossexualizantes presentes no imaginário social. Mas, como afirmado anteriormente, a adesão às categorias que ordenam as relações sociais não se efetivam de forma plena, possibilitando assim (re)negociações nas representações mobilizadas que penso a partir de seu caráter subversivo. As narrativas abaixo – com duas entrevistadas – são esclarecedoras dessa ideia de construção de relações parentais, estruturada com base em vínculos afetivos que ofereceriam uma espécie de coesão para o grupo, ou famílias:

Fala 1:

Pietra – É assim, a gente costuma dizer que *drag* não nasce *drag* estréia, então eu soube que iria haver um evento em Natal, isso em 2001, chamada parada gay de natal, e disseram que o primeiro lugar ia ganhar uma grana, trezentos reais, e naquele momento aquele dinheiro ia me servir e muito.... então foi quando meu amigo pediu uma ajuda para uns amigos, e que eu chamo até de mamãe...minha mãe Eli, então ele me ajudou...

Pesquisadora – Quem seria a mãe?

Pietra – A mãe é uma *drag*, que já se montava de *drag* e se apresentava em eventos, então ele me maquiou, me emprestou a peruca, a bota, um vestido bem bonitinho, adereços, num sei quê... e eu fui participar do desfile e com isso eu ganhei os trezentos reais, e ganhei fui considerado o rosto mais bonito, o gay mais bonito do Estado, falaram que eu era a cara da boneca barbie, e num sei quê...Aí ela me batizou, rsss, Pietra Ferrari, e depois vieram as ferrarizinhas, num total eu tive três abortos e duas filhas que vingaram.

Pesquisadora – Dois abortos?

Pietra – Sim, duas filhas tiveram êxito, porque tá pensando que é pra qualquer um ser *drag*, *drag* é artista sabe, as outras três não eram, assim como eu diria, não tinham jeito, por mais que eu ensinasse, que mostrasse como se montar pra ficar perfeita, elas não tinham, era assim meio fashion descontrolado, rsss...

Pesquisadora – E o que seria essa última expressão que você utilizou?

Pietra – É tipo quando a pessoa se arruma meio combinando nada com nada, não sabe se tornar um luxo, rsss, não puxaram a mãe né querida?

Fala 2:

Pesquisadora – Quando você começou a se montar?

Dara Scaranz – Nem me fale em tempo, sete anos atrás, rsss, foi uma coisa meio parto... rsss, eu já trabalhava com maquiagem, então não foi muito complicado pra mim, aprendi umas coisas com minha, é tipo como se a gente tivesse uma mãe, mas eu tô meio mal com ela, então tenho mais afinidade com minhas filhas...

Pesquisadora – Quem são suas filhas?

Dara Scaranz – Então tem Antonela De'Castro, que não herdou meu nome, rsss, tem Alicia e Lorena Scaranz que é mais apegada a mim, como se ela tivesse pegado mais informações, tivesse aprendido tudo, entende?

Esse aprendizado foi descrito por quase todas as entrevistadas – com exceção daquelas que se montam exclusivamente com fins profissionais – como um momento em que na interação com as outras *drags* o corpo vai sendo delineado, sendo a interação entre mãe e filha que criará/consolidará a gestualidade, técnicas do corpo, entonações da voz, ações relativas à melhor performance, à busca pela maquiagem perfeita, que submetidas à interiorização por parte das “futuras” *drags*, terminam por revelar uma simbólica própria a esse grupo social.

Vencato (2005), aludindo a importância do ato de montar-se, e a leitura deste ato a partir de mecanismos de interação, chama atenção para o fato de que as técnicas corporais serão aprendidas através da “convivência com *drags* que tenham mais experiência”. Seguindo a hipótese da criação de laços parentais, ocorreria uma espécie de (re)socialização, pautada em aspectos de “ordem geracional”.

Outra ideia a ser referendada⁷⁵ é aquela relativa à posse⁷⁶, presente na narrativa em expressões e atitudes que coadunam, e que será aqui pensada a partir da ideia apresentada por Sant'Anna acerca do termo “possuído”. Para a autora, o termo possuído: não remete apenas à posse, mas ainda à experiência de possibilitar: o corpo do possuído possibilita de fato, uma presença (...) materializando-a em gestos visíveis (...) juntando no mesmo corpo o eterno e o efêmero. (2001, p. 104)

Dimensão que referenda o aspecto teatral implicado na posse e observado nas falas frequentes; “*de quando a mona baixa, ela baixa mesmo*”, sendo comum apontar a presença desse feminino nas performances realizadas nas apresentações autorizadas⁷⁷.

⁷⁵ A ideia de pensar a posse a partir das falas das entrevistadas e da colocação das *drags* em cena, foi-nos ofertada por Luis Fernando Dias Duarte, quando participou da minha pré-qualificação.

⁷⁶ A referência para pensar a posse em relação com o gênero vem da obra de Patrícia Birman, que trata essencialmente da construção dos gêneros através da posse.

⁷⁷ Pensei em apresentações não-autorizadas como aquelas em que as *drags* não sendo contratadas para apresentação em determinado espaço, “improvisam” um palco, mostrando-se através da dança e dos movimentos de cabeça que caracterizam a dublagem das *drags*.

Na primeira entrevista realizada com Junior/Shakira, pergunto em que momento o personagem feminino aparece. Ele me diz:

(...) tem uns amigos que dizem assim, eu só me sinto ela quando coloco a peruca, já eu não, eu tenho uma verdadeira paixão por cílios, você já notou o tamanho dos cílios que eu coloco? Então ela começa a baixar no momento em que eu coloco os cílios, mas ela baixa mesmo quando eu desço do táxi na porta da boate.⁷⁸

Entretanto, quando se referenda a possibilidade relacional de pensar gênero/possessão, registro a partir das leituras empreendidas que a atribuição de uma ‘masculinidade plena’ no candomblé remete inexoravelmente à não relacionalidade com a possessão. Sendo a relação possessão- virilidade totalmente antagônica, o que nos surge como possibilidade ilustrativa de apontar a evitação processada nos espaços *gays* frente a rapazes que fazem *drag*. Explica Bruna:

Quando eu falei para meu melhor amigo que ia me montar ele me perguntou se eu tinha pirado, porque todo mundo sabe que quando a gente se monta fica marcado para sempre, mesmo eu dizendo a ele, que, que não queria fazer isso profissionalmente, ele achou que ninguém mais ia querer me namorar, e é verdade que agora eu mantenho mais relacionamentos com caras que entram no *msn* atrás de travestis, mas eu não sou travesti, eu faço um, o gênero meio ninfeta, sem ser essa coisa escrachada da *drag*, uma *drag* com classe.⁷⁹

As falas relativas à dificuldade de namorar depois de fazer *drag* são frequentes, o que surge como intuição para atentar para esse detalhe da perda da virilidade, uma espécie de acusação/evitação, uma suspeita por percebê-los num domínio mais ambíguo do que aquele oferecido pela condição homossexual. Fala Shakira a respeito dessa questão:

Porque é assim, hoje em dia tem gente que eu não sei quem é, você acredita? Que era o namoradinho de *drag* tal e já virou *drag* também... aí já elas tem meio que um negócio de filhas, aí essa é minha filha...aí você começa a vê gente na boate, que era gayzinho normal, que não teve tempo nem de, de namorar, “eu digo muito, que no dia que vocês quiserem namorar, vocês não vão conseguir... Porque ninguém quer namorar com *drag*”, e vocês, porque vai ter sempre alguém no dia que você se interessar

⁷⁸ Entrevista realizada com Shakira em 11/ 2006.

⁷⁹ Entrevista realizada com Bruna no Pits Burg da Prudente de Moraes, por solicitação dela.

pra dizer que você se vestia, se você se interessar por alguém aí vão dizer: menino isso é travesti, se vestia de mulher na boate. Porque eles aparecem na boate de calcinha, camisa, bem menininho, aí no outro fim de semana vem montado, porque primeiro entrada você já não paga, então já abre esse precedente...aí sempre tem uma amiga que vai mentir pra você e dizer que você vai ficar linda: aí bicha você vai ficar linda! Porque toda bicha com dezessete, dezoito anos acha que é linda né? Aí vai, você bota uma maquiagem, eu lhe empresto o sapato, você pega a peruca de num sei quem, a blusa de num sei quem (...) e eu sempre digo, ah você vai se montar amanhã, ninguém vai lembrar de você, mais todo mundo vai lembrar até o fim da vida que você se vestiu de mulher um dia, no dia que você arranjar um namoradinho, que você tiver muito apaixonado, alguém vai chegar e vai dizer, menino ele se vestia de mulher... pode ter sido uma vez, é incrível como essa coisa é engraçada, ninguém sabe quem você é, mais todo mundo sabe que um dia você se vestiu de mulher⁸⁰.

Outro aspecto recorrente quando se pensa as *drags* é a possibilidade desses sujeitos de unir em um único corpo características de ambos os gêneros, numa espécie de composição herética que fascina pela ambiguidade explicitada nesse corpo invólucro. A *drag* brinca com a ambivalência que seu corpo representa, reproduzindo um ideal de beleza feminino, a magreza, mas deixando entrever músculos levemente torneados como aspectos do masculino. Assim ostenta uma feminilidade construída, mas não induz ao apagamento da masculinidade, híbrido ele mancha as fronteiras, ostentando no recurso ao reordenamento das formas corporais, uma ode à fluidez, onde o corpo se apresenta enquanto objeto de criação. Começo a conversar com Júnior sobre a surpresa de vê-lo desmontado, ele diz:

Você não consegue associar a imagem né? É porque eu não consigo estando assim normal ter nada de Shakira, por isso às vezes quando as pessoas pedem pra fazer entrevista, eu digo logo, vocês vão fazer entrevista com Júnior, porque eu não consigo falar como Shakira, não estando de Shakira, são mundos completamente diferentes.

Assim, haveria uma forma de portar-se peculiar a cada um dos personagens, que vai se delineando com o personagem incorporado, ou seja, corporifica-se na montagem, como se houvesse um tempo de existir. É importante salientar, contudo, que a relação entre a personagem e seu criador não é de apartação, sendo muito mais simbiótica, mas como toda relação constitui-se por graus de regularidade, que determinam uma adesão entre o sujeito que “faz *drag*” e a personagem, dessa forma se teria, seguindo a classificação próxima àquela proposta por Anna Paula Vencato

⁸⁰ Entrevista realizada com Junior em sua casa, grifos meus.

(2005): rapazes que se identificam sobremaneira com a personagem, trazendo essa espécie de adesão/identificação para a vida cotidiana; rapazes que se distanciam da personagem em função da feitura da *drag* reduzir-se a uma relação profissional, o que entretanto não os imiscui de serem reconhecidos, sem maiores transtornos. Como afirma a autora:

Há diferentes graus de identificação entre pessoa e personagem no caso das *drags* que pesquisei: 1) rapaz que se identifica muito com sua personagem *drag*, chegando a assumir em sua vida cotidiana a personagem; 2) rapaz diferente de sua personagem *drag*, mas que não se preocupa com o fato de por vezes identificar-se ou ser identificado com ela; 3) rapaz diferente de sua personagem *drag*, que evita (chegando mesmo a excluir a possibilidade de) qualquer identificação. A maior parte das *drags* pertence ao segundo grupo. (2005, p. 230)

A proposta de pensar os momentos de fusão/cisão do sujeito que faz *drag* (desmontado) e da *drag*-personagem, coloca a montagem como momento onde seria possível visualizar características peculiares alusivas ao gênero, posturas, jogos de corpo que são acionados como parte da personagem, e pode, dependendo dos aspectos de identificação acima descritos, se diferenciar das características peculiares ao *performer*.

Mas, seria impossível, a partir do que foi observado, pensar uma cisão completa entre ator/personagem. Em suas performances, as *drags* revelam a reversibilidade dos mecanismos culturais que constroem os gêneros, o que apontaria para a multiplicidade dos sujeitos, que gostaria de enfatizar a partir da noção de paródia – considerando o fato de que a imitação mobilizada nas performances supõe o exagero, o excesso, o humor escrachado – podendo ser aqui acionada a partir do viés subversivo e de desnaturalização implicado; paródia indissociável do riso, também mecanismo de subversão, como afirma Louro a partir da discussão de paródia de gênero em Butler:

Na pós-modernidade, a paródia se constitui não somente numa possibilidade estética recorrente, mas na forma mais efetiva de crítica, na medida em que implica paradoxalmente, a identificação e o distanciamento em relação ao objeto ou ao sujeito parodiado. [...] “A paródia supõe entrar, ao mesmo tempo, numa relação de desejo e de ambivalência”. Isso pode significar apropriar-se dos códigos ou das marcas daquele que se parodia para ser capaz de expô-los, de torná-los mais evidentes e, assim, subvertê-los, criticá-los e desconstruí-los. Por tudo isso, a paródia pode nos fazer

repensar ou problematizar a idéia de originalidade ou de autenticidade – em muitos terrenos. (LOURO, 2004, p. 85)

Diversas questões foram surgindo nesse processo de interação com os grupos. Uma delas é acerca desse tempo de existir da *drag*. Penso que o corpo *drag*, em função da provisoriedade que o ato de montar-se oferece, não se enquadra na lógica do corpo abjeto – conceito que utilizarei para pensar esses corpos inabitáveis – em função do retorno a um corpo autorizado e hegemônico, o corpo masculino que é aquele do criador do personagem, sendo pensado aqui como habitantes da ambiguidade. De alguma forma, o corpo-drag, estando ancorado em idéias de temporalidade, ludicidade e artisticidade, na medida em que parodia o feminino naturalizado, hiperbolicamente, encontrando garantias de expressão, processadas através da arte. Sendo sua existência diurna, ao contrário das travestis, assegurada por esse corpo hegemônico. Além da dimensão processual apontada como parte da construção da corporeidade, o corpo-drag, enquanto relacionado à artisticidade, é também o seu local de trabalho, sendo não a mera imitação do feminino, mas a extrapolação das próprias fronteiras entre masculino e feminino. É possível pensar aspectos da encenação drag, a partir da noção de *camp*, como apontada por Didier Eribon (2008), ao discutir o que ele denominou de jogos com a feminilidade:

O humor “bicha” e o *camp* podem por certo ser descritos como estratégias também de resistência ou de reaproximação da causa de afeminação. Mas exprimem, sobretudo, a criatividade, a inventividade de uma cultura minoritária, e também a maneira como essa cultura é, por meio dessa forma de ironia, a melhor crítica de si mesma e das outras. E não vemos bem porque esse jogo com a feminilidade deveria ser descrito com a interiorização de um constrangimento em vez de um dos – somente um dos, mas, agradando ou não aos outros, inegavelmente um dos – traços característicos da homossexualidade masculina e da maneira com certos *gays* gostam de se pensar, de se comportar. (2008, p.114)

O que sugere a necessidade de destacar a ironia e criatividade como forma de resistência e enquanto tal abrindo fissuras diante de um mundo heteronormativo, mas que para o bem ou para o mal será acionada, nesse viés de acidez presente nas falas e aspectos de organização hierárquicos, como chaves de leitura para se pensar as tensões internas no universo homossexual.

O texto de Sontag (1987), *Notes on Camp*, que soa como um manifesto em prol da irreverência de uma vigorosa cultura *gay*, nomeia os traços de uma representação paródica da realidade, geralmente extraída de elementos profundamente heteronormativizados. Assim, quando uma *drag* se monta, e sobe ao palco, representando a performance ensaiada meticulosamente, o que sobressai é o tom propositadamente excessivo, na voz, nos trejeitos, nos figurinos, na maquiagem, nos movimentos corporais. Tom excessivo sim, mas que poderia ser lido, a partir do potencial subversivo impresso em algumas performances – como crítica à heteronormativização dos costumes.

Assim, as atrizes de cinema e as divas da *dance music*, incorporadas nas performances das *drags*, tais como: Madonna, Amy Winehouse e Britney Spears, dentre tantas outras interpretadas e dubladas, nas observações que fiz em campo, podem ser apontadas como ícones *camp*, não porque têm em suas próprias imagens, difundidas pela mídia e insufladas a serem consumidas. Mas, porque será nas divas que as *drags* (em seus shows) e as travestis (em suas vidas) construíram o que estamos chamando aqui de releitura performática *camp*, que empreende uma relação intertextual ao se alimentar do objeto que é parodiado sucessivas vezes nos palcos das boates *gays*, ou em quaisquer outras encenações.

O *camp* se dá, então, numa interseção de horizontes, sendo sempre uma manifestação multicultural capaz de ser reconhecida pelos indivíduos que compartilham de espaços de sociabilidade *gay*, assim como de vivências pessoais. Podendo confluir para a desconstrução, pelo viés da paródia, do pastiche, sendo novamente pensados enquanto crítica contundente aos valores e procedimentos heteronormativos. Considerar o *camp* como uma crítica à naturalidade dos padrões de masculinidade e feminilidade, assentados que estariam na sensibilidade *camp* presente no comportamento de “fechação”, faz dele um questionamento desses valores estabelecidos, que deslocados de uma base biológica passariam a ser percebidos como artificiais, o que nos coloca diante da noção proposta por McRae, segundo o qual o *camp* seria:

Esta forma de percepção do mundo seria uma decorrência da condição de oprimido do homossexual, que torna possível que ele enxergue a natureza artificial de categorias sociais e a arbitrariedade dos padrões de comportamentos. A força do *camp* repousa em grande parte no seu humor

corrosivo e iconoclasta, disposto a ridicularizar a todos e quaisquer valores. (MACRAE, 1990, p. 231)

Dessa feita, como sugere Preciado (2005), ao pensar a produção de subjetividades transgenerizadas, as práticas *camp*, poderiam ser apropriadas na medida em que criam espaços de visibilidade próprios para a cultura em questão, através da reapropriação – e não apenas como critério estético, como sugerido por Sontag – paródia de modelos de masculinidade e feminilidade, não mais pautados em binarismos (como homem/mulher, homossexual/heterossexual), que, segundo a autora, seriam insuficientes para caracterizar a produção dos “corpos *queer*”,



“Todas aquelas vidas, que estavam destinadas a passar ao lado de todo o discurso e a desaparecer sem nunca terem sido ditas, não puderam deixar traços - breves, incisivos, enigmáticos muitas vezes – senão em virtude do seu contacto momentâneo com o poder. De maneira que é sem dúvida para sempre impossível reavê-las em si mesma, tal como seriam ‘ em estado livre”

Foucault, 1992

4 CAPÍTULO 4: ESPAÇOS DE EROTIZAÇÃO

Traçar, cartografar os espaços de deambulação de travestis e *drag queens* (obviamente pensados a partir de peculiaridades territoriais) me permitiu incorporar o movimento espontâneo dos corpos nas ruas, nas boates, no cotidiano mais comezinho, nas divagações das saídas pelo mundo – como no desejo das travestis reiteradamente expresso nas falas, de ir para a Europa, ou quem sabe para São Paulo, a meio caminho entre esperança e fuga – e recriá-los nas páginas, cortando, combinando e colando fatos, sensações, paisagens, ruídos, visualidades, cheiros, musicalidade, hábitos, expressões, valores, desmontando e remontando itinerários. Penso a idéia de cartografia - como desenho que se movimenta, paisagens humanas, espaços incertos, pontuado por afetos, desejos, olhares, máscaras – como profícua para descortinar não apenas os espaços onde encontrei os sujeitos da pesquisa, mas os corpos enquanto materialidades plenamente cartografáveis. Como afirma Suely Rolnik:

A cartografia acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias.(1989:15)

Empreendi um percurso nomadizante para encontrar os sujeitos nisso que tentei entender a partir da noção de espaços de erotização, fundado nas derivas. cotidianamente empreendidas, seja pelas travestis nos diversos espaços de convivência (lugares de batalha, paradas gays, bailes da kengas, mundo da casa) seja pelas drags (boates, momentos de encontros nas paradas gays, bailes da kengas, e mundo da casa).

Nessa deambulação por essas zonas de invisibilidade, por esses espaços de convivência, pude perceber, para além das exclusões grafadas nos corpos, das violências, das injúrias partilhadas, ‘porque fundadas na “participação de uma mesma sexualidade estigmatizada” que redundará na marginalização e exclusão

desses sujeitos, a “constituição de um mundo específico, inscrito tanto na topografia das cidades quanto nas personalidades dos indivíduos que ali vêm se agregar” (Eribon, 2008, p.39).

O que propiciará um certo movimento em direção aos outros do desejo, recheado de sensações e contradições, numa deriva onde tudo é movimento, nada tem duração fixa. O mundo que as rodeia é uma enorme mistura, seja de corpos (nos espaços estudados), seja de papéis, seja de situações. Assim os sujeitos (pela subversão corpórea), e os espaços de circulação homossexual, guardariam um visível potencial transgressivo, demonstrado seja nos corpos nus das travestis e atitudes erotizantes, seja nas performances das *drags* nos palcos. Operando com isso a partir de uma visibilização incômoda, centrada na ruptura com uma série de binarismos fundantes na compreensão dos fenômenos sociais, masculino/feminino, público/privado

Pensar esses sujeitos a partir dos espaços de erotização implica em definir o meu lugar de fala, mesmo correndo o risco de propor aproximações entre autores que poderiam ser pensadas como impensáveis. Penso que aludir a noção de espaço a partir de um viés que apresenta os mecanismos de estigmatização e injúria, não impede que esses mesmos espaços sejam lidos como acionando possibilidades de um erotismo evidenciado nas observações, e construído a partir de operadores de leitura diversos. Por erotismo entendo, seguindo a perspectiva de Bataille (2004, p. 26): “O que está sempre em questão é a substituição do isolamento do ser, a substituição da descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda.” O erotismo aqui entendido como aquilo que promove/incita os encontros. Mas esses encontros não se restringem a possibilidades infindas de prazer, na medida em que infringem as regras do interdito, ainda Bataille:

(...)desde os tempos mais antigos – nossa atividade sexual é restringida ao segredo, em todos os lugares, mesmo que em graus variados, ela aparece contrária à nossa dignidade. De tal maneira que a essência do erotismo é dada na associação inextricável do prazer sexual com a interdição. (BATAILLE, 2004, p. 168)

A apropriação dos espaços públicos por esses sujeitos, faz convergir sobre eles uma série de desqualificações, que deslizam da injúria entendida como “um enunciado performativo que tem por função produzir efeitos e principalmente

instituir, ou perpetuar, o corte entre os ‘normais’ e aqueles que os ‘estigmatizados’ Eribon (2008, p.29), podendo ser pensada também a partir da violação desses corpos – indo das tentativas reiteradas de controle das expressões e práticas dos sujeitos, até atos de agressão

Os lugares “autorizados” para circulação das travestis e *drag queens* são rigidamente delimitados numa sociedade ‘heteronormativa’: esquinas interpretadas inevitavelmente como pontos de prostituição, bordéis, casas de show, boates LGBT, salões de beleza, programas de auditório, paradas gays, situações que acionam mecanismos risíveis ou estigmatizadores. Mas pensar a constituição subjetiva desses sujeitos a partir da marcação estigmatizante, permitia um outro nível de aproximação entre as narrativas, histórias que falavam em maior ou menor grau de necessidades de deslocamentos, quando da descoberta por parte da família. Na procura por um “lugar mais clemente”, que propiciasse a possibilidade de (re)construção de si, a partir de outros códigos corporais.

Sendo os deslocamentos mais diversos - não só no momento da descoberta por parte da família, como pretendo demonstrar a partir das narrativas abaixo – como que marcadores que operarão através da produção de sentidos atribuídos a esses corpos, (re)generizados a partir de signos do feminino.

Uma reconstrução de si que possibilitará processos de subjetivação diversos, representações sobre deslocamentos da cidade de origem para capitais, deslocamento das capitais para metrópoles (via de regra as alusões foram feitas no sentido de apontar São Paulo como o lugar ideal para travestis que se prostituem), e finalmente a tão sonhada saída do Brasil.

Fala 1:

Pesquisadora – Quando foi que você veio pra Natal?

Kelly- Já faz nove anos que eu tô aqui,.eu vim com uma amiga minha pra cá e aqui eu fiquei.

Pesquisadora – E por que ficar aqui?

Kelly- Porque aqui é capital e tem mais oportunidade de viver a vida na prostituição de que como a gente vivia lá. Você acha que eu tenho quantos anos? Eu tenho trinta e três, eu comecei a minha vida mesmo assim, sai de casa e me assumi com doze anos, doze anos eu já sai de casa, já comecei a vestir roupa de mulher, ai daí pra cá...

Pesquisadora – Onde você foi morar com doze anos?

Kelly – Morava nas casas, alugava um quarto, já batalhava e não dependia de ninguém...

Pesquisadora – Você saiu quando seus pais descobriram?

Kelly – Sai né mulher, foi barra, mais eu tenho certeza que minha mãe já sabia, ela sabia, ela me pegava olhando pra os amigos do meu irmão, sabe

quando você espicha aquele olho pidão em cima do bofe, então eu já era travesti desde pequena, rssss

Fala 2:

Pesquisadora- E Lorena tem notícias?

Rebeca – Lorena ta em Fortaleza, ela ta lá, ta bem ela, era já era pra ta na Itália, mas parece que a mona que disse que ia levar ela furou, mas é assim que tem que ser, porque ficar só aqui no Brasil não dá né? Mas o lance mesmo é ir para São Paulo e de lá sair, é como um passaporte pra bichas entendeu? Disseram que ela ta casada com um gringo, mulher, lá eles acham que a gente é mulher. Passa por eles, eles: boa tarde, boa noite senhorita, é, lá a gente não é travesti não, quanto mais feminina você for, quanto mais trucada, mais eles vão tratar você.

Pesquisadora - Então você vai viajar com essa tua amiga que voltou?

Ela prometeu né, to lá ajudando a bicha, ela ta toda calibrada, fez lipo, colocou mais peito, de prótese de verdade, depois que você volta de lá é assim.

Pesquisadora – de lá?

Rebeca – Sim mulher, ela tava na suíça, disse que quando voltar me leva, mas se não der né, eu junto dinheiro e vou pra São Paulo mesmo, mulher lá a gente ganha dinheiro mostrando o pé da gente feito, a mão...que os homens gostam, quando eles gostam, avalie aqui, a gente tem que acostumar eles a pagar, porque eles tem dinheiro, quem não tem dinheiro é a gente, de todo jeito eles tem que pagar, né vero?

A fuga para a cidade, será apontada por Eribon (2008, p.37) como elucidativa para evocar a experiência homossexual. Aludindo a Eve Kosofsky Sedgwick o autor irá sublinhar que “não se trata apenas de ir viver em “outro lugar”, mas de um verdadeiro corte na biografia dos indivíduos. não somente um percurso geográfico, ou meio de ter acesso a potenciais parceiros. É também a possibilidade de redefinir a própria subjetividade, de reinventar a identidade pessoal” (p.37)

Outro autor que em sua pesquisa com travestis irá apontar para esse desejo de outro lugar, apontado o “passaporte” como metáfora para a fluidez que caracterizaria esses sujeitos, é Hélio Silva:

“Mais do que a experiência cosmopolita, a Europa enseja o coroamento de uma experiência toda rendilhada por cruzamentos de fronteiras. Esses países trazem euros, língua estrangeira, requinte, *delicatesse*. Um adensamento num mergulho progressivo nas experiências de auto-emulação, de sensualidade e sensibilidade, em que todos os sentidos são espicaçados e todas as inversões convocadas para a produção de um ser que parece abrir mão da epiderme para se deliciar mais plenamente do contato com o mundo. Nesse sentido, o passaporte tem um alcance bem mais amplo. Talvez constitua o documento por excelência do travesti, trânsito e todos os condicionamentos naturais, inclusive o da naturalidade e o da nacionalidade”(2007, p.71/72)

Pensar essas nuances no que tange a construção de uma corporeidade desestabilizadora que fornecerá as bases para a constituição da subjetivação, que encontrará suporte na “construção de modos de vida gay”, como proposto por Foucault, remete a uma possibilidade de distanciar-se dessas zonas de assujeitamento, não no sentido de não mais frequentá-las, mais de não se deixar ser atingido por ela. Numa lógica de ampliação das margens de liberdade, atentando para o que Foucault irá determinar enquanto “jogo de resistência”.

Para tanto faz-se necessário compreender os espaços a partir do seu exterior constitutivo, noção proposta por Foucault (2001) enquanto heterotopias, que ao contrário das utopias - mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa - e enquanto fundados na noção de ordem extrema, são essencialmente irreais” (FOUCAULT, 2001, p. 414-415). Sendo a heterotopia apresentada como:

(...) lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais (...) todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. (FOUCAULT, 2001, p. 415)

Me interessa pensar os lugares de freqüência dos sujeitos – travestis e drag queens – a partir da noção foucaultiana de heterotopia, na medida em que o autor irá aludir a aspectos que penso ser pertinentes para pensar uma cartografia desses espaços. O primeiro princípio a ser apropriado na análise, é a déia da “heterotopia do desvio”, aquela na qual se localiza os indivíduos cujo comportamento poderia ser apontado como desviante, que se caracterizam por um distanciamento irremediável com relação às normas sociais, distanciamento que estaria expresso na não adequação aos limites da identidade sexual aceitável, aspecto que não poderá ser aplicado apenas para a compreensão das travestis, mas também das drag queens em função desse potencial de transitar por entre gênero e desejo.

. O que se percebe - seja na presença corrosiva das travestis nos pontos de prostituição, seja na presença das drags e na própria existência de espaços de socialidade homossexual – é a produção de fissuras na ordem da diferença sexual, considerando que a partir da diferença fundante, a existência legítima é outorgada

apenas a homens e mulheres. Dessa feita, sujeitos que rompem com o binário sexual, sendo identificado em função do corpo sexuado, e de práticas tidas como transgressoras, são fixados em lugares onde a hierarquia e desigualdade se constituem em regras. Assim, Mauro Cabral (2006) afirma ser perceptível mecanismos de “estigma e vulnerabilidade que cercam a experiência travesti, a violência familiar, social e institucional que sofrem os sujeitos que expressam formas não hegemônicas de masculinidade e feminilidade”

Outro aspecto apontado por Foucault e do qual me aproprio para pensar esses sujeitos, é a relação entre esses “espaços outros” e o tempo “no que ele tem de mais fútil, de mais passageiro, de mais precário(...).São heterotopias não mais eternizadas (2001, p.419). Sendo as festas apresentadas pelo autor como seu melhor exemplo.

Dessa forma me aproprio desse aspecto de efemeridade, dessa consciência de precariedade que permeia as relações – seja aquelas que se processam nos ambientes gays, mas não apenas nesses ambientes, seja as relações estabelecidas entre as travestis e os clientes - e aponto o hedonismo, a precariedade dos vínculos, a vivência plena dos instantes. Tudo isso fornece dados para interpretar esses lugares do desejo como o espaço privilegiado (e provisório) para onde se foge da solidão, própria da vida social moderna.

O que sugeria a necessidade de fabricação e continuidade no que tange a existência, de espaços outros, dissonantes, como que provisórios – pela sua funcionalidade noturna – no cerne de espaços legítimos da existência coletiva. Para que a existência desses “corpos que escapam” às normatizações fosse possível, um espaço não subsumido à autoridade, mas pensado em seu aspecto de resistência e liberdade – “heterotopias” – diante de um mundo de outra maneira repressor

Como afirma Gontijo (1998, p.06) seria possível localizar na vastidão social, uma espécie de “geografia dos desejos”: “certos lugares sexualizados por pessoas com práticas ou identidade homossexuais” circunscritos a uma territorialidade bastante precisa, onde a aparência dos corpos e os desejos que eles exprimem revestem-se de sentidos diferentes conforme o lugar ocupado no espaço. Vemos configurar-se uma densa rede de códigos/territorializados, linguagem, ocupação dos espaços, fluxos. Não apenas referentes ao espaço físico, mas ao próprio corpo pensado como território desejante na medida em que assim como a ocupação

territorial ofereceria significados diversos ao espaço e aos próprios sujeitos, o corpo se faz em função do olhar do outro, processual. Territorialidade passível de ser utilizada como categoria de análise para pensar ambos os grupos.

4.1 “SE ESSA RUA FOSSE MINHA”: DAS ESQUINAS E PONTOS DE BATALHA.

Importante se faz pensar como as configurações corporais e espaciais acionarão demandas diversas, na medida em que os espaços freqüentados por grande parte das travestis entrevistadas estava associado ao universo da prostituição, o que investia o grupo da aura de estigma apontada por inúmeros estudos na área, não incorri no equívoco de vitimizar esse grupo, diante das drag queens. A estigmatização e conseqüente hierarquização entre os grupos, não implicaria diretamente em exclusões mas em rearranjos.

O território da prostituição será pensado a partir da idéia de que ele não é só um local de prestação de serviços sexuais, sendo aqui compreendido como instituído pelo grupo das travestis, mas simultaneamente instituindo também o grupo, assim como o corpo, o sexo, o gênero e o desejo. Curioso observar que as espacialidades constituidoras das experiências das travestis, são importantes na construção de identidades, relacionada tanto a reprodução quanto a transgressão da heteronormatividade.

Assim, persegui os espaços componentes dos elementos de identificação resgatados nas memórias das travestis e que simultaneamente criam os laços de afetividade do grupo de pertença e a diferença em relação aos outros grupos, histórias que estetizam a capacidade que alguns seres diferentes e “estranhos” têm de despertar numa comunidade o que poderá ser lido através da idéia de abjeção como mencionado anteriormente...

Como que fisgadas pelo discurso hegemônico, na medida em que os corpos são pensados claramente como efeitos do poder, esses sujeitos se inscreviam territorial e subjetivamente, nas “zonas invisíveis e inabitáveis” da vida social, como abjetos. Sendo a noção de “abjetos” apresentada por Butler (2003) como aludindo a todos os corpos alheios ao discurso hegemônico, na medida em que permanecem excluídos do princípio de inteligibilidade e enquanto tal da legitimidade da existência

normativa. Negando assim sua existência ontológica, porque a ontologia estaria fundada no e pelo discurso hegemônico. Assim, esses corpos existem como excluídos e se definem pela sua exclusão. Materializados os corpos, disciplinavam-se as condutas

Os espaços onde pude observar as travestis me sugeriam a percepção de uma urbanidade perversa, caótica, conformada por acordos tácitos, não verbalizados, entre travestis e clientes, travestis e prostitutas, travestis e os sujeitos que dividiam a noite com elas...Tornava-se perceptível que a rua surgia como microcosmo de um universo muito mais amplo, onde elas apreendem, refletem, selecionam, rejeitam ou ressignificam valores, hábitos e modelos, quer sejam seus, quer sejam do meio. Na verdade, quando me refiro a rua, penso na noção dada por Benedetti (2005), como tudo que constitui esse universo polimorfo, a rua será pensada como espaço de confluência, dimensão...becos, viadutos, praças, parques, boates, bares, praias;

Há uma ampliação da idéia de urbano no intuito de aprofundar a análise da vida dos sujeitos pesquisados, o que revelava a procura de sentidos para uma existência interna, que se colava a eventos externos — com sua diversidade, suas contradições, sua rapidez, sua violência, sua miséria e sua melancolia. De seres que viviam e sofriam por causa de uma certa impossibilidade de equilibrar aspectos subjetivos de sua existência à ordem do mundo, materializando vivências/experiências que fogem ao modelo heterocentrado, colocando em destaque, no entanto, o efeito trágico e, por vezes, caótico que o indivíduo pode provocar à sua volta, uma vez que sua diferença não é aceita pelo meio, o que o permite sobreviver numa posição marginal, à deriva.

Em “A criação e anulação dos estranhos” Bauman (1998, p.37), ressalta a principal ameaça trazida pelas pessoas consideradas *outsiders*: “sua tendência a obscurecer e eclipsar as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas”. Assim, no processo de estabelecimento de “fronteiras e de mapas cognitivos, estéticos e morais”, cada sociedade cria seus próprios estranhos, “mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável.” (1998, p.27).

Os espaços percorridos para a construção da etnografia sobre travestis e drags queens, revelava claramente aspectos de exclusão e abjeção como marcas que

penetram no tecido social e são grafadas na superfície corporal daqueles sujeitos, assim, permeados por uma gramática comum de constituição dos corpos; os espaços são (res)significados pelos corpos que os habitam, da mesma forma que os corpos ganham significados distintos em função dos espaços que ocupam, sendo a participação nessa “mesma sexualidade estigmatizada, assim como a marginalização e a exclusão que ela implica está no fundamento da constituição de um mundo específico, inscrito tanto na topografia das cidades quanto na personalidade dos indivíduos.”(ERIBON, 2008, p.39)

Outro autor que utilizo para pensar a discussão acerca da corporeidade a partir do território vivido é Perlongher(1987, p.152), na medida em que esse autor elabora a noção de "territorialidade", que será pensada em termos de um "código-território", onde irá imperar uma lógica peculiar de distribuição dos corpos e desejos em movimento, estipulando a fixação a um gênero, uma postura, uma aparência, uma gestualidade, uma discursividade, uma corporalidade – fundada na materialidade que lhe constitui, grafada naqueles corpos -, que operam como indícios de um desempenho sexual esperado ou proclamado segundo os critérios de seleção e valorização dos sujeitos no universo analisado pelo autor. Na compreensão das relações entre michês e clientes, Perlongher recorreu ainda às noções de "desterritorialização" e "reterritorialização", as quais correspondem, respectivamente, a afastamentos em relação às sociabilidades moralmente reconhecidas, e a aproximações aos códigos desse universo paralelo, duplamente estigmatizado, o, da homossexualidade e da prostituição. Territorialidades envolvem, portanto, mais do que representações ou projetos: dizem respeito às mobilizações e deslocamentos espaciais e categoriais, bem como à materialidade de corpos e partes de corpos ressaltados e valorizados, incluindo os próprios lugares que esses corpos percorrem.

4.2 DE OUTROS CORPOS, DE VOZES DISSONANTES:

A ocupação da Avenida Engenheiro Roberto Freire ao longo do dia adquire outras configurações no que tange a funcionalidade, mesmo com a oferta de serviços sexuais pelas garotas de programa. Entretanto a noção de perigo acionada

no imaginário social estaria remetida a esses territórios quando ocupados pelas travestis ao longo da noite, com suas divisões e subdivisões internas.

Desci do ônibus que me conduziria ao encontro com as meninas por volta das 21:30, o que me forneceria um tempo relativo para conversar com os transeuntes, e trabalhadores da noite, que dividem o espaço observado com as travestis. Caminhava aleatoriamente, me deparando inicialmente com as moças que além de prestarem serviços sexuais, ocupando a “primeira” esquina da avenida, faziam as vezes de “avião” para os sujeitos que comercializavam drogas naquela região, todos os espaços demarcados, como pude constatar ao longo da pesquisa, e como nos foi narrado pelas meninas. Diante de uma das galerias que abrigam lojas dois senhores sentados conversavam, me apresentei e passei a travar uma conversa que parecia sem finalidade alguma, recolhendo impressões que constatei *a posteriori* serem compartilhadas por outros sujeitos que frequentam ou trabalham nesse espaço específico. Alguns fragmentos contidos nas falas são especialmente elucidativos:

“o domínio dos viados é da farmácia pague menos para lá, mas eles sobem aqui para comprar drogas, num tem nenhum viado que não seja viciado em droga (...) se aqui não existisse tráfico não existia essa prostituição perigosa de viado, porque vocês vejam as meninas não roubam os clientes (...) e pra completar agora, chegou quatro veados paraibanos perigosos. Mas eu não tenho nada contra eles não, a meia noite eles incomodam roubando, mas é assim, ele roubam mais os caras que saem com eles. Então, aqui acolá matam um, mataram Bombom, Gorda e Rachel, o que eu acho até bem feito, porque eles procuram pra cabeça. Então a gente acha, né? que vocês tem que fazer um trabalho de limpeza, não é só estudar pra se formar e acabou”⁸¹

As falas colhidas em campo, as várias versões acerca desses sujeitos que compartilham espaços com outros trabalhadores notívagos, resvalavam inevitavelmente para um manto de negatividade e afronta a uma ordem social, anunciada pela presença das travestis na Avenida observada, o que apontava para uma espécie de *sociodinâmica da estigmatização*, como apresentada por Goffman (1988) que implica na tomada do grupo em questão a partir da lógica da estigmatização generalizante, sem que se leve em conta as qualidades individuais, mas a pertença ao grupo revestido do rótulo de uma espécie de *inferioridade humana*. Desconforto que emergia nas falas, em função da ruptura de convenções,

⁸¹ Fragmento retirado do diário de campo. 2007.

assentadas na necessidade de apagamento dessa presença exasperante. O que é claramente apontado em se tratando da análise dos espaços/territórios ocupados pelas travestis, estruturando uma rede de convivialidade por vezes tensa, num circuito de relações que liga travestis, transeuntes, comerciantes, trabalhadores da noite, policiais, demonstrando que “Na rua os sujeitos se inscrevem socialmente. Na rua o amor, a dor, o horror, a solidariedade, a violência, a vida e a morte deixam de ser entidades imaginárias e se concretizam” (Florentino, 1997, p. 41).

As vozes mais dissonantes se faziam ouvir: travestis, transeuntes, frentistas, donos, atendentes e freqüentadores dos postos de gasolinas, dispostos ao longo da referida avenida, escolhida pela peculiaridade afirmada/colada no imaginário social, a saber: a imensa oferta de serviços sexuais. Curioso observar que mesmo sujeitos que faziam parte do universo homossexual, não apenas no que tange as preferências sexuais mas enquanto realizando manifestações de “transvestismo”. Compartilhavam do que propus entender inicialmente a partir da noção de preconceito intra-grupo, o que fez aparecer na análise a violência não enquanto tema privilegiado de análise, mas enquanto parte e parcela do universo pesquisado. Passo a transcrever uma fala elucidativa dessa espécie de discriminação mencionada:

Entrevistado - travesti é um caminho muito mais corajoso do que esse da gente, porque esse da gente, você tira tudo, bota um calçãozinho você é uma pessoa normal...travesti é uma opção que você ou faz por burrice, ou por muita personalidade...travesti é os extremos, ou você é muito corajosa, ou é muito burra, porque a maioria das travestis que eu conheço que foi por burrice, foram pessoas que não tiveram acesso familiar, que tiveram uma história de vida difícil. Então pra elas restou o quê? Ser travesti, porque ser gay, assim gayzinha que não quer nada com a vida, só resta ser cabelereira, empregada doméstica ou travesti, é muito vinculado, é muito restrito o mundo pra quem quer ser bicha vinte e quatro horas, e tem aquelas que são por opção, eu tenho amigas travestis inteligentíssimas, são pessoas que estudaram, mas são exceções(...)pelo menos eu, não to dizendo assim uma regra geral, mas muitas travestis que eu conheço, a maioria se arrepende de ter virado, e são poucas as que dizem assim, ai tô feliz, valeu a pena...

Anne – Você estabelece essa diferença a partir do fato de que elas se prostituem?

Entrevistado – Também, como eu falei, não tem muita opção, mas sabe o que é Anne, é também, eu acho que é também por falta de cultura, não tiveram um grau de escolaridade beemmm...que o que sabe foi pela outra que contou, ai a outra fala uma burrice e diz: aí eu sou transexual por que tenho a alma feminina, ai a outra ouve e diz, ai eu também sou, porque eu tenho a alma feminina também(...) se você assistir entrevista de travesti elas já tem um texto feito né? Diz assim: ah não é porque as mariconas vem pegar a gente e, e nós é ativa, e depois que dá não que pagar pra gente,

então a gente vai lá e quebra o carro todo, porque elas são tudo umas mariconas, é tudo já umas frases feitas, porque? Porque elas vem se perpetuando, elas vem dizendo o que as outras antes delas disseram, é lógico que no meio do caminho você tem uma ou duas que tem embasamento, que fala realmente o que é verdade, o que você até se surpreende né? Por exemplo, você vê uma entrevista de Maitê Scheneider lá de Curitiba, você fica encantado com a inteligência, você vê uma entrevista da outra lá, da Pâmela Anderson, você fica encantado como ela escreve bem, escreve uma coluna pro jornal abalo, que você fica: num acredito que isso é um travesti...Você vê a Nani falando, você num quer nem falar, você se encanta e vai dizer não acredito, e vai ficar só ouvindo, de tão embasado que é, que é uma pessoa que fala uma coisa e você acredita, e você diz, tenho certeza que o que essa pessoa tá dizendo é verdade, porque ta vendo que, que tem embasamento(...) ⁸²

A maneira de construir um espaço identitário legítimo, a partir dessa corporeidade territorializada da drag Queen (que não poderia prescindir dos espaços de sociabilidade homossexual para existir) se expressa na fala acima através da busca pela construção de uma espécie de coesão identitária para as drags, diferenciando-as das travestis. Numa identificação que como aponta Berenice Bento (p.211, 2006) “reforça as margens reproduzindo os insultos como marca de diferenciação uma série de efeitos vinculados as normas de gênero”

É importante aludir ao fato de que, as definições acerca da violência irão variar imensamente, bem como o grau de exposição a atos violentos, que irá separar de maneira nítida os diferentes segmentos agrupados na categoria de “homossexuais”. Entretanto como apontado por Carrara & Vianna (2001, p. 02) ⁸³ apontam para o fato de que “a violência que atinge travestis, sobretudo os que participam dos circuitos de prostituição, é bastante diferente da que tende a vitimar outros homossexuais, particularmente os que não exibem publicamente os sinais de sua *diferença*”.

Mesmo cientes que esses espaços do desejo e da errância, enquanto espaços voltados para a oferta de serviços sexuais em troca de retribuição econômica, se espalhavam por toda a cidade, e eram povoados pelos mais diversos tipos humanos, desde as prostitutas – que ocupavam a avenida em questão, ao

⁸² Optei por omitir o nome do rapaz que faz drag entrevistado acima com vistas a evitar a vinculação direta da fala a uma postura discriminatória. Entrevista realizada em 2006.

⁸³ Os dados levantados e analisados pelos autores são de assassinatos ocorridos no Rio de Janeiro entre as décadas de 70 e 90. Partes dos resultados da pesquisa apontam para questões que considere vários marcadores sociais, dentre eles: que as vítimas tinham idade inferior a 35 anos, 40% eram negros e pardos. Os assassinatos aconteceram em sua maioria na rua e por arma de fogo, características que sugerem crimes de execução. Ressalta que as vítimas apresentavam, na ocasião do crime, transvestidos.

longo do dia - até travestis, michês, “gayzinhos” “homens que se vestem de mulher”, (Tanto a categoria mencionada de gayzinho, quanto a de “homens que se vestem de mulher” apareceram nas entrevistas com as travestis com certa recorrência, sempre elididas com uma carga de negatividade que nos chamou atenção, em ambos os casos os termos eram utilizados de forma pouco elogiosa, demarcando um espaço de legitimidade para as travestis, em detrimento dos sujeitos citados)

O número de travestis ao longo da referida avenida é bastante fluido, variando em função da espacialidade, da temporalidade, da escolha pelos dias de trabalho, dos tipos estéticos que encontramos nos percursos etnográficos. Ao nos referirmos a espacialidade pensamos sobremaneira na distribuição de grupos de travestis nas esquinas, geralmente acompanhadas de outras travestis, o que segundo elas evitaria, mesmo que precariamente, as reiteradas atitudes de violência contra as mesmas, expressas de diversas maneiras. Refletida nas agressões verbais ou físicas empreendidas pelos transeuntes, ou na ostensiva presença da polícia, seja em posição fixa, ou circulando nas viaturas policiais, seja nas frequentes revistas as travestis, mesmo cientes de que o comércio de entorpecentes estaria bem territorializado, seja na extorsão aos clientes das mesmas e a humilhação que se segue, ou ainda na obtenção de serviços gratuitos, sendo todas as afirmações acima descritas presenciadas em campo ou relatadas pelas travestis nas inúmeras entrevistas. Passamos a descrever abaixo uma cena registrada no diário de campo, quando das últimas idas que empreendemos:

Noite alta, saíamos do Sea Way por volta das 23:30, quando nos deparamos com uma cena que observamos inicialmente impotentes. A afronta instituída pelo braço armado da polícia local revestia à noite, acossando aqueles que não se adequam. Diálogos cortados, dedos em riste. Nos aproximamos da cena, duas viaturas estacionadas na esquina da concessionária, cinco travestis deitadas de bruços na calçada, todos os pertences jogados no chão, um dos policiais revista as mesmas, uma outra policial aponta a arma em riste para as meninas. Me dirijo a policial que segura a arma e pergunto o porque daquela atitude, ela afirma ironicamente que é de praxe, e manda que nos retiremos, me apresento a mesma dizendo que realizava uma pesquisa com travestis para a pós-graduação da UFRN, em segundos a revista é encerrada, ajudamos as meninas a juntar os pertences(...)⁸⁴

⁸⁴ Fragmento retirado do diário de campo, 2008.

Haveria como afirma Silva, uma espécie de “potencialidade corrosiva” na simples presença das travestis nas esquinas o que conformaria as reiteradas atitudes de violência contra as mesmas, narradas nas entrevistas, observadas nas interações, citadas num sem fim de obras, apontam para questões que no espaço investigado tornam-se recorrentes. Explicitando em larga medida a alocação social das travestis numa espécie de processo de generização ininteligível, na medida em que a incongruência explicitada no/pelo corpo, e sobretudo no desejo, fere duplamente a busca pelo “verdadeiro sexo” explicitado num corpo generizado, como parte e parcela do “binarismo fundador do pensamento ocidental”.

Assim, as representações sobre travestis presentes no imaginário social, conformam uma complexa teia de significantes estéticos, eróticos, políticos e lingüísticos, reificando a noção de que as agressões, e toda uma variedade de “tumultos” seriam provocados pela simples presença de travestis em determinados locais, o que afrontaria sobremaneira o social circundante, na medida em que a exposição dos corpos e a alusão a consecução dos desejos retiraria a tranquilidade dos moradores. Tornando a ambigüidade explicitada e corporificada como perigo materializado e enquanto tal, capaz de causar desordens diversas, acionando as representações mais gerais de desordem que estariam presentes nas situações envolvendo travestis, tais como: pequenos furtos a clientes potenciais ou legítimos, além de furtos a postos de gasolinas e lojas distribuídas ao longo da Avenida, ou distribuição e uso de drogas. Sendo todas essas situações narradas como peculiares ao universo em questão e acionadas como legitimadoras dos discursos mais diversos acerca da necessidade de assepsia social.

Frente a tais ambigüidades, as ações de violência contra as travestis são percebidas e aventadas apenas como reação, como tentativa de colocar em ordem ou defender direitos legítimos dos sujeitos legítimos. Como afirma Sergio Carrara (2006):

(...) as travestis parecem ser particularmente vulneráveis aos crimes de execução. Isso se deve tanto ao envolvimento com a atividade de prostituição, que as coloca numa posição de maior exposição pública, quanto ao modo pelo qual a homofobia as atinge. Assim, há casos em que a identidade de gênero suposta da vítima, o fato de “ser travesti”, parece ser o fator determinante da execução - que assume as feições de um crime de ódio.”

O que objetivei referendar ao apontar essas atitudes de agressão, que deslizam das pequenas aquiescências por parte da sociedade mais ampla, aos inúmeros casos de mortes registrados ao longo dos anos em que realizamos a pesquisa, não é uma leitura ingênua que redundaria em (re)vitimização do grupo pesquisado, mas a constatação de que a desestabilização provocada pela materialização de um gênero ininteligível, torna a associação entre as travestis e um conjunto de estigmas eminentemente negativos, lugar comum. Como afirma Benedetti, a violência é naturalizada no universo travesti, estas sofrem diariamente com a violência física e/ou simbólica, ações constitutivas de um cotidiano de discriminação e estigmatização. A cotidianidade do fato a transforma numa linguagem possível que, ainda que reprovada, é legitimada e banalizada no mundo *trans*. (BENEDETTI, 2005).

Curioso observar que a banalização dessas formas de violência episódicas ou sistemáticas pareciam não atingir as travestis, como afirmava Rebeca, sorrindo sem jeito diante da minha irritação com as provocações dirigidas a ela no ônibus que nos levava a Avenida engenheiro Roberto Freire, “mona, se você não se acostumar com isso vai brigar com todo mundo”. Como afirma Hélio Silva:

“Um duplo trabalho constrói a identidade social do travesti. O dele próprio em busca permanente da beleza, dos mais bonitos vestidos, da maquiagem mais adequada, em um intenso ritmo exibicionista. O da sociedade, que a cada traço da maquiagem, a cada movimento da saia, a cada gesto, a cada palavra em falsete, reage com precisos risinhos ou chacotas que convulsionam a todos em estrepitosas gargalhadas. O riso, a piada, a ironia envolvem o travesti quase em termos sensoriais, misturados aos vestidos, as calcinhas, ao rímel, num trabalho penetrante e dissolvente. O travesti sente na pele o brilho da purpurina e a acidez da humilhação. Talvez essa acidez já esteja de tal forma misturada a purpurina que se torna impossível a quem não viveu a experiência imaginar a consciência de si mesmo que tal experiência propicia.” (2007, p.64)

A existência desse jogo explícito de recusa frente as travestis nos fala de um traço comum do discurso homófobo, como afirma Eribon:

(...)na condenação da “inversão” interior, isto é, da “não conformidade” aos papéis convencionalmente definidos, que se construíram nas sociedades ocidentais, a hostilidade contra a homossexualidade e as fantasias mais violentamente homófobas. Ao ódio tão constante e tão brutal à afeminação, real ou suposta, para os homens, com certeza, correspondente a hostilidade manifestada contra as “mulheres masculinas demais”, como atestam as reações contra as *garçonnes* nos anos vinte e trinta. (2008, p.112)

Recusa esta que observamos intra-grupo, na medida em que muitos gays e lésbicas rejeitam a “feminilidade” e a “afeminação”, dela procurando dissociar-se unicamente porque outros gays, ao contrário, continuam a assumir esse papel. O que corrobora para a hipótese de que a não identificação das travestis num gênero “possível” (homem x mulher) impossibilita a localização deste grupo numa ordem simbólica socialmente reconhecida. Nesse contexto, a imprecisão da “verdadeira” identidade de gênero ocultada, sugere a instabilidade das identidades legitimadas. Daí decorre a dificuldade do grupo em assegurar sua defesa: a ambigüidade no gênero aparece relacionada a fatores que acentuam sua fragilidade: homossexualidade-prostituição-pobreza.

Sendo a “corporeidade territorializada” que adensaria o estigma, penso particularmente nas atitudes de discriminação que muitas vezes reverberavam para a violência extrema empreendida contra travestis que “fazem pista” e que em larga medida não eram mensuradas se pensarmos as moças que oferecem serviços sexuais no mesmo espaço. O que aponta para a idéia de Pierre Bourdieu, de que não há sujeito social que não esteja caracterizado pelo lugar em que está situado de maneira mais ou menos permanente, essa localização torna-se particularmente inquietante quando operado o deslocamento do gênero no cenário social, o que coloca as travestis e *drag queens* em cena, na medida em que os investimentos sobre seus corpos(em definitivo no caso das primeiras, provisórios no caso das segundas) através de roupas, cabelos, adornos, perfumes, cosméticos e hormônios, é o que confere o caráter performático do gênero, na medida em que a utilização de artifícios e tecnologias, provoca a instabilidade identitária dificultando uma certa aceitação social.

4.3 DAS BOATES: A FUGACIDADE DOS INSTANTES VÍVIDOS

As boates (escolhidas para observação e etnografia das drag queens) surgiram para mim, como passíveis de serem analisadas a partir da noção de heterotopia foucaultiana, em função dos princípios de efemeridade, e de transgressão no que tange a noite em seus aspectos de precariedade, na medida

em que se constituíam em microcomunidades dionisiaco-hedonistas, assentadas na superação do princípio de individuação, num estar junto que resguardaria os corpos e desejos. Assentada que estaria na idéia de efetivação dos encontros como apresentada por Eribon:

“Pois hoje, como ontem, o círculo de amigos está no centro das vidas gays e o percurso psicológico (e, com freqüência, geográfico) do homossexual marca uma evolução da solidão para a socialização em e pelos lugares de encontro (sejam os bares ou os parques) Assim, o modo de vida homossexual está fundado nos círculos concêntricos das amizades, ou na tentativa sempre recomeçada de criar tais redes e de estabelecer tais amizades”(2008, p.39)

A existência desses espaços, os movimentos de nomadização que de certa forma, pela movência que os caracterizaria, poderiam ser pensado como se opondo a própria noção de identidade, na medida em que os termos (identidades/nômades) parecem abrigar uma contradição corporificada, que tangenciava à desconstrução da evidência heteronormativa (corpos – homens – masculinizados – desejando – corpos – mulheres feminilizados) abrindo as possibilidades à experiência material de um sujeito em transformação contínua. Seria, como afirma Swain (2002, p.339), a dissolução da “imagem de corpo atrelada à uma sexualidade normativa, a um desejo amordaçado” deslocando assim, “a pulsão de vida em direções múltiplas”, maneiras de acionar processos de experimentação, numa troca constante de lugares e posições, e arriscaria afirmar no caso aqui observado uma fluidez inclusive no que tange a construção desses corpos, também passíveis de serem pensados a partir da lógica da experimentação, que poderá ser continuamente afirmada nos encontros processados em espaços de sociabilidade homossexual, como as boates analisadas.

Como afirma ainda Eribon, apontando esses percursos geográficos empreendidos pelos sujeitos que compartilham, do que poderia ser lido aqui como “modo de vida gay”, fundado numa estética própria., podem ser fundantes na construção da “subjetivação”, e na “criação de novos modos de vida” são apenas expressões sinônimas para designar o exercício concreto dessa liberdade que permite que os indivíduos e os grupos passem da sujeição à subjetivação e que moldem suas existências específicas ao cultivarem suas diferenças” (2008, p.412)

A boate gay, as músicas, os risos, as bebidas, as piadas, a aglomeração ao longo da pista de dança, onde ocorre as apresentações das drag queens, até os espaços distribuídos ao longo da boate, o dark room⁸⁵, o bar, o espaço voltado para música ao vivo, a indumentária a caracterizar/adensar práticas e identificações, as conversas e tudo que compõe as reuniões processadas nesses espaços - são elementos centrais na cultura gay. Pensados enquanto impulsionadores dessa procura pelos espaços de frequência homossexual, que não estava fundado na organização, mas na fruição, no dispêndio.

Assim joga-se com um corpo plenamente improdutivo e dedicado ao prazer enquanto um fim em si mesmo. Vive-se, nos espaços, o mundo através do corpo. Optei ainda por privilegiar em nossa análise o lado lúdico dos encontros que se processam nesses espaços. Não descartei com isso o conflito que é parte de toda relação social, percebi nos espaços a convivência de elementos contínuos ou não, heterogêneos e homogêneos, entretanto, a partir dos elementos elencados com vistas a pensar os espaços observados, privilegiei uma mirada voltada mais para o que une os frequentadores do que o que irá separá-los.

A dimensão lúdica das apresentações encenadas semanalmente nas boates, nada tem a ver com finalidade, produtividade e utilidade. O sentido da dimensão lúdica reside na possibilidade de *estar junto*, na vivência plena dos espaços. Ocorre um movimento de recolhimento no grupo e consequentemente uma interação que será favorecida pela frequência aos espaços e pelas redes conviviais que se formam a partir deles. O que sugere a existência de uma ética⁸⁶ específica que irá permear os espaços no lugar de uma moral universal e imutável, uma forma de “estar com outros homossexuais que permite ver a si mesmo neles. Permite partilhar e interpretar a própria experiência” (Henning Bech apud Eribon, 2008, p.38), sendo os pubs, bares, boates, importantes espaços na vida desses sujeitos, na medida em que “só nesse quadro é possível desenvolver uma identidade mais concreta e mais positiva como homossexual”, entendendo a importância decisiva desses lugares como propiciadores dos encontros.

⁸⁵ Termo utilizado para referir-se a salas escuras presentes nas boates homossexuais e destinadas a trocas sexuais(pegação).

⁸⁶ A ética será pensada a partir das idéias de Michel Foucault, ou seja, como um modo de relacionamento consigo mesmo.

O que apresenta o papel da socialidade, como elemento estruturante dos espaços, uma espécie de código tácito não verbalizado, um código de honra, que não se deve romper, sob pena de ser excluído do grupo de excluídos⁸⁷. As relações que aí se desenrolam são pensadas como metáforas da socialidade, sendo suas características apresentadas por Michel Maffesoli:

A pessoa representa papéis(...)no seio das diversas tribos que participa. Mudando seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos(sexuais, culturais, religiosos) assumir o seu lugar a cada dia, nas diversas peças do theatrum mundi. (2000, p.108)

A socialidade coloca em ação uma carga performática que é parte das relações sociais. Estabelece-se um mútuo acordo, enquanto exemplo da astúcia presente no jogo dionisíaco. Nessa possibilidade de viver vários papéis vemos uma outra faceta do ser social em ação. Fundamental referendar que o fato de apontar esses espaços como capazes de promover fissuras na lógica social vigente, na medida em que funcionam como verdadeiros territórios existenciais de resistência ao controle social, pela liberdade experimentada em seu interior, possibilitando com isso a criação de dispositivos capazes de driblar os estados de dominação que regulam a vida social em geral e a vivência da sexualidade em particular, não os eximem de perpetuar a exclusão, ao restringirem essa mesma vivência da sexualidade a espaços que denominei, alcovas públicas.

⁸⁷ Trataremos dos efeitos perversos que a exclusão, das travestis entrevistadas, assume na leitura dos espaços de fruição gay....

PARA NÃO CONCLUIR:

Procurei ao longo do trabalho traçar uma cartografia de corpos. Contudo, não me detive nos corpos domesticados – corpo-homem, corpo-mulher – não busquei aproximações com esses “corpos que importam”. Na vastidão social elegi para análise corpos fluidos, que se inscrevem na contramão das formas “ideais”, no que tange a heteronormatividade, com vistas a fazê-los expressar-se, dizer-se, revelando-se em toda a sua potência e precariedade.

As travestis e *Drag queens* aqui apresentadas – consideradas as similaridades e singularidades entre os grupos – apontavam inúmeras potencialidades do “ser mulher” em corpos biologicamente marcados com os signos anatômicos do masculino. O que se processa nessa feitura corporal cotidianamente empreendida é a materialização do corpo desejado. Percebida aqui a partir do referencial teórico como performativa, se inscreve em todo o seu potencial subversivo. Aciona-se assim uma percepção identitária construída em materialidade à revelia das inscrições biológicas, e fundada numa perspectiva que falava da especificidade do vivido, do experienciar cotidiano do corpo desejado/produzido. Essa constatações acerca de potencialidades subversivas que deslocavam a “matriz de inteligibilidade” de gênero e sexual, sugeriam inúmeras questões que foram surgindo como formas de não concluir. Que mecanismos sociais, enquanto parte desse processo de construir-se generizadamente, são acionados pelos sujeitos pesquisados para que eles se reconheçam enquanto travestis e drag queens?

A materialização do gênero assumido propiciará uma visibilização incômoda, quando pensada a partir da desarticulação entre sexo/corpo/gênero, efetivando-se em função do processo de construção essa corporeidade desestabilizadora e dos significados a ela atrelados. Sendo dessa feitura pessoal dissonante, que desencadeará o descolamento do corpo/generizado como extensão do biológico. O que observei foi uma clara desarticulação entre corpo/biologizado, gênero assumido. Nesse sentido como pensar as intervenções? Quais as implicações no que tange a construção subjetivas desses sujeitos? A visibilização

mencionada, a exposição desses corpos no mundo social, poderia aponta-los como legitimando ou contestando a ordem existente?

Assim perspectivas teórico/epistemológicas apresentam-se enquanto alternativas para pensar os sujeitos pesquisados, na medida em que a pergunta que me obsediou ao longo de todo o trabalho: como pensar os sujeitos pesquisados a partir da categoria de gênero? Se erigia enquanto um paradoxo, se esfacelando a cada nova inserção em campo, sobretudo de consideradas as versões que a noção de gênero, tem alcançado, estruturando-se quase que em uma experiência dóxica. Numa digressão breve, tendo em vista que tentei traçar os deslizamentos alcançados pelo referido conceito no capítulo três, temos o mesmo pensado como atrelado a diferença sexual que produziria e fixaria binarismos os mais diversos, um outro momento desse percurso é aquele que numa alusão insistente ao caráter de construção social do gênero, acaba por não historicizar aspectos como sexo e natureza, ficando intactas idéias relacionadas com identidades essenciais(homens e mulheres).

Dessa forma como pensar os sujeitos? Acredito que perspectivas embasadas em larga medida na teoria *queer* tem fornecido categorias críticas para análises que venham a incorporar uma multiplicidade de sujeitos que compartilham concepções contingentes e não compulsórias de corpos, identidades, gênero e desejos, no caso aqui analisado as travestis e *drag queens*.

Um conceito que considero a partir dessa operacionalidade crítica é o de transgeneridade, como apresentado por Mauro Cabral (2006, p.16) na medida em que tal conceito segundo o autor constitui-se em um espaço heterogêneo “atravessado por uma multiplicidade de sujeitos em dispersão, sujeitos que não se enquadram no binário generizado. Essa linha de pensamento apresentada estaria assentada na perspectiva de Beatriz Preciado (2005, p.17), numa visão em que a diferença sexual não se apresenta como central, o que se torna relevante é analisar a multiplicidade de sujeitos em dispersão, uma multiplicidade de corpos (trangêneros, ciborgs, homens sem pênis, *femmes butchs*, lesbianas, drag kings). Multiplicidade que segundo a autora não se basearia em uma identidade natural, e nem em uma definição fundada nas práticas sexuais (heterossexuais/homossexuais).

Não pretendo incorrer no equívoco de apontar a utilização desses operadores analíticos, como forma de não reconhecimento de toda uma gramática de gênero - e enquanto tal organizadora de práticas sexuais diversas, como tentei demonstrar a partir dos fragmentos etnográficos narrados - presente no imaginário social, que será apropriada por esses sujeitos, a partir de noções como feminilidade/masculinidade, atividade/passividade, dominante/dominado, e atrelados a ideologia da virilidade.

O que gostaria de sugerir como forma de compartilhar inquietações que não se dissipam, é que os corpos das travestis e *drag queens*, fabricados deliberadamente - não no sentido de ser mulher – hiperbolizam traços convencionados como femininos, subvertendo o sujeitos que “copia” e colocando em suspenso a lógica da autenticidade que estaria legitimada em função da articulação que se fez lógica entre corpo-sexo-gênero-desejo.

Questões adensadas como forma de não concluir, com vistas a prosseguir, me perguntava se a percepção da minha incapacidade de atingir aquilo que me ultrapassava se constituía em empecilho?

Considerava incessantemente, que antes desse pensar sobre a corporeidade, o que se apresentava no cerne de toda essa experiência vivida, narrada era a relação que eu estabeleci com esses “outros”. Dessa forma como nomear, como descrever essa vivência de outrem tal como a via do meu lugar? Como descrever isso que me escapando, me falava da precariedade do humano?

Toda a retomada de atenção sobre os sujeitos, na tentativa de construir o texto, me convencia de que esse outro com quem compartilhei histórias, vivências, é todo contingência: suas cores, desejos, segredos, dores, tão imensamente seus, como poderia ser concebido por mim senão a partir das cores, segredos, desejos e dores que vivencio. Foi nesse momento que entendi que meu mundo deixou de ser apenas meu.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Miguel do V. Teoria Queer e a contestação da categoria gênero. In "Indisciplinar a Teoria. Estudos Gay, Lésbicos e Queer", org. António Fernando Cascais, s.l.: Fenda, pp 91-98

BADINTER, Elisabeth. XY: sobre a identidade masculina. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Global Universitária, 1987. p.159-189.

BATAILLE, George. O erotismo. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BENEDETTI Marcos Toda feita: o corpo e o gênero das travestis [Livro]. - Rio de Janeiro : Garamond, 2005.

BENTO Berenice A reinvenção do corpo : sexualidade e gênero na experiência transexual [Livro]. - Rio de Janeiro : Garamond, 2006.

BESSA Karla A. M. Posições de sujeito, atuações de gênero [Periódico] // Revista de Estudos Feministas. - [s.l.] : IFCS/UFRJ, 1998. - 01 : Vol. 06.

BIRMAN Patrícia Fazer estilos criando gêneros : estudo sobre a construção religiosa da possessão e da diferença de gêneros em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro [Livro]. - Rio de Janeiro : Relume Dumará : EdUERJ, 1995.

BRUCKNER Pascal A euforia perpétua Rio de Janeiro : Difel, 2002.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade Petrópolis,Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999

BUTLER Judith Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade Rio de Janeiro : civilização brasileira, 2003.

_____. Cuerpos que importan- sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires, Barcelona, México. Paidós, 2003,

_____. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. (ed.) Sexualidades transgresoras: una antología de estudios queer. Barcelona: Icaria, 2002.

_____. Variações sobre Sexo e Gênero – Beauvoir, Wittig e Foucault. In: BENHABIB, Seyla & CORNELL, Drucilla. Feminismo como Crítica da Modernidade Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 1987, p.139.

CABRAL, Mauro. “La paradoja transgénero”. En: *Ciudadanía Sexual.org. Boletín Electrónico del Proyecto Sexualidades, Salud y Derechos Humanos en América Latina. N°18, Año 2, 2006.*

CATONNÉ, Jean-Phillipe. A sexualidade, ontem e hoje. São Paulo, Cortez, 2001.

CASTORIADIS, Cornelius. O mundo fragmentado. As encruzilhadas do Labirinto 2. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

CARRARA, Sérgio; SIMOES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. Cad. Pagu, Campinas, n. 28, June 2007. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06, abril de 2007. doi: 10.1590/S0104-83332007000100005.

DELEUZE Gilles Lógica do sentido. - São Paulo : Perspectiva, 1982.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, Adriana (orgs.) Sexualidade e Saberes: Convenções e fronteiras. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

ELIAS, Nobert. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.

ERIBON, Didier. Reflexões sobre a questão gay. 2008

FEMENIAS, Maria Luisa. Judith Butler: Introduccion a su lectura, Buenos Aires, Editora Catálogos, 2003

FLORENTINO, Cristina de Oliveira. “Bicha tu tens na barriga, eu sou mulher...”: etnografia sobre travestis em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social/PPGAS/UFSC. Florianópolis: 1998]

FOUCAULT Michel História da sexualidade - Rio de Janeiro : Graal, 1989. - Vols. 01 - A vontade de saber.

_____ História da Sexualidade - Rio de Janeiro : Graal, 1985. - Vols. 03 - O cuidado de si.

_____ Microfísica do poder - Rio de Janeiro : Graal, 1986.

_____ Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro:

Forense Universitária, 2001. Ditos & Escritos vol. III.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo, Brasiliense, 1985.

FRY, Peter. Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

GAMSON, Joshua. Deben autodestruirse los movimientos identitarios? Un extraño

dilema. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades transgresoras. Una antología

de estudios queer. Barcelona: Icaria editorial, 2002, p. 141 a 172.

GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis, Vozes, 1986.

GUIMARÃES, Carmem D. O homossexual visto por entendidos. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1977.

GEERTZ Clifford A interpretação das culturas - Rio de Janeiro : LTC, 1989.

_____. Nova luz sobre a antropologia - Rio de Janeiro : Jorge Zahar , 2001.

GOLDENBERG Mirian Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca - Rio de Janeiro : Record, 2002.

GONTIJO F. S. Rei Momo e o Arco-Iris: etnografia da construção social das imagens identitárias homossexuais através do carnaval do Rio de Janeiro // Ensaios Reunidos: Coletânea do Mestrado em Letras - UFPI. - Teresina : Halley, 2005. - pp. p. 15-46.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Haraway, Donna. "Género para un diccionario marxista: la política sexual de una palabra". En: Ciencia, cyborgs y mujeres. La reivención de la naturaleza. Madrid, Cátedra. Colección feminismos, 1995, pp. 213-251.

HEILBORN, Maria Luiza ; SORJ, Bila . Estudos de gênero no Brasil (1975-1995). In: Sérgio Miceli. (Org.). O que ler na ciência social brasileira. São Paulo: Sumaré, 1999, v. , p. 183-221.

JEUDY Henry-Pierre O corpo como objeto de arte. São Paulo : estação liberdade, 2002.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W;

GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90 – 113.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

LE BRETON David A sociologia do corpo [Livro]. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2006.

LE BRETON David Adeus ao corpo: antropologia e sociedade [Livro]. - Campinas-SP : Papirus, 2003.

LEONINI Luisa. Os clientes das prostitutas: Algumas reflexões a respeito de uma pesquisa sobre a prostituição em Milão. In: SCHPUN, Mônica R(organizadora). Masculinidades. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio de S. e VERAS, Alexandre(org) Nietzsche e Deleuze: intensidade e paixão. Rio de Janeiro: Résume Dumará, 2000.

LOPES Denílson O Homem que amava rapazes e outros ensaios [Livro]. - Rio de Janeiro : Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO Paula S. O sexo dos anjos : um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo(como se fosse) natural [Periódico] // Cadernos Pagu. - [s.l.] : Núcleo de estudos de gênero. UNICAMP, 2005.

MACRAE, Edward. 1990. A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campinas, Ed. da Unicamp

MAFFESOLI Michel No fundo das aparências - Petrópolis : Vozes, 1999.

_____ O elogio da razão sensível - Petrópolis : Vozes, 1998.

_____ O instante eterno - São Paulo : Zouk, 2003.

_____ .A conquista do presente. Natal, Argos 2001.

_____ A sombra de Dionísio. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

_____ Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas.Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____ A contemplação do mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995.

_____ O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense universitária,2000.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do pacífico ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1976. 436 p. (Pensadores(os); v.43)

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo, Martins Fontes, 1979

MISKOLCI, R. ; PELUCIO, Larissa . Fora do Sujeito E Fora do Lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis que se prostituem. *Gênero*, v. 7, p. 257-267, 2007.

MEAD, M. (1979, or.1935): *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*. São Paulo: Perspectiva

NOVAES, Adauto(organizador). *O desejo*. São Paulo: Companhia das letras,1990.

ONFRAY, Michel. *A arte de ter prazer: por um materialismo hedonista*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

----- . *A política do rebelde: tratado de resistência e insubmissão*. Rio de Janeiro: Rocco,2001.

ORTEGA Francisco *Cadernos de Saúde Coletiva*. - Rio de Janeiro : [s.n.], 2003. - 01 : Vol. Vol.11. - pp. 59-77.

ORTNER, Sherry B.. Subjetividade e crítica cultural. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, Dec. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200015&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Apr. 2008. doi: 10.1590/S0104-71832007000200015.

PELÚCIO Larissa M *Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem* Revista de estudos feministas. - Florianópolis : [s.n.], maio-agosto de 2006.. - p. 14(2):248.

PERLONGHER, Nestor. 1987 *O negócio do michê*. São Paulo: Brasiliense.

PISCITELLI, A. G. . Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. In: AGUIAR, Neuma. (Org.). *Gênero e ciências humanas, desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998, v. , p. 49-67.

PRECIADO, Beatriz. *Manifiesto contra-sexual: prácticas subversivas de identidad sexual*. Madrid, Pensamiento Opera Prima, 2002.

----- . « Multitudes Queer. Notes por une politique des anormaux ». In: *Multitudes* V2, No. 12, p.17-25. Féminismes, queer, Multitudes, Paris, 2005.

_____. "Entrevista com Beatriz Preciado (por Jesús Carrillo)". *Cadernos Pagu* (28), 2007, p.375-405.

SANT'ANNA Denise B. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea* [Livro]. - São Paulo : Estação liberdade, 2001.

SCOTT Joan Wallach.. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* [Periódico] // *Educação e Realidade*. - Porto Alegre : [s.n.], Jul/dez de 1995. - 20(2). - pp. 71-99.

_____. "A Invisibilidade da Experiência". In: **Projeto História**. São Paulo, 1998, p.297-325.

SEGATO, Rita Laura . *A Natureza do Gênero na Psicanálise e na Antropologia*. Série Antropológica, Brasília, v. 146, 1993.

_____. *Os Percursos do Gênero Na Antropologia e Para Além Dela.. Sociedade e Estado* (Volume dedicado a Feminismos e Gênero), Brasília, v. XII, n. 2, p. 235-262, 1997.

SILVA, Hélio R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Iser, 1993

_____. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SONTAG, Susan. *Notas sobre o Camp*. In: *Contra a interpretação*. Porto Alegre: LPM, 1987, p. 318 a 337.

SWAIN, Tania Navarro. *Identidade Nômade: heterotopias de mim*. RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. *As Teorias da Carne: corpos sexuados, identidades nômades*. IN: *Labrys, estudos feministas*. n. 1-2, jul-dez. 2002. Disponível em: www.unb.br/ih/his/gefem. Acesso em Julho de 2005.

_____. *Lesbianismos, cartografia de uma interrogação*. In: In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri R.S.; SOUZA, Nádia Geisa S.; GOELLNER, Silvana Vilodre; SOUZA, Jane Felipe. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade - discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Editora da FURG, 2007, p. 9-17.

SOUSA FILHO, Alípio de. Medos, mitos e castigos: notas sobre a pena de morte. São Paulo, Cortez, 1995.

TIBURI Márcia e KEIL Ivete Diálogo sobre o corpo [Livro]. - Porto Alegre : Escritos editora, 2004.

VENCATO Anna Paula Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina // Dissertação de Mestrado). - Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

VENCATO, Anna Paula. Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação. Cad. Pagu, Campinas, n. 24, June 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100011&lng=en&nrm=iso>. access on 05 Apr. 2008. doi: 10.1590/S0104-83332005000100011.

VILLAÇA Nízia e GÓES Fred Em nome do corpo [Livro]. - Rio de janeiro : Rocco, 1998.

ANEXOS

Anexo A - PERFIL DAS ENTREVISTADAS

Drags	Idade	Ocupação	Escolaridade
Junior/Shakira Kiloshana	40 anos	Diretor artístico do Zás trás/ diretora artística da Vogue	Segundo grau completo
Bruno/Bruna Cicarelli	20 anos	Vendedor	Cursando publicidade/jornalismo
Alysson/Dara Scaranz	25 anos	Cabelereiro/maquiador	Segundo grau completo
Adriano/ Pietra Ferrari	24	Vendedor	Segundo grau completo

Travestis	Idade	Ocupação	Escolaridade
Rebeca	36	Profissionais do sexo	Segundo grau incompleto
Kelly	35	Profissionais do sexo	Primeiro grau incompleto
Marcela	35	Profissionais do sexo	Primeiro grau completo
Jô	30	Profissionais do sexo	Primeiro grau completo
Bia	30	Professora de Inglês e Literatura	Graduação em letras
Leilane	25	Professora de História	Doutoranda em História pela UFRN